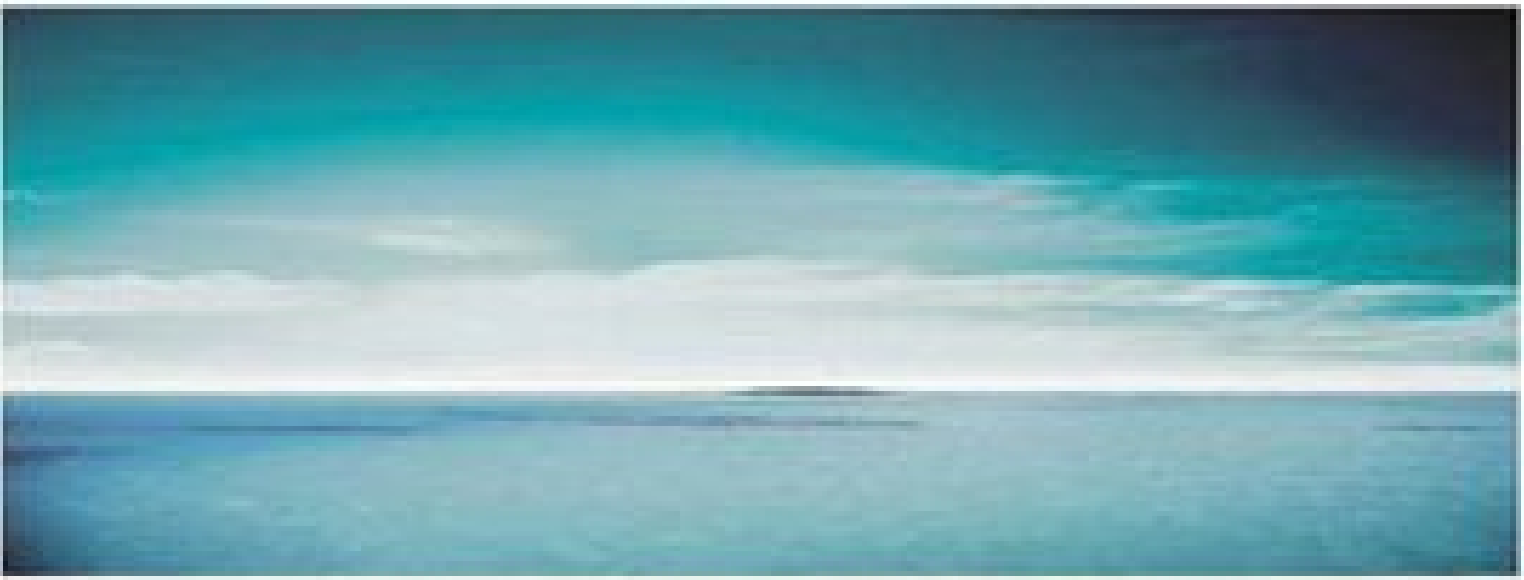
AUGUSTO CURY

Análise da Inteligência de Cristo ~ 3



O Mestre da Vida

Jesus, o maior educador da história

CONTATOS COM O AUTOR

www.academiadeinteligencia.com.br

e-mail: jcury@mdbrasil.com.br

Tel: (0xx17) 3342-4844



Augusto Cury

Análise da inteligência de Cristo

O Mestre da Vida

O "mestre da vida" fez de sua história uma poesia, mesmo preso e torturado. Suas lições inesquecíveis resgatam o sentido da vida e o prazer de viver.



Copyright©Editora Academia de Inteligência

2001

Produtora Executiva

Suleima Cabrera Farhate Cury

Capa e projeto gráfico

Lau Baptista

Revisão

Cláudia J. Alves Caetano

Editoração eletrônica

lau.dgn - design & comunicação

C982m

Cury, Augusto Jorge

O mestre da vida / Augusto Jorge Cury –

São Paulo: Academia de inteligência, 2001.

200p.; 21cm. – (Análise da inteligência de

Cristo)

ISBN 85-87643-04-5

1. Jesus Cristo. 2. Jesus Cristo – Psicologia.

I. Título. II. Série

CDD 232

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Academia de Inteligência

Telefax: (17) 3342-4844

Endereço na Internet: **http://www.academiadeinteligencia.com.br** E-mail:

academiaint@mdbrasil.com.br

Dedico este livro a todos aqueles que

não desistem de si mesmos, e que descobriram que a vida é o maior de todos os

*espetáculos – **um espetáculo dado pelo***

Autor da existência.

Àqueles que, mesmo com lágrimas, anseiam

pelo direito de ser livres e felizes...

SUMÁRIO

Prefácio ---------- 09

Capítulo 1

As Causas Sociais do Julgamento ---------- 13

Capítulo 2

O Mestre da Vida Paralisando os Soldados ---------- 31

Capítulo 3

O Poderoso e Dócil: Um Exímio Psicoterapeuta ---------- 45

Capítulo 4

Rejeitado e Torturado na Casa de Anás ---------- 57

Capítulo 5

Condenado na Casa de Caifás pelo Sinédrio ---------- 81

Capítulo 6

Os Homens do Império Romano na

História de Cristo: O Pano de Fundo ----------

107

Capítulo 7

O Julgamento pelo Império Romano ---------- 119

Capítulo 8

Dois Herodes Violentando Jesus ----------
133

Capítulo 9

Trocado por um Assassino.

Os açoites e a Coroa de Espinhos ---------- 141

Capítulo 10

A Última Cartada da Cúpula Judaica ---------- 155

Capítulo 11

O Mais Ambicioso Plano da História ---------- 179

Capítulo 12

A Inteligência de Deus: O Todo

Poderoso tem O que Aprender? ----------
209

Capítulo 13

As Lições e Treinamento da

Emoção do Mestre da Vida ----------
225

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

Prefácio

Nós nos alegramos pelo fato da coleção “Análise da Inteligência de Cristo” estar sendo publicada em diversos países e ajudando milhares de leitores. Meu desejo inicial era de publicar apenas três livros. Todavia, a personalidade de Cristo é tão espetacular que à medida que comecei a investigá-la mais profundamente percebi que três livros seriam insuficientes.

Pensava, por exemplo, em escrever um livro sobre os enigmas e as lições de vida presentes no julgamento e na morte de Jesus. Não foi possível. Há tantos eventos presentes no seu julgamento e crucificação que os abordarei em dois livros. Esses momentos da história de Cristo são tão complexos e relevantes que mudaram as páginas da história. Da sua prisão ao último suspiro na cruz decorreram menos de 24 horas, mas foi o suficiente para que se contasse a história antes de Cristo (a.C.) e depois de Cristo (d.C.). Toda vez que escrevemos o ano em que estamos, testemunhamos que Jesus Cristo dividiu a história.

Um dia, eu e o leitor morreremos e, com o passar do 9

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

tempo, cairemos nas raias do esquecimento. No máximo algumas pessoas mais íntimas se lembrarão de nós e sentirão o calor da saudade. Todavia, o mestre dos mestres é inesquecível. As reações emocionais e os pensamentos que teve no ápice da dor fogem completamente ao que se poderia esperar de um homem no seu caos.

Neste livro, “O Mestre da Vida”, analisaremos as profundas lições que eles nos deixou durante sua vida e particularmente durante sua prisão, julgamento e condenação à morte. A maneira como ele superou sua dor, venceu o medo, suportou a humilhação pública e preservou sua lucidez num ambiente inóspito nos deixa atônitos. Este livro termina quando ele sai sangrando da fortaleza Antônia, a casa de Pilatos, sentenciado à morte e carregando a cruz.

No próximo livro, “O Mestre do Amor”, estudaremos os fatos fundamentais que ocorreram na sua longa caminhada até o Gólgota e os fenômenos misteriosos e

palavras inigualáveis que ele proferiu durante a sua crucificação. Jesus foi um mestre do amor até o seu coração silenciar-se.

Outro livro que fará parte desta coleção será “O Mestre Inesquecível”. Nele investigaremos o perfil psicológico dos discípulos antes da morte do seu mestre, tais como seus conflitos, dificuldades, temores e no que eles se transformaram nas décadas seguintes. Estudaremos a mais profunda revolução ocorrida em pessoas incultas. Galileus iletrados e sem grandes qualificações intelectuais desenvolveram as funções mais importantes da inteligência, sofreram uma profunda mudança no cerne de seu espírito e alma e, por fim, incendiaram o mundo com a mensagem do carpinteiro da vida.

Os leitores que não tiveram oportunidade de ler os livros seqüencialmente não precisam se preocupar, pois eles podem ser lidos separadamente.

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

Agradeço a todos os leitores, entre os quais reitores de universidades, médicos, psicólogos, professores, empresários, jovens, adultos, bem como aqueles que não tiveram condições de fazer um curso superior, mas que são igualmente dignos, que nos têm enviado e-mails e cartas animadoras, revelando que abriram as janelas de suas vidas e arejaram suas emoções após a leitura destes livros.

Alegro-me também porque muitas pessoas procedentes de diversas religiões nos escreveram dizendo-se encantadas com a personalidade do mestre dos mestres, expressando que reacenderam a chama de amor por ele e que através deste amor têm aplainado as suas diferenças. Animo-me em saber que ateus têm sido ajudados por estes textos e que pessoas pertencentes a religiões não cristãs têm igualmente comentado que suas vidas ganharam um novo alento após a leitura desta coleção.

Estou contente pelo fato de diversas faculdades de pedagogias e outros cursos, bem como escolas secundárias estarem adotando estes livros, objetivando estimular a arte de pensar e as funções mais importantes da inteligência tanto dos professores como dos seus alunos.

Apesar deste avanço, ainda demorará muitos anos para que a Psicologia e a Educação percebam o erro que cometeram por não ter investigado a personalidade de Jesus Cristo e utilizado sua riquíssima história, bem como o treinamento da emoção e os mecanismos psíquicos e pedagógicos que ele utilizava para prevenir doenças psíquicas e gerar homens livres, felizes e líderes do seu próprio mundo.

As reações de encantamento pelo “mestre da vida” que as pessoas têm manifestado com esta coleção não são frutos de minha habilidade como escritor, mas da excelência do personagem que descrevo. Tenho convicção das minhas 11

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

limitações e das deficiências da linguagem para descrever a sua grandeza.

Torturado, ele demonstrou grandiosa coragem e segurança.

No extremo da dor física, produziu frases poéticas. No topo da humilhação social, expressou serenidade. Quando não havia condições de proferir palavras, ensinou pelo silêncio, pelo olhar, pelas reações tranqüilas e, algumas vezes, pelas suas lágrimas.



○○○○○○○○○○○○○○○○○

○○

C A P Í T U L O 1

AS CAUSAS SOCIAIS

DO JULGAMENTO

As Causas Sociais do Julgamento

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

Passos apressados, rostos contraídos, uma

preocupação intensa permeava uma escolta de soldados que caminhavam numa noite densa. Tinham ordens expressas para prender um homem, apenas um homem. Ele não usava armas e nem pressionava as pessoas a segui-lo, entretanto agitava toda uma nação, perturbava as convicções dos seus líderes, dilacerava os preconceitos sociais, propunha princípios de vida e discursava sobre as relações humanas de uma maneira nunca vista.

Jerusalém era uma das maiores e mais importantes cidades do mundo antigo. Era berço de uma cultura milenar. Os homens daquela cidade viviam da glória do passado. Agora, estavam sob o jugo do império romano e nada os animava. Entretanto, apareceu alguém que mudou a rotina da cidade. Nela não se comentava outra coisa, a não ser sobre um homem que fazia atos inimagináveis e possuía uma eloqüência espantosa. Um homem que se esforçava para não ser assediado, mas não tinha êxito, pois quando abria a sua boca, incendiava os corações. As pessoas se apinhavam, acotovelavam-se, para ouvi-lo.

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

O carpinteiro de Nazaré com suas mãos entalhava madeira; com suas palavras, a emoção humana. Como pode alguém com as mãos tão grossas ser tão hábil em penetrar nos segredos da alma humana?

Embora fosse tão dócil, os líderes da sua sociedade tentaram assassiná-lo várias vezes por apedrejamento e não conseguiram. Tentaram fazê-lo cair em contradição, tropeçar em suas palavras, mas sua inteligência deixava seus opositores atônitos.

Sua fama aumentava a cada dia. Milhares de pessoas aprendiam o alfabeto do amor. Ficava cada vez mais difícil conseguir prendê-lo. Entretanto, um fato novo deu um alento aos seus inimigos. Um dos discípulos, contrariando tudo o que viu e ouviu dele, resolveu traí-lo.

O amanhã é um dia incerto para todos os mortais. Jesus, para o espanto dos seus discípulos, comentava que sabia de todas as coisas que lhe sobreviriam. Que homem é este que penetrava no túnel do tempo e se antecipava aos fatos? Sabia que ia ser traído. Então, resolveu facilitar sua prisão, pois, segundo sua firme convicção, havia chegado o momento de passar pelo mais dramático caos pelo qual um ser humano pode passar.

Todos fogem do cárcere, ele o procurou.

Então, longe da multidão, o mestre de Nazaré foi apenas com seus discípulos para um jardim, retirado de Jerusalém. Era uma noite fria e densa. Neste jardim, como vimos no livro “ O

Mestre da Sensibilidade”, ele dobrou o rosto sobre seus pés e, gemendo de dor, orava profundamente. Preparou-se para suportar o insuportável. Sabia que ia ser mutilado pelos seus inimigos. Aguardava a escolta de soldados.

16

As Causas Sociais do Julgamento

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

-
-
-

Estava ficando insustentável a presença de Cristo em Jerusalém. Os homens afloravam de todos os cantos e cidades para vê-lo. O assédio da multidão ficou mais intenso, porque poucos dias antes de sua morte, ele fez algo espetacular por seu amigo Lázaro em Betânia, uma pequena cidade ao redor de Jerusalém.

Freqüentemente perdemos o contato com nossa história.

Os amigos e as belas e singelas experiências do passado se tornam páginas que dificilmente folheamos. Jesus, ao contrário, apesar de ser tão famoso, nunca se esquecia das coisas singelas nem abandonava as pessoas simples que o amavam. Lázaro havia morrido há quatro dias. Nós sepultamos muitos amigos que estão vivos, nunca mais nos lembramos deles. Jesus, ao contrário, não se esquecia nem dos que tinham morrido. Por isso, foi visitar seu miserável amigo Lázaro.

O que se pode fazer para uma pessoa em estado de putrefação? Depois de 15 minutos de completa parada cardíaca, sem manobras de ressuscitação, o cérebro é lesado de maneira irreversível, comprometendo áreas nobres da memória. Tal situação pode causar determinado grau de deficiência mental, pois milhões de informações se desorganizam, impedindo que os quatro grandes fenômenos que lêem a memória e constroem cadeias de pensamentos sejam eficientes nesta magna tarefa intelectual*.

* Cury, Augusto J., Inteligência Multifocal, Editora Cultrix, São Paulo, SP, 1998).

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

A memória de Lázaro havia se tornado um caos

Se 15 minutos sem irrigação sanguínea podem lesar o cérebro, imagine o que não acontece em quatro dias de falecimento, como no caso de Lázaro. Não há mais nada a fazer.

Todos os segredos da memória deste homem se perderam de maneira irreparável. Bilhões, trilhões de informações contidas no córtex cerebral e que alicerçavam a construção da sua inteligência se transformaram num caos. Não há mais história de vida nem personalidade. A única coisa a ser feita era tentar consolar a dor das suas irmãs, Maria e Marta.

Toda vez que não havia mais nada para se fazer, aparecia o mestre da vida causando um tumulto nas leis da biologia e da física. Quando todo mundo estava desesperado, ele reagia com tranqüilidade.

Lázaro era uma pessoa conhecida e muitos judeus estavam lá consolando as suas irmãs. Quando Maria viu o mestre, lançou-se sobre seus pés e chorou. Ao vê-la chorar, bem como os judeus presentes, sua emoção mergulhou num profundo sentimento. Jesus chorou.

Chorou ao ver a dor, o destino e a fragilidade humana. O

homem Jesus chorava ao ver as lágrimas dos homens. Somos muitas vezes insensíveis à angústia dos outros, mas de seu olhar nem mesmo escapava o sentimento de inferioridade de uma prostituta ou de um leproso.

Ao chegar no lugar onde estava sepultado Lázaro, pediu que retirassem a pedra da tumba. Aflita, Marta argumentou sensatamente que seu irmão já cheirava mal, pois havia falecido há quatro dias. Marta olhava para o mundo possível;

Jesus, para o impossível. Com uma segurança inabalável, acalmou-a, dizendo que não temesse, mas apenas cresse.

18

As Causas Sociais do Julgamento

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

Retirada a pedra, Jesus não foi analisar clinicamente seu amigo, não foi verificar a condição de seus órgãos, nem muito menos se importou com o assombramento das pessoas com sua atitude. Manifestando um poder incompreensível, de quem está acima das leis da ciência, ordenou que Lázaro saísse para fora.

Para perplexidade de todos, um homem envolvido em ataduras sujeitou-se à sua ordem e saiu imediatamente ao seu encontro. Bilhões de células nervosas ganharam vida. Os arranjos eletrônicos que organizam as informações no córtex cerebral se reorganizaram. O sistema vascular se recompôs. Os órgãos foram

restaurados, o coração voltou a pulsar, enfim, a vida começou novamente a fluir de todos os sistemas daquele cadáver. Como isto é possível?

Nunca na história, até os dias de hoje, um homem clinicamente morto, cujo coração parou de bombear o sangue há vários dias, recuperou a vida, a memória, a identidade e a capacidade de pensar, como no caso de Lázaro. Jesus era verdadeiramente um homem, mas concentrava dentro de si a vida do Criador. Para ele não havia morte, tudo o que ele tocava ganhava vida. Que homem é este que faz atos que a medicina nem em seus delírios sonha em realizar?

Retirando a pedra

Há uma consideração a fazer nesta passagem. Ele fez um dos maiores milagres da história. Contudo, antes de fazê-lo, pediu para que os homens retirassem a pedra da tumba.

Se tinha tanto poder para ressuscitar um homem, por que não tinha poder para removê-la? Primeiro é necessário tirar a pedra do medo, da insegurança, do desespero, para que ele possa intervir.

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

Sem o crer do homem, sem sua cooperação, ele pode agir, mas raramente age. Para Jesus Cristo, o maior milagre não é a cura sobrenatural de um corpo doente, mas superar o medo, a infelicidade e a ansiedade de uma alma doente.

A morte é o maior problema dos mortais

Os psiquiatras só conseguem ter determinado sucesso no tratamento de uma pessoa psiquicamente doente, porque os antidepressivos, ansiolíticos e antipsicóticos atuam no metabolismo de um cérebro vivo, pois num cérebro morto não há nada para se fazer. Os médicos dependem da existência da vida para exercer sua profissão, com exceção dos legistas. A medicina nasce quando o homem é concebido e morre quando ele falece. A maior derrota da medicina é a morte.

Pelo desejo do mestre de Nazaré, seu amigo Lázaro saiu do caos cerebral para a plena sanidade. Muitos testemunharam este fato. Será que este acontecimento poderia ser considerado um delírio coletivo?

Não! O relato dessa passagem evidencia que Jesus não fez um discurso atuando na emoção das pessoas, não induziu o sonho e a fantasia humana. Aliás, em todos os seus atos sobrenaturais havia uma estrita economia de palavras e uma eloqüência dos gestos. Além disso, ele resgatou a vida de Lázaro ante a desconfiança dos presentes.

A fama de Jesus, que já era enorme, se tornou incontrolável depois que trouxe Lázaro à vida. Os líderes judeus, que já haviam tentado matá-lo sem êxito, tentavam conter a fama de Jesus, mas não tinham sucesso.

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

Desanimados, diziam uns para os outros: “eis que o mundo vai adiante dele” **1**. Ou os líderes judeus o eliminavam ou se rendiam a ele.

Os motivos sociais que levaram

Jesus ao julgamento

Os comportamentos do mestre de Nazaré incomodavam a todos que se preocupavam mais com a aparência do que com a realidade, aqueles que tinham sede pelo poder e amavam o individualismo. Até seus discípulos ficavam incomodados com sua postura.

Alguns deles clamavam para que ele não se ocultasse, que se manifestasse claramente ao mundo. Gostariam de ver a cúpula judaica e romana se dobrar diante dele. Desejavam ver o seu mestre no mais alto patamar social, acima de todos os homens, e quando estivessem lá, queriam desfrutar de sua posição.

Entretanto, ele os chocava com seu comportamento.

Apesar de ser tão poderoso, queria ter o mais baixo status social. Apesar de ser livre como nenhum homem, almejava ser um escravo da humanidade. Não concebiam a idéia de alguém tão grande gostar de se fazer tão pequeno. Esqueceram-se de sua origem, não se recordavam de que por se fazer tão pequeno o mestre os alcançou.

Uma única vez aceitou estar acima dos homens, quando esteve pendurado na cruz e se tornou um espetáculo de vergonha e dor. Como pode uma pessoa que tinha tudo para ter todos os homens aos seus pés ter preferido estar aos pés do mundo?

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

Não conseguia ser ocultado

Jesus era um fenômeno social impossível de ser ocultado.

Embora preferisse uma vida simples, sem ostentação, ele não conseguia se ocultar. A cúpula judaica tinha medo de que Jesus pudesse ser encarado como um movimento revolucionário contra Roma. Muitos movimentos sediciosos já tinham sido sufocados impiedosamente pelo império romano, mas o

"fenômeno" Jesus era, com certeza, o maior e o mais incontrolável de todos.

O mestre da vida não era apenas seguido por inúmeras pessoas, mas causava algo no território da emoção delas. Elas se apaixonavam por ele. Numa terra em que imperava o medo, a labuta social e as incertezas da vida, o amor floresceu como na mais bela primavera.

Homens ricos e pobres, cultos e iletrados, que nunca aprenderam as lições mais básicas do amor, aprenderam a admirar e a amar um carpinteiro. Muitos se remoíam em seus leitos esperando os primeiros raios de sol para procurar aquele que lhes havia dado um novo sentido de vida.

A relação afetiva que Jesus tinha com a multidão era insuportável para a cúpula judaica. *Ficavam apavorados com a possibilidade de uma intervenção de Roma nos movimentos populares em torno do mestre de Nazaré. Perderiam seus cargos e as benesses do poder que a relação com o império lhes propiciava. Naquela época, até o sumo sacerdote era eleito pela política romana**.

Contudo, não apenas o medo da intervenção romana os preocupava.

Estudaremos que a inveja também os torpedeava. Nunca tiveram uma

* Josefo, Flávio, A história dos Hebreus, Editora CPAD, Rio de Janeiro, RJ, 1990)

As Causas Sociais do Julgamento

○

○

○

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

pequena dose do prestígio de que o nazareno desfrutava. Outro assunto intragável era que os líderes de Israel não podiam aceitar as acusações que Jesus fazia contra eles. Entretanto, o que mais os perturbava era o fato daquele simples homem se declarar o

"Cristo", o ungido de Deus, o filho do Deus altíssimo.

Criticando o falso moralismo dos fariseus

Jesus era um homem corajoso. Conseguia dizer o que pensava mesmo quando colocava sua vida em risco. Dizia que os fariseus limpavam o exterior do copo, mas não se importavam com seu conteúdo.

O mestre era delicado com todas as pessoas, inclusive com seus opositores, mas em algumas oportunidades criticou com contundência a hipocrisia humana. Disse que os mestres da lei judaica seriam drasticamente julgados, pois atavam pesados fardos para as pessoas carregarem, mas eles nem com um dedo o suportavam**2**.

Quantas vezes também não somos rígidos como os fariseus, exigindo das pessoas

o que elas não conseguem suportar e nem o que nós mesmos conseguimos realizar. Exigimos calma dos outros, mas nós somos impacientes, irritadiços e agressivos.

Pedimos tolerância, mas nós somos implacáveis, excessivamente críticos e intolerantes. Queremos que todos sejam estritamente v e r d a d e i r o s , m a s n ó s s i m u l a m o s n o s s o s comportamentos, disfarçamos nossos sentimentos. Desejamos que os outros valorizem o interior, mas somos consumidos pela estética social.

Temos de reconhecer que às vezes damos excessiva atenção à estética social, ao que as pessoas pensam e falam de nós, mas não nos preocupamos com aquilo que corrói nossa alma.

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

Podemos não prejudicar a outros com nosso farisaísmo, mas nos autodestruímos por não intervirmos em nosso mundo, por não sermos capazes de fazer uma faxina em nossos pensamentos negativos, inveja, ciúme, ódio, orgulho, arrogância, autopiedade.

Abalando os líderes de Israel

com suas parábolas

Certa vez, o mestre foi convidado para comer na casa de um fariseu**3**. Era um sábado. Havia muitos convidados e todos o observavam. Estavam atentos para ver alguma falha nele, principalmente se desrespeitaria o sábado curando alguém.

Como sempre acontecia, mais uma pessoa miseravelmente doente apareceu e mais uma vez ele abalou a rigidez dos moralistas.

Antes de fazer um milagre, fitou os convidados e perguntou-lhes se um filho ou um boi caísse num poço em dia de sábado, se eles não o socorreriam imediatamente. Ninguém lhe deu resposta, ficaram emudecidos; alguns, envergonhados.

O mestre da vida aproveitou a ocasião para contar-lhes mais uma parábola que combatia frontalmente a necessidade compulsiva de prestígio e poder social. Como exímio contador de histórias, falou-lhes que se eles fossem convidados para um casamento não deveriam procurar sentar-se nos primeiros lugares, para que vindo o noivo não os retirasse daquela posição para dar lugar a pessoas mais importantes que eles. Estimulou-os a procurarem o último lugar, para que, quando viesse o que lhes convidara e pedisse para que se sentassem num lugar mais privilegiado, fossem honrados diante dos demais convivas.

Nesta mesma passagem, este brilhante contador de histórias foi mais longe. Dilacerou o individualismo, o 24

As Causas Sociais do Julgamento

○

○

○

egocentrismo e a troca de favores que permeiam o consciente e o inconsciente humano. Abordou um princípio chocante que raramente é praticado, mesmo por aqueles que se dizem hoje seus mais ardentes seguidores**4**.

Pediu-lhes que quando preparassem um jantar não convidassem os poderosos, os ricos e os amigos, porque eles têm como retribuir. Estimulou-os a convidar os cegos, os coxos, os aleijados e os pobres, pois eles não têm como dar qualquer retribuição. Segundo ele, a retribuição seria dada por aquele que vê em secreto, pelo Autor da vida.

Desejava que cuidássemos dos aleijados, não apenas dos que têm o corpo mutilado, mas também dos que não conseguem andar nesta turbulenta existência. Almejava que ajudássemos os cegos, não apenas os que não enxergam com olhos, mas os que são cegos pelo medo, pela dor da depressão, pelas perdas e frustrações.

Quem ama as pessoas desprezadas como ele amou? Quem acaricia os humildes de nossa espécie e os honra como seres humanos ímpares? Quem empresta seu tempo, sua atenção, sua emoção para aquecer os feridos de alma? Com suas palavras simples e profundas o mestre golpeou drasticamente não apenas os

fariseus, mas todos nós.

O egoísmo, o orgulho e o individualismo são “vírus” da alma que nunca morrem. Você pode controlá-los, mas nunca eliminá-los. Se não os combater continuamente, eles um dia eclodirão sorrateiramente, infectando nossa emoção e nos distanciando paulatinamente das pessoas.

Um amor que valoriza cada ser humano

O Mestre se preocupava com todas as pessoas que sofriam.

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

O amor que tinha por elas o incomodava. Ele gastava tempo procurando aliviar suas dores, resgatar sua auto-estima, estimulando-as a não desistir da vida. Desejava ardentemente que cada pessoa não se sentisse inferior diante do desprezo e das dificuldades sociais que viviam.

A emoção do mestre era imensurável; a dos fariseus, estreita. Se alguém almejasse ser seu discípulo, tinha de alargar os horizontes do seu pequeno mundo e incluir as pessoas, tinha de se deixar ser invadido por um amor que o impelisse a cuidar delas.

Cristo dizia que os sãos não precisavam de médicos. Os fariseus, embora estivessem doentes em sua alma, se consideravam abastados, plenamente sadios, portanto não precisavam dele.

Para o mestre, o importante não era a doença do doente, mas o doente da doença. O importante não era o quanto as pessoas estavam doentes, o quanto erraram ou estavam deprimidas e angustiadas, mas o quanto elas reconheciam suas misérias emocionais. Os que tinham coragem para reconhecer-se doentes, sentiam mais o calor do seu cuidado. Os moralistas, por serem auto-suficientes, nunca se aqueceram com as chamas de sua emoção.

Princípios que ultrapassam o sonho

de todo humanista

Ninguém estabeleceu princípios humanísticos e elevou a solidariedade a degraus tão altos como o mestre dos mestres da escola da vida.

Nem os filósofos que usaram o mundo das idéias para combater frontalmente as injustiças humanas se preocuparam 26

As Causas Sociais do Julgamento

○

○

○

○

○

○

o

o

o

o

o

o

o

o

o

tanto com a dor humana. Nem o mais humano dos capitalistas, que divide os lucros das suas empresas com seus funcionários e usa parte dos seus bens para fazer doações sociais, foi tão longe em honrar as pessoas mais desprivilegiadas. Até mesmo os ideólogos marxistas não atingiram patamares tão altos em seus devaneios humanísticos.

Ele criticava contundentemente a falta de humanidade dos fariseus e dos mestres da lei. Opunha-se ao julgamento preconcebido que faziam das pessoas, à arrogância deles; mas sua crítica não era grosseira, mas suave. Ele usava simples e sábias parábolas para os incentivar a pensar e reciclar os fundamentos de suas vidas.

Os fariseus lavavam as suas mãos antes de comer, mas aceitavam que o lixo psicológico entulhasse suas vidas. Eram ousados em apontar o dedo para os erros dos outros, mas eram tímidos para reconhecer suas próprias fragilidades. Todos os que não têm coragem para apontar o dedo para si mesmos nunca corrigirão as rotas da sua história.

Um homem na contramão de todos

os paradigmas religiosos

A cúpula judaica considerava-se representante de Deus na terra. Os assuntos de Deus eram a especialidade deles. Com a chegada de Jesus, todos deveriam estar extasiados, alegres e dispostos a servi-lo e a abandonar todos os preconceitos religiosos. Entretanto, como poderiam servir a um Cristo que nasceu num

estábulo e cresceu numa cidade desprezível, fora da esfera dos doutores da lei? Como poderiam ser ensinados por um Cristo que se escondeu na pele de um carpinteiro e tinha as mãos grossas oriundas de um trabalho pesado? Como poderiam amar 27

Análise da Inteligência de Cristo - O Mestre da Vida

-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

e se envolver com alguém que era amigo de pecadores, que acolhia as prostitutas e jantava na casa dos malditos coletores de impostos?

No conceito dos fariseus da época, o filho do Altíssimo deveria ter nascido em Jerusalém, em berço de ouro, ter a pele rosada, não se misturar com a plebe nem se envolver com pecadores. Jesus era a antítese de tudo que imaginavam sobre o Cristo. Não podiam se dobrar aos pés de um homem que os combatia

dizendo que eles procuravam os primeiros lugares nos jantares e nas sinagogas e faziam longas orações com o objetivo de serem elogiados pelos homens**5**.

Por todos estes motivos, o mestre de Nazaré era drasticamente rejeitado pela cúpula judaica. Ele literalmente atordoava os sacerdotes e todos os partidos de Israel: os fariseus, os saduceus e os herodianos.

Cada vez que Jesus abria a boca, perturbava o sono da cúpula judaica. Embora, em alguns momentos, os membros desta cúpula o admirassem e ficassem confusos com sua sabedoria, o consideravam autor da maior heresia que alguém já proferira na face da terra. Não podia ser ele o Cristo, este teria de combater Tibério e todo o império romano e não eles, os zelosos da religião judaica.

Diante de tal blasfêmia, os líderes de Israel decidiram que ele tinha de morrer rapidamente. Por isso, como estudaremos, o seu julgamento foi acelerado. Muitos dos que estudam o julgamento de Cristo não têm noção da seqüência dos eventos e da rapidez com que eles aconteceram.

Os líderes judeus tentaram matá-lo anteriormente, mas falharam. Agora ele estava famoso demais. A multidão tinha de ser pega de surpresa e o ônus da sua morte tinha de recair sobre a política romana. Como fazer isto? Uma tarefa dificílima. Uma 28

As Causas Sociais do Julgamento

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

grande revolta poderia acontecer. Então, Jesus, para a nossa surpresa, facilitou este processo. Foi ao Jardim do Getsêmani se entregar sem qualquer tumulto.

A cúpula judaica desejava matá-lo, mas ela jamais imaginava que ele também tinha um desejo ardente de morrer. Veremos que ele não fez literalmente nada para se safar do seu julgamento injusto, humilhante e torturante.

Nunca os homens tiveram tanto desejo de matar uma pessoa sem saber que ela mesma estava tão disposta a morrer.

Jamais se teve notícia de um homem tão feliz e sociável, que contemplava os lírios dos campos e se colocava como a fonte do prazer humano, que desejasse atravessar a mais humilhante e sofrida travessia da morte! Sem dúvida, ele teve a personalidade mais interessante e intrigante da história.



○○○○○○○○○○○○○○○○○

○○○

C A P Í T U L O 2

O MESTRE DA VIDA

PARALISANDO OS

SOLDADOS

O Mestre da Vida Paralisando os Soldados

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

Perturbando os soldados

As tentativas fracassadas para prendê-lo não eram apenas devido ao assédio da multidão, mas também porque ele era um réu incomum, alguém que confundia até os soldados incumbidos de prendê-los. Certa vez, a cúpula judaica enviou uma grande quantidade de soldados para aprisioná-lo. Era uma grande festa judaica. No último dia da festa, mesmo sob o risco iminente de ser preso, Jesus levantou-se e mais uma vez deixou estarrecidos todos seus ouvintes. Nem os soldados escaparam de ficar boquiabertos.

Maravilhados, os soldados não conseguiram prendê-lo.

Comentei no livro “Mestre dos Mestres” que a Psiquiatria, com todo arsenal antidepressivo, trata das depressões e dos demais transtornos emocionais, mas não sabe como fazer o homem feliz. O mestre nesse discurso comentou altissonante que ele poderia gerar um prazer pleno no homem que nele cresse, um prazer que fluiria do cerne do espírito e da alma humana.

Nas sociedades modernas, a indústria do entretenimento 33

○

○

○

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

expressa pelo cinema, shows, turismo, esportes, parques de diversões, é um dos setores que mais cresce no mundo. Porém, um paradoxo salta aos olhos. Nunca tivemos uma indústria de entretenimento tão grande e um homem tão triste, propenso ao stress e a diversas doenças psíquicas. O homem moderno tem picos de prazer, mas não tem uma emoção estável, contemplativa e feliz.

Qual é o termômetro da qualidade de vida no mundo atual? A Psiquiatria. Quanto mais importante for a psiquiatria nas sociedades modernas mais os indicadores apontam que nossa qualidade de vida está piorando. Infelizmente, nossos consultórios estão cheios. A psiquiatria e a psicologia clínica terão grande importância no terceiro milênio, pois teremos um homem cada vez mais doente, um homem que gerencia mal seus pensamentos e protege inadequadamente sua emoção diante dos estímulos estressantes

O discurso de Jesus sobre o prazer pleno se confronta com o alto índice dos transtornos emocionais da atualidade.

Os soldados ficaram petrificados. Voltaram de mãos vazias. Os que os enviaram ficaram indignados ao ouvi-los dizer que não o prenderam porque “nunca alguém falou como este homem” **6**.

Não pára por aqui o choque que esses soldados levaram.

A noite em que foi preso foi coroada de eventos surpreendentes.

Os soldados ficaram paralisados diante do suposto criminoso.

Vejamos os eventos.

O traidor e a escolta

O discípulo traidor veio com uma grande escolta que portava lanternas e tochas. A escolta era composta de uma

"coorte" **7**. Uma coorte romana contém cerca de trezentos a 34

O Mestre da Vida Paralisando os Soldados

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

seiscentos homens. Era uma quantidade grande de soldados para prender apenas um homem. Mas o fenômeno Jesus justificava.

Os soldados esperavam pegá-lo desprevenido. Mas foi ele quem os surpreendeu. Antecipando-se aos fatos, despertou seus amigos dizendo-lhes que havia chegado a hora de ser preso.

Horas antes, na última ceia, o mestre disse que um dos discípulos iria traí-lo. Não citou seu nome, pois não gostava de constranger e expor ninguém publicamente.

Quando Jesus fez referência ao traidor, Judas teve uma oportunidade de ouro para refletir e se arrepender, mas ele não conseguia enxergar com os olhos do coração. Todavia, percebendo-lhe a mente incauta, o mestre teve uma atitude ousada. Ao invés de censurá-lo disse-lhe para fazer depressa o que tencionava**8**.

Traindo seu mestre pelo preço de um escravo, Judas combina entregá-lo. Tomou a frente da escolta e dirigiu-se ao jardim onde ele estava. Aqui há um fenômeno subjacente que precisamos compreender. Era de se esperar que o traidor se protegesse atrás dos soldados e, sob a luz das tochas e lanternas, apontasse de longe quem ele estava traindo.

Judas, embora estivesse cego, tateava o amor do seu mestre.

Sabia que ele era tão dócil que não corria risco algum se estivesse à frente da escolta. Tal reação acontece ainda hoje. Mesmo os que hoje rejeitam Jesus Cristo, quando dele se aproximam, quando lêem suas biografias, percebem que ele não oferece risco algum para suas vidas. O único risco é o de ser contagiado pelo seu amor.

A escolta de soldados não conhecia a amabilidade e gentileza de Jesus, só sabiam que tinham a missão de prender aquele que magnetizava as multidões e "perturbava" a nação de Israel.

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

Já analisei diversos tipos de personalidade, inclusive a de grandes homens da história. Nessas andanças analíticas pude constatar que as pessoas, ainda que sejam ilustres políticos, artistas, esportistas ou intelectuais, são comuns e previsíveis.

O mestre de Nazaré era totalmente incomum e

imprevisível. Ele era capaz de surpreender quando menino, quando adulto, quando livre, quando preso, quando julgado, quando crucificado e até quando seu coração, falido, batia pela última vez e seus pulmões combalidos emitiam um brado inesperado.

A sua prisão tem diversos eventos inusitados. Se pegarmos os textos dos quatros evangelhos e os sobrepormos, poderemos conferir que os soldados, no ato de sua prisão, ficaram extasiados com vários fatores. Os eventos foram tão atordoantes que eles caíram literalmente por terra ao dar voz de prisão a Jesus.

Em psicologia, a arte de interpretar é a arte de se colocar no lugar do outro e ver o mundo com seus olhos, com as variáveis que o envolvem, embora toda interpretação tenha limites. Vamos nos colocar no lugar dos soldados e na

perspectiva deles vamos observar as cenas, os gestos de Judas e as palavras de Jesus.

Traído com um beijo

Comentei o beijo de Judas no primeiro livro da coleção.

Ao ler esse texto, um leitor procurou-me dizendo que tinha aprendido uma grande lição com essa leitura. Comentou que tinha um inimigo e que freqüentemente pensava em matá-lo.

Entretanto, ao ver a atitude de Jesus diante do seu traidor, ficou tão sensibilizado que ocorreu uma revolução na sua maneira de pensar a vida. Procurou este inimigo, apertou-lhe a mão e o 36

O Mestre da Vida Paralisando os Soldados

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

perdoou. A conseqüência imediata é que ele desacelerou seus pensamentos, reciclou suas idéias negativas e desentulhou sua emoção.

Deste modo, resgatou novamente o prazer de viver. Como disse: a pior vingança que fazemos aos inimigos é perdoá-los, pois perdoando-os nos livramos deles.

Apesar de ter comentado o beijo de Judas no primeiro livro, gostaria de retomá-lo sinteticamente e abordá-lo sob a possível ótica daqueles que estavam incumbidos de prender o mestre de Nazaré.

É estranho ter sido traído com um beijo. Algumas traduções dizem que Judas o beijou afetuosamente. A escolta de soldados precisava de uma senha, mas provavelmente não raciocinara no enigma que ela trazia. Os soldados só foram cair em si depois que o fato ocorreu. Viram Judas beijar afetuosamente aquele que era considerado o mais perigoso homem para Israel. Ficaram pasmados, não imaginavam que o agitador da nação fosse tão dócil.

Muito menos Judas, que devia se conhecer muito pouco, tinha consciência do motivo pelo qual deu esse código de identificação para consumar sua traição. Se acordasse para a dimensão desse código, talvez retrocedesse. Judas não poderia traí-lo com injúrias e nem difamação, pois seu mestre só sabia amar e se doar. Talvez, um dia, se formos traídos por alguém, nossos traidores tenham argumentos para nos atacar e usem uma senha mais grosseira para nos identificar. Mas o mestre do amor era inatacável. Só um beijo poderia identificá-lo.

Tratando com amabilidade o seu traidor

A atitude tranqüila do mestre da vida não era a esperada 37

○

○

○

○

○

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

para uma pessoa que estava sendo traída e nem na iminência de ser presa. Os soldados não estavam entendendo o que estava acontecendo. Esperavam indignação e revolta de Jesus para com seu traidor, mas viram um beijo, momentos de silêncio e reações de amabilidade. Parecia mais um encontro de amigos. E era.

Por Jesus, Judas ainda era considerado um amigo. Nós freqüentemente rompemos com as pessoas. As frustrações que elas nos causam ferem mortalmente nosso encanto por elas. O

homem que dava a outra face não tinha inimigos. A atitude do mestre não era a de um pobre coitado, mas a de um homem indescritivelmente forte, alguém que sabia proteger sua emoção e arejar as áreas mais íntimas de seu inconsciente. Jesus encontrou a liberdade jamais sonhada pela psiquiatria.

Com um desprendimento inimaginável, chamou seu traidor de amigo no ato da traição e deu-lhe mais uma preciosa oportunidade para refazer a sua história**9**.

Cristo nunca descarregava em ninguém as suas angústias.

Momentos atrás a sua alma gemia de dor. Minutos atrás, seus pulmões respiravam ofegantes, seu coração estava taquicárdico, os sintomas psicossomáticos perturbavam seu corpo e o suor sanguinolento testemunhava que estava no topo do stress. Tinha, portanto, todos os motivos para descarregar sua

tensão em Judas, mas foi de uma gentileza poética com ele.

Diferente dele, freqüentemente descarregamos nossas tensões nas pessoas que menos têm culpa por nossa ansiedade.

Quando nossa frágil paciência se esgota, ferimos as pessoas que mais amamos.

A história registrou um momento raro no ato da traição de Judas: uma cena de terror se transformou numa cena de amor. Ao contemplar a cena, os soldados não entenderam nada do que estava acontecendo.

38

O Mestre da Vida Paralisando os Soldados

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

Insistindo para ser preso

Outro fato incomum que abalou os soldados é que Jesus insistiu para ser preso, um fato quase que inacreditável. A escolta sabia que uma voz de prisão gera tumulto e ansiedade. O réu resiste em se entregar, fica tenso, agressivo e, às vezes, incontrolável. Não conseguia entender, contudo, porque o homem odiado pela cúpula judaica se entregava com tanta tranqüilidade e espontaneidade.

Após ouvir Jesus chamar Judas de amigo e levá-lo a refletir sobre o ato de traição, ele se volta aos próprios soldados e, antes que eles o tocassem, perguntou "A quem buscais?" **10**.

Responderam: "a Jesus, o Nazareno". Diante desta resposta, ele se identificou: "Sou eu".

Os soldados ficaram atemorizados com sua resposta, alguns caíram no chão. Talvez se perguntassem: Como é possível que o homem que curou cegos, ressuscitou mortos e debateu com os fariseus nas sinagogas esteja se entregando voluntariamente? Como pode alguém sob o risco da morte se entregar dessa maneira? Prender aquele que alvoroçava Jerusalém parecia ser uma tarefa difícil e perigosa, mas se transformou na mais suave execução.

Ficaram paralisados. Não conseguiram pôr as mãos nele.

Diante da inércia deles, Jesus insistiu: "a quem procurais?".

Responderam novamente: "A Jesus, o Nazareno". Com ousadia de quem não teme a morte, respondeu: "Já vos declarei que sou eu" **11**.

O relato dos discípulos que presenciaram a cena evidencia que os papéis foram trocados. A escolta de soldados estava presa pelo medo e o prisioneiro estava livre.

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

À exceção da profunda angústia que o mestre dos mestres teve no jardim do Getsêmani, gerada porque ele reproduziu o cálice da cruz no palco de sua mente e se preparou para tomá-lo, nada o abalava. O mestre de Nazaré gerenciava sua inteligência nas mais turbulentas situações, navegava nas águas mais agitadas da emoção. Sabia se refazer rapidamente, mesmo profundamente frustrado.

A traição de Judas e a negação de Pedro podem tê-lo angustiado, mas logo ele se recompôs. Nem o conhecimento prévio de todas as etapas do seu martírio o fez sucumbir nas raias do medo. Há muitas pessoas que sofrem por antecipação.

Imaginam problemas que não aconteceram e sofrem como se já tivessem acontecido. Não sabem gerenciar sua ansiedade e pensamentos antecipatórios.

Nada é tão bela e, ao mesmo tempo, tão ingênua quanto a emoção. Até intelectuais tropeçam no território da emoção como se fossem crianças. Pequenas coisas são capazes de roubar-lhes a tranqüilidade. Ela compra com alto preço todos os pensamentos negativos, mesmo aqueles que só cabem no imaginário.

Infelizes são os homens que são livres por fora, mas estão encerrados no cárcere da emoção conduzidos pelo medo da crítica, com a necessidade de ter uma imagem social inatacável e com as preocupações excessivas com os problemas

da vida.

Infelizmente, no lugar que mais deveríamos ser livres, muitas vezes estamos presos*.

O mestre da vida queria passar pelo maior de todos os testes: ser julgado pelos líderes da religião judaica, aqueles que

* Cury, Augusto J., A Pior Prisão do Mundo, Editora Academia de Inteligência, São Paulo, 2000.

40

O Mestre da Vida Paralisando os Soldados

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

supostamente cuidavam dos assuntos de Deus, e por aqueles que dominavam o mundo, o império romano.

Protegendo seus discípulos

Não terminaram aí os eventos inusitados ocorridos no ato da prisão. Após insistir com os soldados para prendê-lo, teve um gesto de grande nobreza e afetividade. Intercedeu pelos seus discípulos. Pediu que não os prendessem. Desejava que nenhum deles se perdesse, não aceitava que ninguém fosse ferido**12**.

Quando estamos debaixo de um sério risco de vida, os instintos prevalecem sobre a capacidade de pensar. Não há espaço para refletir sobre a situação que nos ameaça.

Notem que sob grande tensão, tais como nos acidentes, não nos lembramos das pessoas e de muitos eventos que ocorreram ao nosso redor. Afunilamos a razão e direcionamos nossos instintos para a fuga ou, em alguns casos, para a luta.

Com Jesus isso não acontecia. Ele conseguia perceber os sentimentos das pessoas mesmo nas situações turbulentas.

Conseguia pensar no bem estar delas mesmo sabendo que estava para morrer lentamente nas mãos dos seus inimigos. Se tivéssemos um pouco da sua estrutura emocional, as relações humanas deixariam de ser um deserto para ser um jardim.

Somente uma pessoa que vive o topo da serenidade é capaz de não travar sua mente nas situações tensas e de se preocupar com as pessoas que o rodeiam. Os soldados certamente não acreditavam no que estava acontecendo. Alguns deles devem ter sido capturados pelo amor de Cristo e se tornaram seus seguidores após a sua morte.

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

O heroísmo de Pedro e a

proteção aos soldados

Os discípulos não compreendiam plenamente o homem que seguiam. Sabiam que ele era poderoso, sábio, seguro, corajoso, que se colocava como filho de Deus e que discursava sobre um reino de um outro mundo. Tudo era novo para eles.

Sabiam que seguiam um homem que fazia atos inimagináveis, mas não compreendiam até aquele momento quem ele era e qual a sua verdadeira missão.

Pedro aprendeu a amar Jesus e não aceitava a sua partida.

Não percebeu que, ao ser preso, assumiu plenamente a condição humana e que não faria mais nenhum dos seus milagres. Jesus sempre confundiu a todos que passavam por ele. Seus discípulos viviam perguntando quem ele era. Algumas vezes mostrava um poder que deixava todos embasbacados, outras vezes dormia ao relento e, ainda outras, gastava tempo penetrando na história de uma pessoa considerada da pior estirpe social.

Por amar Jesus, mas não conhecê-lo com profundidade, Pedro resolveu protegê-lo. Teve um ato de heroísmo que poderia ter gerado inúmeras mortes, tanto dos soldados como dos discípulos. Numa reação impensada, desconsiderou as longas mensagens de tolerância do seu mestre, desembainhou a espada e decepou a orelha de um dos soldados. Pedro esperava que Jesus fizesse mais um dos seus milagres, capaz de livrá-lo daquela prisão e deixar a todos perplexos.

Jesus, que demonstrava não desejar fazer milagres, para aplainar os ânimos, abre uma exceção, retoma o seu poder. Numa reação apressada, cura o soldado. Não fez um grande milagre, apenas o suficiente para pacificar a situação. Um grande ato 42

O Mestre da Vida Paralisando os Soldados

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

sobrenatural poderia evitar que fosse preso, mas ele queria ser preso, a sua hora havia chegado.

Nesta situação confusa é possível vermos a sabedoria e habilidade do mestre de Nazaré. Se não agisse rápido, seus discípulos poderiam morrer e os soldados poderiam se ferir.

Como mestre da vida, não queria nem uma coisa nem outra.

Somente uma pessoa com grande lucidez e uma visão multifocal dos conflitos sociais é capaz de debelar rapidamente o clima de violência.

O prisioneiro já liderava os soldados. Mais de trezentos homens fortemente armados não revidaram à agressividade de Pedro. Comandados por Jesus, eles contiveram seus impulsos.

Raramente uma pessoa é capaz de deixar completamente sua segurança de lado para gerenciar os ânimos alheios.

Morrer era seu destino: o cálice

Após reger os soldados, ele se volta para Pedro e acha tempo para lhe dar mais uma lição. Disse-lhe uma frase impactante, que Pedro só entenderia tempos mais tarde: "Não beberia eu o cálice que meu Pai me deu?" **13**

O cálice de Cristo era cercado de mistério. Os discípulos não entendiam que por um lado ele seria julgado e morto pelos homens, mas, por outro, isso estava nos planos de seu Pai. Que Pai é este que permite o caos do seu filho? Que plano é esse que envolve um julgamento e morte tão drástica? No final deste livro estudaremos o maior e mais ambicioso plano da história.

Por mais que os discípulos abrissem seus ouvidos e as janelas de suas mentes não concebiam a idéia de que seu mestre 43

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

fosse julgado, torturado e morto pelos seus opositores. Jesus havia dado sentido a suas vidas.

O sentimento angustiante pela perda do mestre tinha fundamento. Não importa a religião que alguém segue ou mesmo se não segue classicamente nenhuma, todos os que se aproximaram das chamas, seja por estar na sua presença ou por ler as suas biografias ou evangelhos, conseguiram atravessar seus invernos existenciais mais aquecidos e enxugar suas lágrimas com a esperança.Na história, mesmo depois de séculos de sua partida, sempre existiram homens, originários de todas raças e culturas, dispostos a dar a sua vida por ele e por sua causa.

Pedro era muito frágil perto de Cristo, não tinha nenhuma condição de protegê-lo, ainda mais diante de tão grande escolta.

Sua reação, embora irracional, era justificada. Para os discípulos, perdê-lo era retornar ao mar da Galiléia, lançar as redes e retroceder na compreensão dos mistérios da vida...

O amor recusa a solidão. Quem ama não aceita a perda, ainda que o tempo alivie parcialmente a dor da ausência. Quem não aprendeu a amar a sua vida, as pessoas que o rodeiam e aquilo que faz não entenderá a linguagem estranha e bela do amor. O mestre ensinou aos seus frágeis discípulos os fundamentos dessa linguagem. Perdê-lo era ficar sem o leme de suas vidas.



○○○○○○○○○○○○○○○○○

○○○

C A P Í T U L O 3

O PODEROSO E DÓCIL:

UM EXÍMIO

PSICOTERAPEUTA

O Poderoso e Dócil: Um Exímio Psicoterapeuta

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

Um poder descomunal

Os eventos enigmáticos que nortearam a prisão de Jesus ainda não acabaram.O mais misterioso deles ainda estava por vir. Após revelar a Pedro que ele tinha de ser preso, comentou que não precisava de sua proteção. Numa frase intrigante revela um segredo aos discípulos que eles não conheciam. Disse: *"Acaso pensas que não posso rogar ao meu Pai, e ele me mandaria neste momento mais de doze legiões de anjos?"* **14** .

Disse sem meias palavras que, se quisesse, poderia ter imediatamente sob seu controle mais de doze legiões de anjos.

No exército romano cada legião tem cerca de três a seis mil soldados. Quantos anjos compõem cada legião que Cristo mencionou e qual o poder que esses anjos têm para atuar no mundo físico? Ele era de fato misterioso.

Quando interpretamos a personalidade de alguém devemos dar atenção àquilo que as pessoas pouco dão valor. A frase que Jesus disse tem várias implicações.

Ela indica que ele tem um poder descomunal, um poder 47

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

muito maior do que demonstrara ter e muito maior do que os discípulos desconfiavam que tivesse. Também indica que ele atuava num mundo não físico e que se quisesse poderia controlar um enigmático exército de anjos. Ainda indica que, se desejasse, poderia terminar a qualquer momento o seu julgamento, as sessões de tortura e a sua crucificação.

No original grego, Jesus usa nesta passagem termos militares para demonstrar seu poder. Nenhum mortal poderia proferir uma frase como esta com tanta convicção a não ser que estivesse delirando, tendo um surto psicótico. Jesus poderia estar delirando?

Como pode alguém tão lúcido, coerente, inteligente, que superava as intempéries como se fosse um maestro da vida estar tendo um surto psicótico? Cristo em momento algum abandonou a sua lucidez. Estudaremos no livro posterior algo que beira ao impossível. Mesmo morrendo, quando todas as suas forças se esgotavam, ele ainda era íntimo da sabedoria e capaz de desferir golpes

impensáveis de inteligência.

Era tão sereno que, como vimos, dois ou três minutos antes de comentar seu poder, teve os gestos que nem os mais ilustres pensadores conseguiriam ter no foco de tensão que passou. Chamou seu traidor de amigo e deu-lhe oportunidade para que ele corrigisse os pilares de sua vida.

Este homem tão lúcido e que acabou de receber voz de prisão disse que tinha sob seu controle exércitos incomparavelmente mais fortes do que os do imperador romano.

Apesar de fazer tal afirmação, ele disse que se esquivava de usá-lo. Quem pode compreendê-lo? Não perdemos a oportunidade de mostrar nosso poder. Jesus, ao contrário, aproveitava as oportunidades para ocultá-lo.

Cristo não falou de anjos de maneira misticista, mas segura 48

O Poderoso e Dócil: Um Exímio Psicoterapeuta

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

e sem alardes. Não disse que cria em anjos, mas que legiões de anjos se submetiam a ele. Embora respeite a crença das pessoas, independente de quem seja e do que crê, é criticável o misticismo que desrespeita a capacidade de pensar e a consciência crítica.

Temos uma tendência a crer em tudo sem respeitar a nossa própria inteligência. O mestre dos mestres sempre valorizou a inteligência humana e estimulou seus discípulos a alargar os horizontes do pensamento e não restringi-los.

Devemos nos perguntar: Quem são esses seres chamados anjos? Eles possuem consciência? Têm vontade própria? Vivem emoções? Como lêem a memória e constroem cadeias de pensamentos? Quando foram criados? Por que foram criados?

Onde habitam? Que essência os constitui? São imortais? Qual é o seu poder e que habilidade têm para atuar no mundo físico?

Não quero entrar nesta seara, mas essas questões evidenciam que os fenômenos que envolviam a história de Jesus eram um poço de mistérios. Ninguém que estuda a sua personalidade pode reclamar de tédio. A cada reação ele nos deixa embaraçados.

Após corrigir a Pedro, ele se volta para os soldados e com segurança comenta que não era preso como um criminoso.

Relata que estava diariamente disponível no templo e em tantos outros lugares públicos. Assim disse saber que seus inimigos o procuravam, que não tinha medo de ser preso e que não ofereceria resistência no ato da prisão.

No momento em que mais precisava usar a força, ele usa o diálogo. É impossível não esfregarmos as mãos na cabeça e nos perguntarmos: Quem é este homem que atravessou as páginas da história e fez tudo ao contrário do que temos feito?

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

Um exímio psicoterapeuta

Ao se entregar e ser manietado, seus discípulos perceberam o inevitável. Seu mestre de fato viveria o martírio sobre o qual sempre os alertou. Nada o faria desistir do seu destino, “nem os exércitos dos céus” que disse que teria sob seu comando.

Então, eles se dispersaram amedrontados e confusos, como ovelhas sem pastor. Exatamente como Jesus havia predito.

Precisamos fazer algumas considerações importantes sobre este assunto. Como ele conseguiu prever a dispersão dos discípulos? Do ponto de vista da sua humanidade, ele analisava o comportamento humano e percebia as dificuldades do homem em lidar com suas emoções nos focos de tensão. Ele sabia que quando o mar da emoção estava calmo, o homem era um bom navegante, mas quando estava agitado, ele perdia o controle das suas reações. De fato, não há gigantes no território da emoção.

Pessoas sensatas e lúcidas têm seus limites. Sob um foco de tensão, muitas perdem sua sensatez. Alguns são seguros e eloqüentes quando nada os contraria, mas sob o calor da ansiedade, se comportam como meninos.

O mestre da vida era um excelente psicólogo. Sabia que o medo controlaria o território de leitura da memória dos seus discípulos, dissipando a lucidez e travando a capacidade de pensar. Não exigiu nada deles quando ele foi preso, apenas previu que, quando o medo os envolvesse, eles se esqueceriam dele, fugiriam inseguros.

Nós exigimos o que as pessoas não podem nos dar. Quase todos os dias, tenho longas conversas com maridos, esposas, pais, filhos, pedindo para ser tolerantes, não conservarem mágoas e raivas uns dos outros, explicando que não é possível dar o que se não tem. É necessário plantar para depois colher.

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

Plantar diariamente a segurança, a solidariedade, a honestidade, a perseverança, a alegria nos pequenos detalhes da vida, a capacidade de expor e não impor as idéias, para muito tempo depois colher essas funções nobres da inteligência.

Se esperasse muito dos seus discípulos, ele se frustraria excessivamente com o abandono deles, com a traição de Judas e a negação de Pedro. Neste caso, poderia desistir do seu martírio.

Entretanto, educava-os, mas não esperava resultados imediatos.

Quem quer ser um bom educador tem de ter a paciência de um agricultor. Se quisermos ter dias felizes não devemos esperar resultados imediatos.

Às vezes, educamos nossos filhos com o maior carinho e eles nos frustram com seus comportamentos, parece que tudo que ensinamos foram como sementes lançadas em terra árida.

Mas sutilmente, sem percebermos, essas sementes um dia eclodem, criam raízes, crescem e se tornam belas características de personalidade.

O mestre da vida entendia os limites das pessoas, por isso amava muito e exigia pouco, ensinava muito e cobrava pouco.

Esperava que o amor e a arte de pensar florescessem pouco a pouco no terreno da inteligência. Por dar muito e exigir pouco, ele protegia sua emoção, não se decepcionava com as pessoas quando elas o frustravam e nem as sufocava com sentimento de culpa e incapacidade.

Por que predisse que seus discípulos o abandonariam no momento mais angustiante de sua vida? Disse que eles o abandonariam para protegê-los contra o sentimento de culpa, de incapacidade, de auto-abandono que surgiriam momentos depois que refletissem sobre suas fragilidades. Ele se preocupava não apenas com o bem estar físico dos discípulos, mas queria que eles não desistissem de si mesmos quando fracassassem.

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

Tal comportamento evidencia a face de Jesus como psicoterapeuta. Não era apenas um mestre, um médico, um amigo, um educador e um comunicador do mais alto nível, mas era um excelente psicoterapeuta. Ele conseguia prever as emoções mais sutis e angustiantes dos seus discípulos antes delas se encenarem no palco de suas mentes, e dava-lhes subsídio para que as superassem quando surgissem.

Quantos se suicidam como Judas, por estarem

decepcionados consigo mesmos? Quantos, diante dos erros, se envergonham e retrocedem em sua caminhada? Quantos não se esmagam com sentimento de culpa e vivenciam crises depressivas diante das suas falhas? Jesus sabia que o homem é o pior carrasco de si mesmo. Por isso, estava sempre querendo tornar leve o fardo da vida, libertar a emoção do cárcere.

Ninguém que andava com o mestre de Nazaré vivia se martirizando. Até uma prostituta sentia-se aliviada ao seu lado.

Algumas derramavam lágrimas sobre ele, por tratá-las com tanto amor, por dar continuamente uma oportunidade a elas. Será que as pessoas se sentem aliviadas ao nosso redor? Será que lhes damos condições para que elas rasguem a sua alma e nos contem seus problemas? Não poucas vezes, ao ver a queda das pessoas, as criticamos ao invés de ajudá-las a se levantar.

O mais excelente mestre da emoção sabia que seus discípulos o amavam, mas ainda não tinham estrutura para vencer o medo, o fracasso, as perdas. Previu que eles o abandonariam para que eles conhecessem a si mesmos e compreendessem suas limitações. Fossem fortes após as derrotas.

O comportamento de Jesus mais uma vez concilia características quase que irreconciliáveis. Ele demonstrou ter um poder incompreensível, capaz de arregimentar exércitos de 52

O Poderoso e Dócil: Um Exímio Psicoterapeuta

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

anjos. O que podemos esperar de uma pessoa tão forte?

Autoridade, julgamento, rigidez, imposição de normas, crítica contundente aos erros. Todavia, eis que nele encontramos afetividade, tolerância, compreensão das falhas, gentileza e ausência de cobranças.

É horrível conviver com alguém disciplinador e que quer que todos vejam o mundo apenas com seus olhos, mas é agradável conviver com alguém maleável, capaz de enxergar com os olhos dos outros.

A personalidade de Jesus é encantadora. Raramente alguém que esteve no topo do poder desceu para perscrutar os sentimentos mais ocultos do ser humano.Quem quisesse ser um discípulo de Jesus, jamais poderia se diplomar na vida e nem desistir de si mesmo.

O mestre da vida não procurava gigantes nem heróis, mas homens que tivessem a coragem de levantar-se após cair, de retomar o caminho após fracassar.

Perdoando-os antes do fracasso

Raramente uma pessoa presta atenção aos detalhes que norteiam o comportamento de Jesus Cristo. Seu cuidado afetuoso era fascinante. Ele já os estava perdoando antes mesmo que eles fracassassem.

Quem é que abandonado é capaz de ter ânimo para cuidar daqueles que o abandonaram? Uma ofensa causada por um filho ou uma frustração gerada por um amigo ou colega de trabalho nos irrita e a conseqüência imediata é a impaciência. Quantas vezes dissemos: “Essa pessoa não tem jeito mesmo!”.

Certa vez, o mestre disse aos seus discípulos que se uma pessoa errasse e viesse pedir-lhes perdão, eles deveriam perdoá-53

○

○

○

○

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

la. Se ela viesse no mesmo dia e errasse sete vezes e as sete vezes pedisse perdão, as sete vezes deveriam ser perdoadas. Outra vez disse que deveríamos perdoar as pessoas setenta vezes sete.

Na verdade queria dizer que devemos perdoar sempre, continuamente, ainda que a pessoa seja a mais teimosa e obstinada do mundo.

O mais dócil psicólogo infantil ensina aos pais a ter calma na educação dos filhos se o filho cometer duas ou três vezes o mesmo erro num mesmo dia. Como é possível ter a paciência e tolerância que ele preconizava? Se o nosso foco de atenção for os erros das pessoas, então perderemos a calma diante da repetição do comportamento inadequado delas, mas se o foco de atenção for as pessoas dos erros, a vida que pulsa dentro delas, começaremos a mudar a nossa atitude. Dar-lhes-emos sempre uma nova chance.

E se aprendermos com o mestre dos mestres a nos doar sem esperar a contrapartida do retorno, daremos um salto maior ainda, pois aprenderemos a proteger nossas emoções.

Aprenderemos a ter uma felicidade que não depende muito das circunstâncias externas. A felicidade que Jesus tinha, que emanava de dentro para fora, pouco dependia dos resultados exteriores.

Não deveríamos pensar que a maneira de Jesus ser como educador era passiva, ao contrário, era revolucionária. Todos que observavam sua calma, sua inteligência fenomenal, sua segurança e capacidade de nunca perder a esperança em ninguém começavam a mudar completamente a sua maneira de ver a vida. Assim, ainda que errassem muito, elas, por andar na sua presença, iam transformando e reciclando a sua rigidez, orgulho, agressividade. Os discípulos jamais se esqueceram das lições 54

O Poderoso e Dócil: Um Exímio Psicoterapeuta

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

preciosas que ele lhes deu. Ele morreria, mas se tornaria um

“Mestre Inesquecível”.

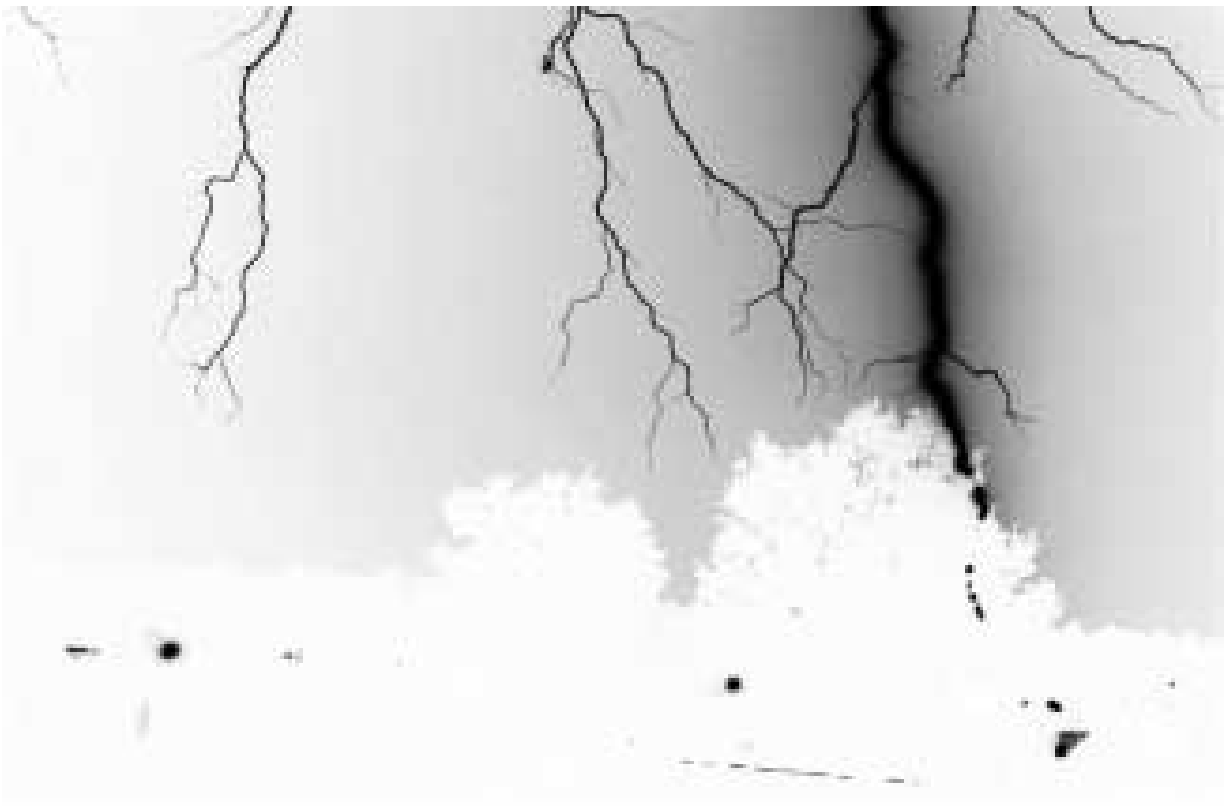
Os discípulos foram temporariamente acidentados pelo medo. Pedro, Tiago, João, Bartolomeu, Filipe, Tomé, Mateus, enfim, todos os seus amados amigos

fugiram. Ele foi preso, ficou só. Embora não amasse a solidão, não quis companhia, pediu aos soldados que deixassem seus amigos partirem.

O mundo assistiria, a partir de agora, a uma noite de terror e ao mais injusto dos julgamentos. Um julgamento regado a ódio, a escárnio e a tortura. Jesus foi preso em plena condição de saúde. Contudo, ficaremos estarrecidos com a violência e os maus tratos que recebeu. Em menos de doze horas, seus inimigos destruíram seu corpo antes de crucificá-lo...

O mestre do perdão foi tratado sem nenhuma tolerância.

Nunca alguém que se preocupou tanto com a dor humana foi tratado de maneira tão impiedosa.



oooooooooooooooo

ooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooo

C A P Í T U L O 4

REJEITADO E

TORTURADO NA CASA

DE ANÁS

Rejeitado e Torturado na Casa de Anás

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

Aseqüência dos eventos no

julgamento de Jesus

Antes de entrar no dramático julgamento vivido por Jesus, quero comentar sinteticamente algo sobre como, quando e por que os evangelhos foram escritos.

Jesus andou por cerca de três anos e meio com os discípulos. Freqüentemente havia um intervalo de tempo de semanas e meses entre uma passagem e outra

descrita nestes livros.

A grande maioria de suas palavras e comportamentos não foi registrada. Apenas alguns eventos que causaram maior impacto nos seus discípulos é que foram escritos nos quatros evangelhos e podem ser considerados como quatro biografias sintéticas.

O único momento da vida de Jesus que foi relatado evento por evento, hora por hora foi seu julgamento e sua crucificação.

Na noite em que foi preso até ser crucificado foram menos de doze horas e da crucificação à sua morte foram cerca de seis horas. Apesar do curto período, os relatos destes momentos são cruciais. Foram, sem dúvida, os mais longos e os mais 59

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

importantes relatos de um único período de sua vida. Segundo as suas próprias palavras, ele veio para esta hora e esperava ansiosamente por ela. **15**

A decisão de escrever o que o mestre dos mestres viveu não foi tomada durante o período em que os discípulos andaram com ele e nem logo após a sua morte. Demorou muitos anos.

O mais antigo evangelho, o de Marcos, foi provavelmente escrito entre 50-60 d.C., portanto, mais de 20 anos depois da partida de Jesus. O evangelho de Lucas foi provavelmente escrito no ano 60 d.C., o de Mateus entre 60-70 d.C. O evangelho de João foi o mais tardio, escrito provavelmente entre 85-90 d.C., portanto mais de meio século depois da morte do mestre.

Escrever depois de um longo tempo após a sua morte fez com que o relato de algumas passagens tenha perdido alguns detalhes ou tenha sido escrito dando ênfase diferente a alguns fatos. Por esse motivo, existem algumas pequenas distinções nas mesmas passagens descritas nos evangelhos, tal é o caso do julgamento de Jesus Cristo. Todos os quatro evangelhos o relatam, mas com dimensões e detalhes diferentes uns dos outros.

Essas diferenças atestam que Jesus foi um personagem histórico real, como concluí nos livros anteriores. Seria impossível para a mente humana criar um personagem como ele.

O que motivou os discípulos a escreverem sobre Jesus Cristo em diferentes épocas foi a intensa história de amor que tiveram com ele. O mestre da vida foge completamente ao que se poderia esperar de um homem tão forte e inteligente como ele. O carpinteiro de Nazaré encantou a emoção de milhares de homens e mulheres.

Durante as primeiras décadas desta era não havia nada escrito sobre ele. Como então as pessoas que não o conheceram 60

Rejeitado e Torturado na Casa de Anás

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

eram nutridas pelos seus ensinamentos? Pelos relatos vivos das pessoas que conviveram estreitamente com ele, principalmente dos discípulos.

Os discípulos deviam gastar horas e horas recordando uns com os outros cada palavra, cada gesto, cada pensamento de Jesus. Deviam prender a respiração, embargar a voz e, algumas vezes, derramar lágrimas por recordá-lo. Os pescadores da Galiléia que outrora cheiravam a peixe, agora exalavam uma doce fragrância de amor.

A organização dos livros

chamados evangelhos

O material que os discípulos usaram para escrever os evangelhos foi organizado através de pesquisas e anotações detalhadas. Tal é o caso de Lucas, que não conheceu Jesus, mas, como ele mesmo disse, investigou detalhadamente os fatos relacionados à sua vida**16**.

Algumas passagens talvez tenham sido escritas na época em que Jesus andava com os discípulos. Mateus era um coletor de impostos, devia saber escrever. É provável que tenha anotado algumas parábolas no momento em que o mestre as proferiu e depois as ajuntou para escrever seu evangelho. Mas creio que poucas

passagens tenham sido escritas presencialmente. Por quê?

Porque os discípulos não acreditavam que Jesus se separaria deles. Ele discursava tanto sobre a vida eterna que não imaginavam que ele morreria tão precocemente.

Os evangelhos têm uma síntese, uma lógica, uma coerência que impressiona qualquer pesquisador. Qualquer pessoa deveria lê-los, mesmo que não tenha interesse pelo cristianismo. Até os cientistas deveriam lê-los, pois nós que pesquisamos, mais do que qualquer outro ser humano, temos a consciência de que 61

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

o

o

o

Ler esses livros abrirá as janelas de nossa mente, nos introduzirá num profundo processo reflexivo e, no mínimo, nos fará crescer em sabedoria.

Muitos crêem que os evangelhos foram escritos sob inspiração divina. A inspiração divina entra na esfera da fé; portanto, extrapola a investigação deste livro.

Independentemente da inspiração divina, os escritores dos evangelhos usaram uma investigação detalhada para elaborar seus textos. Por isso não são cópias uns dos outros e se completam mutuamente. Alguns deles descrevem

incompletamente algumas passagens, outros detalham melhor certas situações.

Esse fato fica particularmente evidente no julgamento de Jesus. Somente Lucas relata que Jesus passou pelas mãos de Herodes Antipas, o filho de Herodes, "o Grande", o rei que queria matá-lo quando tinha dois anos. Entretanto, o registro mais detalhado sobre o julgamento de Jesus na casa de Caifás, o sumo sacerdote, não está em Lucas, mas no evangelho de Mateus. Por outro lado, Mateus não traz explicações detalhadas sobre o que aconteceu com Jesus diante de Pilatos. Ele encerra esta passagem dizendo que ele foi açoitado por Pilatos; em seguida, condenado e imediatamente tomou a cruz em direção ao Gólgota. Todavia, ocorreram fatos importantíssimos depois dos açoites.

Se lermos apenas Mateus, compreenderemos o julgamento feito pelo sinédrio, composto pelos líderes da religião judaica, mas ficaremos obscuros com respeito ao julgamento realizado pela política romana. Precisamos ler o livro de João para termos tal clareza. O evangelho de João registrou determinados fatos e alguns diálogos entre Jesus e Pilatos que não foram registrados pelos outros escritores. Por exemplo, ele vai além de Mateus e 62

Rejeitado e Torturado na Casa de Anás

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

relata que depois dos açoites Jesus ainda passou por outros sofrimentos, foi coroado com espinhos, zombado pela coorte de soldados e ainda voltou a ter um diálogo particular com Pilatos.

Muitos soldados que estavam presentes nestas cenas se tornaram discípulos de Jesus após sua morte. Alguns carrascos foram contagiados pelo seu amor. Eles deram seus testemunhos aos escritores dos evangelhos sobre o drama que Jesus passou em seu julgamento e a violência com que foi tratado. Alguns fariseus que o amavam ocultamente também contribuíram para esses relatos.

Fundamentados nestes relatos, estudaremos, a partir de agora, o mais misterioso e amável dos homens no momento em que sofre o mais violento e inumano julgamento. Dessa história de dor vivida pelo mestre da vida poderemos extrair profundas lições para reescrever alguns capítulos fundamentais de nossa própria história.

Jesus foi julgado e torturado por quatro pessoas: Anás, Caifás, Pilatos e Herodes.

Interrogado por Anás

Após ser preso, a primeira casa para a qual os soldados levaram Jesus foi a de Anás. Este já havia sido sumo sacerdote, que representava o topo da hierarquia da religião judaica. No ano em que Jesus foi julgado, o sumo sacerdote era seu genro, Caifás.

Como vimos, Jesus havia se tornado incontrolavelmente famoso. Todavia, o

mestre se entregou tão subitamente que ninguém sabia que ele tinha sido preso, a não ser seus discípulos.

Anás estava tenso, tinha medo de que a multidão, ao 63

Análise da Inteligência de Cristo - O Mestre da Vida

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

despertar, soubesse que ele estava encarcerado. Então, tão logo Jesus chegou, começou a interrogá-lo sobre seus discípulos e sua doutrina**17**. Não queria de fato interrogá-lo, apenas encontrar motivos para que Jesus fosse morto.

O mestre sabia que ali se iniciara uma das etapas do seu falso julgamento. Estava convicto de que Anás não estava interessado em saber sobre seu pensamento, seu propósito.

O clima era perturbador. Centenas de pessoas compostas por soldados e serviçais

o rodeavam. Almejavam saber como ele reagiria longe das multidões que o assediavam. Talvez quisessem vê-lo pela primeira vez tímido, tenso, amedrontado.

Contudo aquele homem parecia inabalável. Diferente de nós, ele não se curvava ao medo.

Diante da pressão de Anás para que abrisse a sua boca, ele dá uma resposta que soa como uma bomba diante do ambiente ameaçador.

Diz*: "Eu falei abertamente ao mundo, eu sempre ensinei nas sinagogas e no Templo, onde todos os judeus se reúnem, e nada disse em segredo."* **18** . Sua resposta não termina assim. Respaldado por uma sólida autoconfiança, ele fita Anás e os soldados que o rodeiam e sem nenhuma sombra de medo acrescenta: *"Por que me interrogas? Pergunta aos que me escutaram. Eles bem sabem o que eu disse".*

Esta resposta, que é a primeira em seu julgamento, tem várias implicações que serão analisadas a seguir.

Falando francamente ao mundo

Ele disse, sem titubear, a Anás e aos presentes que tinha falado abertamente ao mundo. Ninguém foi tão franco como Jesus. Não tinha medo de falar aquilo que pensava. Não simulava os segredos de sua alma.

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

Em determinadas situações, sua segurança estava ameaçada, por isso a melhor coisa que poderia fazer para se proteger era se calar, mas nada o fazia calar-se. Mesmo sob o risco de ser linchado por seus opositores, ele não se calava.

Sua coragem mudou a história. Falou palavras que não apenas abalaram o mundo de sua época, mas também nos deixam fascinados e pasmos nos dias de hoje. Discorreu sobre pontos jamais discursados, abordou assuntos jamais pensados pela psicologia, filosofia, educação ou religião.

Interrogando o seu interrogador

É próprio de um réu ficar quieto, tímido e ansioso diante de um tribunal. O mais violento dos homens vira uma criança quando lhe retiram o poder. Alguns, através de seus advogados, pedem clemência e negam todas as acusações que lhes fazem.

Jesus estava lá sem nenhum advogado. Não precisava, pois sua inteligência era imbatível. Ele já saíra de situações mais dramáticas que aquela. Com habilidade magistral, ele abria as janelas da mente dos seus opositores provocando a inteligência deles. Confusos, eles o deixavam e retornavam para casa.

Agora, ele se deixou prender e está em seu julgamento.

Todos queriam a sua morte e, por incrível que pareça, ele também a desejava. Os acusadores queriam matar para anular a vida e ele queria morrer para dar a vida. Em seu julgamento, ele não lutou a seu favor, se entregou integralmente à decisão humana.

O mestre da vida disse menos de vinte pensamentos neste julgamento, todos com significados inimagináveis, mas nenhum deles objetivava libertá-lo. Ao contrário, tais pensamentos colocariam mais lenha na fogueira do ódio que seus inimigos nutriam por ele, mas não se importou. Revelou claramente sua 65

Análise da Inteligência de Cristo - O Mestre da Vida

-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-

identidade e sua missão, ainda que com palavras sintéticas.

Quando estava livre, evitou dizer quem ele era; quando estava preso e pressionado a se intimidar, fez relatos espetaculares sobre sua pessoa, principalmente a Caifás e a Pilatos.

Não pediu clemência a Anás. Disse que todos os seus discursos tinham sido feitos

publicamente e que se ele quisesse resposta deveria interrogar os que o ouviram. Com tal resposta, ousada e incomum para um réu, ele mostrou claramente que sabia que seu julgamento era um teatro, que ninguém estava interessado de fato nos seus discursos porque sabiam o que ele havia dito. Portanto, se queriam matá-lo pelo que falou, ele estava também disposto a morrer por esta causa.

Esbofeteado com violência por um soldado

Os soldados que estavam presentes tinham conhecimento de que os líderes judeus, por diversas vezes, já haviam tramado a sua morte sem sucesso. Uma parte dos soldados estava confusa, admirava-o, mas não tinha força para protegê-lo. Outra parte, provavelmente a maior dela, estava totalmente influenciada pelos líderes de sua nação. Manipulados por esses, também o odiavam, ainda que não soubessem claramente os motivos.

Quando não deu resposta a Anás e o recomendou a perguntar a milhares de judeus o que ele havia dito publicamente, o clima de violência contra ele veio à tona. Imediatamente, um soldado vira-se e desfere-lhe uma violenta bofetada, sem lhe dar aviso.

Os soldados daquela época eram escolhidos entre os melhores e maiores homens. Eles treinavam atirar lanças e manipular espadas, portanto a musculatura e a força das mãos 66

Rejeitado e Torturado na Casa de Anás

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

eram muito desenvolvidas. Portanto, o golpe que Jesus recebeu desse soldado foi traumático e dolorido. Deve ter lhe causado vertigem e edema (inchaço) em sua face.

Diante de um ato tão violento, gostaria de analisar três brilhantes características da personalidade que Jesus já demonstrou neste primeiro golpe físico e que iria regular seu comportamento em todas as suas torturas. Primeiro, ele pensava antes de reagir; segundo, nunca devolvia a agressividade que lhe faziam; terceiro, era capaz de estimular os seus agressores a penetrarem dentro de si mesmos e repensarem a sua violência.

A maneira como ele reagiu foge completamente às reações previsíveis que temos diante de situações de risco e de dor, sejam elas físicas ou psicológicas.

Para expor essas três características, precisamos compreender alguns fenômenos que constroem os pensamentos e participam do funcionamento da mente*.

O gatilho da memória

O gatilho da memória é um fenômeno inconsciente que faz as leituras imediatas da memória diante de um determinado estímulo. O medo súbito, as respostas impensadas, as reações imediatas são derivadas do gatilho da memória. Diante de uma ofensa, um corte nas mãos, uma freada de um carro ou uma situação de risco qualquer, o gatilho da memória é acionado, gerando uma leitura rapidíssima da memória, produzindo as primeiras cadeias de pensamentos e as primeiras reações emocionais.

Somente em segundos ou frações de segundos depois que

* Cury, Augusto J., Inteligência Multifocal, Editora Cultrix, São Paulo, 1998.

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

o

o

o

freqüentemente somos frágeis vítimas dos processos ocorridos em nosso mundo psicológico.

Quem é que pensa antes de reagir nas situações tensas?

Não exija das pessoas terem lucidez quando são feridas, ameaçadas e estão ansiosas. Seja paciente com elas, pois o gatilho da memória estará gerando medo, raiva, ódio, desespero, que, por sua vez, travam a liberdade de pensar. Quando nossas emoções estão exaltadas, reagimos por instinto e não como seres pensantes.

Jesus foi ofendido por diversas vezes em público. Mas não se deixava perturbar. Em algumas situações, foi expulso das sinagogas, mas mantinha sua emoção intacta. Correu risco de vida em algumas oportunidades, mas estava livre ao invés de estar tenso. A mesma coragem que o movia para falar o que pensava, ele tinha para proteger sua emoção diante dos estímulos estressantes.

Quando o gatilho da memória gerava uma reação ansiosa imediata em sua emoção, ele, com uma incrível habilidade, tomava as rédeas do seu ser e não se deixava controlar pela sua emoção. Só se permitia ser controlado por ela para amar.

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

Perdemos com facilidade a paciência com os filhos, com amigos, com as pessoas que nos frustram. Infelizmente, sob um foco de tensão, tanto psicólogos como pacientes, tanto executivos como funcionários, tanto pais como filhos detonam o gatilho da memória e produzem reações agressivas que os controlam, ainda que por momentos.

Ferimos a nós mesmos e não poucas vezes causamos danos às pessoas que mais amamos. Fazemos delas uma lata de lixo de nossa ansiedade. Detonado o gatilho, reagimos impulsivamente e minutos, horas ou dias depois, adquirimos consciência do estrago que fizemos.

Somos controlados pela nossa emoção. Algumas pessoas nunca mais se esquecem de um pequeno olhar de desprezo produzido por um colega de trabalho. Outras nunca mais retornam a um médico se ele não lhes deu a esperada atenção.

Se uma pessoa não aprender a administrar o gatilho da memória, viverá a pior prisão do mundo: o cárcere da emoção*.

Os dependentes de drogas vivem o cárcere da emoção, porque, quando detonam este fenômeno, não conseguem administrar a ansiedade e o desejo compulsivo por uma nova dose da droga.

Os que possuem a síndrome do pânico vivem o medo dramático de que vão morrer ou desmaiar, gerado também por este gatilho.

Do mesmo modo, quem tem claustrofobia, transtornos obsessivos compulsivos (TOC) e outras doenças que produzem intensa ansiedade é vítima do gatilho da

memória. Tal fenômeno é fundamental para o funcionamento normal da mente humana, mas se ele produz reações doentias e pensamentos negativos inadministráveis, contribui para gerar uma masmorra interior.

Jesus sabia navegar pelas águas da emoção num ambiente

* Cury Augusto J., O Cárcere da Emoção, Academia de Inteligência, São Paulo, no prelo.

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

turbulento. Ele transitava pelas agressividades, pelas perdas e frustrações da vida sem se deixar abater.

Como exímio mestre da inteligência, sabia gerenciar o gatilho da memória, não deixava que ele detonasse a agressividade impulsiva, o medo súbito, a ansiedade compulsiva.

Portanto, sempre pensava antes de reagir, nunca devolvia a agressividade dos outros e, como veremos, estimulava seus agressores a repensar sua agressividade.

O exemplo do gatilho da

memória num tribunal

Certa vez, ouvi uma história interessante que aconteceu num tribunal. Um homem estava sendo julgado por assassinato.

Havia cometido um crime cruel. Matou um homem por um motivo torpe: a vítima jogou, numa discussão, um copo d'água no seu rosto. Humilhado, ele o assassinou.

O réu era indefensável. Pegaria a pena máxima. O

promotor discursava eloqüentemente sobre a periculosidade do mesmo. Dizia que alguém tão violento não poderia estar em nenhum outro lugar senão atrás das grades. Como pode alguém matar um ser humano por ter sido agredido com um copo d'água?

O advogado de defesa não tinha argumentos. Tudo parecia estar perdido. Então, de repente, teve uma idéia. Resolveu reproduzir a cena do crime. Começou a criar um clima de atrito com os membros do júri. Então, subitamente, pegou um copo com água e, no calor da discussão, sem que esperassem, atirou água em seus rostos.

O juiz interpretou o gesto do advogado como um grande desacato. Os membros do júri ficaram profundamente irados 70

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

com a insolência. Então, imediatamente, pediu desculpas e explicou os motivos de sua atitude. Disse que tramou agredir os membros do júri e jogar água neles para que eles olhassem para o réu com os olhos dele, na pele dele. Comentou que tentou simular o clima do assassinato, gerar uma emoção nos membros do júri semelhante a que seu cliente sentiu no momento em que a vítima lhe atirou água no rosto.

Diante disto, ele fitou o júri e encerrou sua defesa dizendo-lhes: “se vocês ficaram irados quando lhes atirei a água, entenderão o que aconteceu com meu cliente. Infelizmente, todos nós cometemos atos impensáveis quando estamos tensos.

Ele não é perigoso, jamais planejara aquele assassinato, e havia se arrependido da sua atitude impulsiva. Por favor, julguem meu cliente baseados em sua consciência, em sua emoção”.

O veredicto final foi a absolvição. O advogado de defesa, sem ter consciência, levou os jurados a compreender o fenômeno do gatilho da memória. Infelizmente, desculpamos a violência dos outros pela nossa violência.

Quanto mais se afloram os estímulos estressantes através da competição predatória, do individualismo, da crise do diálogo, da velocidade das transformações sociais, mais o homem moderno reage sem pensar, mais volta ao tempo das cavernas.

Assim, pouco a pouco nos psicoadaptamos à agressividade.

Aceitamos a violência como normal, como parte inerente da rotina social.

O mestre de Nazaré não reagia com violência, mesmo quando ferido. Ele não apenas não se deixava ser invadido pela agressividade dos outros como também não devolvia a violência que lhe causavam, mas era capaz de conduzi-los a refletir sobre os fundamentos de sua ira.

Quem é este homem que governa sua emoção num

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

o

o

ambiente em que todos nós nos afogaríamos nas águas da raiva e do medo? Somos uma espécie tão bela, mas tão complicada.

Somos tão complicados que roubamos de nós mesmos nossa tranqüilidade e o direito de sermos felizes.

Estimulando a arte de pensar do agressor

No momento em que o soldado desfere-lhe a bofetada, ele diz-lhe: *"Se fiz o mal, dá testemunho do mal..."* **19** . Sua resposta era muito dócil para tanta violência, era muito inteligente para tanta irracionalidade.

O soldado o golpeou fisicamente e ele golpeou sua insensatez sem agressividade. Levou seu agressor a pensar no seu comportamento. Conduziu-o a avaliar a sua história e pediu para que desse testemunho da sua maldade, sua agressividade e seu crime. O mestre vivia a arte da antiviolência, sua humanidade atingiu os sentimentos mais altruístas. Pensava muito mais no bem estar dos outros do que em si mesmo.

O soldado o agrediu para ganhar crédito diante de Anás**20**.

Ele o espancou dizendo que ele não deveria falar daquele modo com o "sumo sacerdote". Com os ouvidos zunindo e tonteado pela violência do trauma, Jesus, com gentileza, completa a frase

"... se fiz o bem porque me feres?".

O soldado não era capaz de dar testemunho contra Jesus, sua conduta era intocável. Ele o feriu gratuitamente, apenas para ganhar espaço dos seus líderes. Infelizmente muitos homens na história reagiram sem pensar nas conseqüências de suas reações. Preferiram agradar seus líderes a honrar sua própria consciência. Venderam por um preço muito baixo algo invendável.

Jesus mantinha sua dignidade. Foi gentil com seu agressor.

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

Como pode alguém humilhado publicamente e ferido violentamente ter disposição para ser dócil com um homem que o espanca? O que faríamos se alguém nos desse um tapa no rosto? A reação do mestre de Nazaré foge aos limites instintivos do homem.

Um tapa no rosto é socialmente humilhante. É pior do que receber um copo d'água no rosto. Contudo, ao contrário do réu que a pouco descrevi, ele, além de amável, estimulou seu agressor a abrir as janelas de sua mente. Sua personalidade não foi apenas superior à média dos homens. Ela foi única, exclusiva.

Ninguém reagiu como ele no ápice da dor e da humilhação social.

Se Jesus tinha o poder que dizia ter, por que não fez aquele soldado prostrar-se aos seus pés? Entretanto, se agisse com poder, se revidasse a agressividade, ele seria como qualquer um de nós, não seria livre. Os fracos mostram a força da ira, mas os fortes mostram a força do perdão.

Se ele destruísse aqueles homens, seria forte por fora, mas fraco por dentro. Seria controlado pelo seu ódio e pela raiva, mas nada o controlava. Preferiu conscientemente ser fraco por fora, mas livre por dentro...

Dormindo com o inimigo

Todas as experiências que vivemos no palco de nossas mentes são registradas involuntariamente na memória pelo fenômeno RAM. E, se estas experiências tiverem alta carga de tensão, o registro será privilegiado, ocupando áreas nobres de nossa memória.

Aqui há um grande aprendizado a ser feito. Se uma pessoa nos perturbou, nos prejudicou ou nos humilhou de alguma 73

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

forma e se desenvolvemos raiva, ódio ou medo dela, saiba que ela será registrada de maneira privilegiada na parte central de nossa memória, que chamo de MUC (Memória de Uso Contínuo). Se imaginarmos a memória como uma grande cidade, a MUC é a área em que mais circulamos e realizamos nossas atividades profissionais e sociais. Por estar registrado na MUC, ela será lida preferencialmente e participará de grande parte de nossos pensamentos.

Assim, pensando que a raiva, ódio ou reação fóbica de afastamento nos livrará de nosso agressor, nos enganamos. Ele almoçará, jantará e dormirá conosco, pois ocupará a área central de nossa memória consciente e inconsciente e,

conseqüentemente, ocupará grande parte de nossos pensamentos que, por sua vez, afetarão a qualidade de nossas emoções. Por isso, quando temos um problema não deixamos de pensar nele.

Quanto mais aversão sentirmos por alguém, mais ele ocupará nossos sonhos e nos convidará a ter insônia. Da próxima vez que alguém o frustrar, lembre-se de que se não tomar cuidado, você dormirá com ele.

O mestre de Nazaré não dormia com seus inimigos, pois nenhum homem era seu inimigo. Os fariseus podiam odiá-lo e ameaçá-lo, mas todo o ódio de um homem não o qualificava para ser seu inimigo. Qual a razão? A razão era que ninguém conseguia transpor sua capacidade de proteger a sua emoção.

Não permitia que a agressão dos outros tocasse sua alma.

Conheço a história de filhos que nunca mais segredaram nada aos seus pais depois que estes os frustraram. Conheço também pessoas que nunca mais reataram a amizade com seus amigos depois de uma pequena discussão. Eles abriram as comportas de sua emoção e deixaram que um episódio turbulento destruísse para sempre um belo relacionamento.

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

O mestre dos mestres não se deixava ser invadido pelas injúrias, calúnias, frustrações e violência dos que o circundavam.

Ele viveu a bela frase de Galileu Galilei: “Devemos escrever os benefícios em bronze e as injúrias no ar”.

Nenhum comportamento humano comprometia a sua paz e o fazia desanimar. Era livre no lugar em que mais facilmente somos prisioneiros, livre em sua emoção. Por isso, diferentemente de nós, jamais cortou das páginas da sua história as pessoas que o feriam.

Sua calma deixava todos atônitos. Mesmo em face da morte era possível vê-lo governar, com tranqüilidade, seus pensamentos. Sua coragem mudou a história. Como mestre da mansidão, ele conseguiu produzir idéias brilhantes num ambiente onde só havia espaço para sentir intensa ansiedade.

Ao ser amável com seus inimigos, ele cumpria as suas palavras sobre dar a outra face. Entretanto, dar a outra face não era nem de longe um sinal de submissão e de fragilidade, mas de força inigualável. Os líderes de Israel tinham insônia por sua causa, embora dormissem em camas confortáveis. O mestre do amor

dormia tranqüilo, embora tivesse o chão como cama e uma pedra como travesseiro. Que lição de vida!

Todos os líderes políticos que usaram a agressividade como ferramenta para impor suas idéias mancharam as páginas da história. A própria história os condenou. Foram esquecidos ou lembrados com repugnância.

O nome de Jesus percorreu todas as gerações como fogo em madeira seca. Quais os motivos? Muitos. Não foi somente pela sua demonstração de poder, mas muito mais pela sua necessidade de não usá-lo. Quem agiu como ele na história?

Jesus mudou a história da humanidade pela delicadeza dos seus gestos num ambiente grosseiro e inumano, pelos patamares 75

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

impensáveis aos quais chegou sua amabilidade num ambiente em que os homens não sabiam amar.

A primeira sessão de tortura

Após ter sido gentil com o soldado que lhe espancou o rosto, começou a sua primeira e angustiante sessão de tortura.

Os soldados se amontoaram diante dele, zombaram e o espancaram impiedosamente.

Lucas, embora não cite a casa de Anás, registra que a primeira sessão de tortura de Jesus ocorreu antes do sinédrio se reunir e condená-lo, portanto na casa da Anás**21**. Os soldados e líderes judeus vendaram-lhe os olhos e diziam: "Profetiza-nos quem é o que te bateu." Os traumas no rosto e no corpo dilatavam e rompiam os vasos sanguíneos periféricos, causando-lhe edemas e hematomas. Seu rosto começava a se desfigurar.

Um clima de terror se instalou. Os homens sempre reagem como animais quando estão coletivamente irados. Toda a agressividade deles foi projetada para o mais amável dos homens.

Embora dissesse a menos de uma hora que tinha um grande exército de anjos à sua disposição, ele não reagiu. Suportou silenciosamente a sua dor.

Um olhar arrebatador

No primeiro livro da coleção "O Mestre dos Mestres"

comentei sinteticamente a negação de Pedro. Ela ocorreu justamente na casa de Anás. Devido à relevância deste assunto, gostaria de retomá-lo e abordar rapidamente alguns pontos que não analisei.

Quando Jesus entrou na casa de Anás, Pedro, com a ajuda 76

Rejeitado e Torturado na Casa de Anás

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

de um discípulo que era conhecido do sumo sacerdote, conseguiu entrar disfarçado. Quem é o discípulo que o ajudou a entrar naquele ambiente? Não se sabe. Provavelmente Nicodemos ou José de Arimatéia, por serem da cúpula judaica, ou ainda algum coletor de impostos, tal como Zaqueu ou Mateus, pois embora fossem odiados pelos fariseus, tinham poder social por servir ao império romano.

Pedro foi ousado em entrar naquele ambiente perturbador.

Os discípulos todos estavam insones em um lugar distante dali.

Pedro nunca mais esqueceria a cena que veria. O seu amado mestre estava sendo ferido física e psicologicamente. Pedro entrou em desespero. Aquilo parecia uma miragem.

Não podia acreditar na violência dos homens e nem na passividade do seu mestre diante dos seus agressores. Talvez pensasse: “Jesus era tão forte e imbatível, como pode se calar diante de tanta violência? Onde está a sua força? O que aconteceu com sua coragem?”. A mente de Pedro devia parecer um redemoinho borbulhante. Nunca conhecera alguém tão forte e nunca vira alguém vestir de tal maneira o manto da fragilidade.

Pedro conhecia a coragem de Jesus para enfrentar o mundo e fazer todos se calarem diante de sua sabedoria e poder, mas não conhecia um tipo de coragem que os homens não têm: a coragem para enfrentar em silêncio a dor, o desprezo, a vergonha pública.

Diante dos dramáticos sofrimentos do seu mestre e do turbilhão de dúvidas que solapavam sua mente, o gatilho da memória detonou um medo intenso. Quando seu mestre fazia milagres e belíssimos discursos, tinha orgulho de ser um dos seus discípulos, mas agora tinha medo de estar associado a alguém violentamente agredido e humilhado.

O medo travou sua inteligência. Então, questionado por 77

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

alguns servos se ele era um seguidor do nazareno, ele negou, não conseguia raciocinar. Questionado outra vez, negou-o mais veementemente. Quando lhe perguntaram pela terceira vez, negou enfaticamente: “Não conheço este homem” **22**. Por alguns momentos Jesus não era mais seu mestre, mas um homem desconhecido, alguém que nunca vira na vida, um homem do qual se envergonhava. Se estivéssemos no lugar de Pedro, quantas vezes o negaríamos?

O evangelho de João é o único que dá margem para interpretarmos que a primeira e a segunda negação de Pedro ocorreram na casa de Anás e a terceira ocorreu na casa de Caifás**23**. Se ela ocorreu em dois ambientes, indica que a capacidade de pensar de Pedro estava totalmente controlada pelo medo. Não gerenciava sua emoção como seu mestre, não se refazia imediatamente após ser atingido pela angústia.

O medo nos controla, o medo de morrer, de ter uma grave doença, de sofrer perdas financeiras, de perder as pessoas que amamos, de encontrar a solidão nas curvas da existência, de ser rejeitado, de fracassar. Jesus não esperava muito do homem. Estava convicto de que na humanidade não havia gigantes no território da emoção. Sabia que vacilamos. De fato todos temos nossos limites.

Quando Pedro o negou pela terceira vez, Jesus se voltou com um olhar cativante e arrebatou seu discípulo do medo e o fez cair em si. Então, ele se lembra de que prometera morrer com seu mestre e que este previu que fraquejaria. Se lá estivessem os mais ardentes seguidores de Jesus, o negariam de maneira tão ou mais vexatória do que Pedro.

Pedro saiu de cena abatido, desesperado. Nunca se sentira tão frágil. Nunca traíra sua própria palavra e de maneira tão vergonhosa. Como o mais excelente terapeuta, Jesus novamente 78

Rejeitado e Torturado na Casa de Anás

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

previra o fracasso de outro dos seus discípulos, não para condená-lo, mas para que ele mesmo não se condenasse, mas conhecesse as suas próprias limitações. Então, Pedro chorou como nunca havia chorado antes.

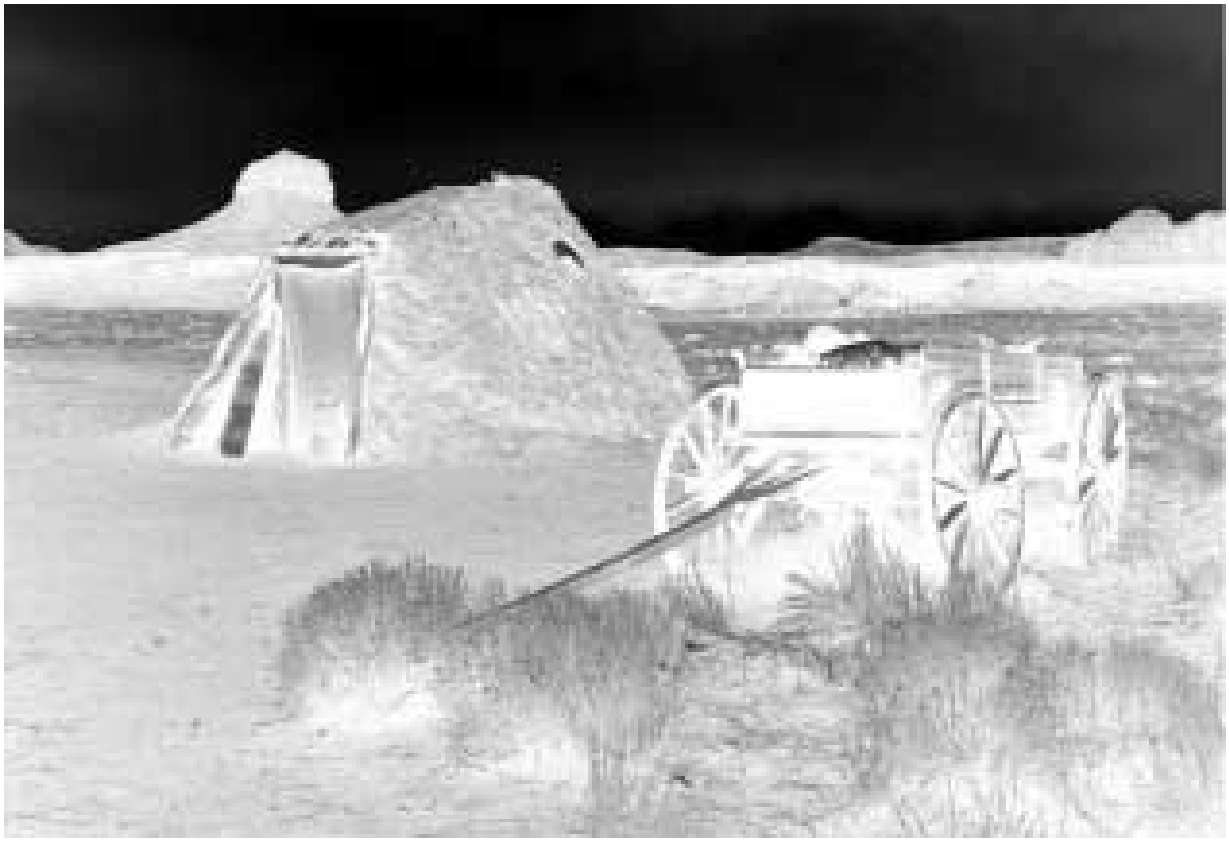
Por andar com alguém que via os erros e os fracassos em outra perspectiva, Pedro não saiu mais fraco diante de sua derrota, mas mais forte. Forte na capacidade de perdoar, de compreender a fragilidade humana, de dar oportunidade aos que erram. Somente os que compreendem as suas próprias limitações podem compreender as limitações dos outros. Os homens mais rígidos e críticos são os que menos conhecem as áreas mais íntimas do seu próprio ser.

O mestre da vida era livre, embora atado em cadeias.

Frustrado, ainda acolhia. Que seguidor da atualidade vive as pegadas que ele deixou?

Ele foi tão brilhante que mesmo se contorcendo de dor conseguia ainda ensinar os que o amavam. Quando silenciado, ensinava com os olhos. Com um olhar penetrante dizia a Pedro que não desistia dele, que ainda o amava. Com a boca sangrando expressava sem palavras que era justamente por seus erros, tais como o que estava cometendo, bem como os de toda a humanidade, que estava morrendo.

Quem é este homem que ferido e com as mãos mutiladas consegue ainda escrever uma carta de amor no coração do ser humano?



○○○○○○○○○○○○○○○○○

○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○

C A P Í T U L O 5

CONDENADO NA

CASA DE CAIFÁS

PELO SINÉDRIO

Condenado na Casa de Caifás pelo Sinédrio

○

○

○

○

○

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

Após ter sido torturado na casa de Anás, este o levou manietado à casa de Caifás, o sumo sacerdote naquele ano. Lá, todo o sinédrio reuniu-se. Estavam diante dele os sacerdotes, os fariseus, os herodianos, os saduceus, os mestres da lei, enfim, toda a liderança judia. Os mais cultos e religiosos homens de Israel reuniram-se para ver que fim dariam ao mestre de Nazaré que alvoroçava a nação.

Não podemos nos esquecer de que ainda era de

madrugada. A multidão que tanto o amava estava dormindo ou insone esperando o sol raiar para vê-lo. Ninguém imaginava que Jesus estava sendo torturado e julgado.

A cúpula judaica tentou fabricar falsos testemunhos para condenar Jesus, mas os testemunhos não eram coerentes**24**. Não havia contradição na vida do mestre dos mestres. Eles poderiam rejeitar drasticamente o que ele falava, mas não poderiam encontrar condutas que rompiam com a ética e o bom senso.

A rigidez dos líderes de Israel impediu que eles fizessem 83

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

um julgamento isento de tendencialismo. Não se renderam a ele porque não o investigaram. A pressa e o desespero em condená-lo fizeram com que reagissem irracionalmente.

Um silêncio gélido

Jesus assistia a todos os falsos testemunhos. Paciente, não sentia necessidade nenhuma de se manifestar. Os homens do sinédrio estavam apressados, tensos, ansiosos, mas ele mantinha um silêncio gélido.

Caifás, o mais importante homem da cúpula religiosa, estava intrigado e indignado com o silêncio de Jesus. Ele o interrogava, mas não obtinha nenhuma resposta.

Todos os homens mostravam um respeito incondicional pela autoridade do sumo sacerdote, mas o carpinteiro de Nazaré, ainda que o respeitasse como ser humano, não atendia o apelo para que respondesse ao seu inquérito. Nada e ninguém o obrigavam a falar.

A ferramenta do silêncio é o estandarte dos fortes.

Somente alguém destemido e que tem consciência de que não deve nada é capaz de usar o silêncio como resposta.

Por que Jesus não falava? Porque estava acima de todo aquele julgamento. Os líderes religiosos defendiam o Deus do Pentateuco (os cinco livros de Moisés), dos profetas e dos salmos. Eles eram técnicos em matéria de Deus, mas, segundo os pensamentos de Jesus, o Deus que eles defendiam e diziam adorar estava diante deles, escondido na pele de um carpinteiro e eles não o reconheciam. Que contraste impressionante! Eram especialistas em ensinar Deus aos homens, mas não conheciam o Deus que ensinavam. Não conseguiam enxergar o filho de Deus por detrás daquele galileu.

84

Condenado na Casa de Caifás pelo Sinédrio

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

Os fariseus faziam longas orações, pareciam exteriormente espirituais, mas o mestre indicava reiteradas vezes que eles usavam a religião com o objetivo de se promover socialmente, para ocupar os primeiros lugares nas festas e nos templos judaicos.

Imaginem a cena. Jesus dizia ser o filho do Deus altíssimo.

Entretanto, ao nascer, preferiu o aconchego de uma manjedoura a berços dos que são técnicos em Deus. Quando cresceu, preferiu trabalhar com madeira bruta e com martelos a freqüentar a escola dos fariseus. Quando abriu a sua boca, os homens que ele mais desaprovou não foram os pecadores, os imorais, os impuros, mas os homens que diziam adorar o seu Pai. Não há como não se surpreender com esses paradoxos.

Certa vez, o mestre disse aos fariseus que eles liam as escrituras, mas não vinham até ele para ter vida**25**. Outra vez disse que muitos o honravam com a boca, mas tinham o coração longe dele**26**. Indicou que todas as vezes que os líderes de Israel recitavam um salmo ou liam uma passagem dos profetas, eles o honravam com a boca, mas não o conheciam nem o amavam.

Quem é este homem que abalou os alicerces dos religiosos de sua época?

Fenômeno da psicoadaptação

gerando a insensibilidade

Neste texto, gostaria de fazer uma pequena pausa para analisar alguns mecanismos inconscientes que conduziram os fariseus e toda a cúpula judaica da época a desprezar completamente o mestre dos mestres. No primeiro capítulo, comentei os motivos conscientes, principalmente as causas sociais; agora, estudaremos os fatores inconscientes produzidos 85

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

principalmente pela atuação do fenômeno da psicoadaptação.

Os mecanismos aqui descritos poderão também arejar algumas importantes áreas de nossa inteligência.

O fenômeno da psicoadaptação atua no território da emoção e destrói sorrateiramente a simplicidade, criatividade, capacidade de aprendizado, a contemplação do belo.

Ao longo de vinte anos tenho estudado a atuação deste fenômeno. Por um lado, ele é importantíssimo para o funcionamento normal da mente; por outro, ele pode, se não bem gerenciado, aprisionar o ser humano num cárcere, principalmente os cientistas, executivos, os escritores, os religiosos, os professores, os profissionais liberais, enfim, os que exercem um trabalho intelectual intenso. Os processos envolvidos na atuação deste fenômeno não serão estudados aqui*.

Psicoadaptação, como o próprio nome indica, é a adaptação da emoção aos estímulos dolorosos ou prazerosos.

A freqüente exposição aos mesmos estímulos leva, ao longo do tempo, à perda da sensibilidade a eles. Podemos perder a sensibilidade pela dor, necessidade e

fragilidade dos outros.

Podemos ainda, perder paulatinamente a capacidade de sentir prazer na vida, o encanto pelas pessoas mais íntimas, o amor pelo trabalho, a disposição para criar, a habilidade para aprender.

Jesus foi o mestre da sensibilidade. Sabia reciclar o fenômeno da psicoadaptação com grande destreza. Nunca deixava de se encantar com os pequenos estímulos e de ter prazer de viver ainda que o mundo desabasse sobre sua cabeça.

Apreciava se relacionar com as pessoas. Mesmo com intensas atividades, ainda achava tempo para fazer as coisas simples, como

* Cury, Augusto J., Inteligência Multifocal, Editora Cultrix, São Paulo, 1998.

Condenado na Casa de Caifás pelo Sinédrio

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

jantar na casa de um amigo ou contar uma parábola interessante.

O excesso de compromissos não modificou o que ele era por dentro. Infelizmente, somos diferentes. Quanto mais compromissos, deixamos de fazer as coisas mais simples e que mais amamos.

À medida que somos expostos aos estímulos, deixamos de ter prazer neles. Depois de um mês que compramos um carro, o dirigimos sem grandes emoções. Nas primeiras vezes que o dirigimos, sentimos um prazer mais intenso, mas, com o passar do tempo, o estímulo visual vai atuando no processo de construção de pensamentos e perdendo, sutilmente, a capacidade de excitar a emoção.

O mundo da moda sobrevive porque as mulheres também são vítimas do fenômeno da psicoadaptação. A necessidade de comprar novas roupas ocorre porque após usar a mesma, a emoção se psicoadapta e deixa pouco a pouco de sentir o prazer nos mesmos níveis das primeiras vezes. A mídia é perniciosa neste sentido. Ela, sem o perceber, atua no fenômeno da psicoadaptação gerando uma insatisfação mais rápida e intensa, o que estimula o consumismo.

Todos nós temos milhares de experiências nesse sentido.

Ao longo da vida nos psicoadaptamos a pessoas, coisas, situações ou objetos. Em muitos casos, a atuação deste fenômeno é positiva. Vamos dar dois exemplos.

Primeiro, quando conquistamos uma meta, um diploma, um conhecimento, perdemos pouco a pouco o prazer da conquista. À medida que esta perda se processa existe uma ansiedade normal que é estimulada, que chamo de "ansiedade vital"*. Tal ansiedade impulsiona inconscientemente a necessidade de transpor a conquista, nos estimulando a ter novas 87

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

idéias, novas metas, alavancando, assim, a criatividade. Muitos homens deixam de brilhar porque perderam o encanto para criar. Eles ouvem palestras sobre motivação, mas nada os estimula. Apegam-se às suas conquistas como se fossem seus tronos. Envelheceram no território das idéias.

Segundo, quando vivenciamos perdas, frustrações, injustiças, o pensamento fica hiperacelerado e a emoção, angustiada. Mas, com a atuação do fenômeno da psicoadaptação, a carga de sofrimento vai diminuindo pouco a pouco, aliviando a dor emocional. Quem não desacelera o pensamento, não se psicoadapta às perdas, perpetuando, deste modo, a sua angústia.

Portanto, nesses dois sentidos, o fenômeno da psicoadaptação é benéfico.

Precisamos ficar atentos para a atuação sutil e maléfica deste fenômeno inconsciente. Ele pode nos fazer insensíveis à dor dos outros; cultivar a auto-suficiência e nos transformar em pessoas abastadas, prepotentes; gerar a prática do coitadismo e nos transformar em pessoas sem auto-estima e com enorme dificuldade de lutar pela vida e por nossos ideais; cristalizar preconceitos e nos fazer discriminar pessoas que são tão importantes como nós. Nesses sentidos ele é muito prejudicial.

O mestre da Galiléia, embora não citasse o fenômeno da psicoadaptação em

seus discursos, demonstrava que o conhecia muitíssimo. Ele estava sempre treinando a emoção dos seus discípulos para que eles não fossem insensíveis à dor dos outros, vacinassem-se contra o orgulho, se colocassem como aprendizes diante da vida, não desistissem de si mesmos por mais defeitos que tivessem e nunca discriminassem ninguém que os rodeasse.

* Cury, Augusto J., A Depressão de Freud, Academia de Inteligência, São Paulo, 2001.

88

Condenado na Casa de Caifás pelo Sinédrio

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

-
-
-

Antes de estudar a mente dos fariseus, deixe-me citar o exemplo do holocausto judeu. Um dos motivos inconscientes mais importantes que levou uma parte do povo alemão, que era um berço de cultura e de idéias humanistas, a cometer as atrocidades contra os judeus e outras minorias na Segunda Grande Guerra foi o fenômeno da psicoadaptação.

A propaganda nazista, os fatores sociais e os focos de tensão psíquica atuavam sorrateiramente no universo inconsciente dos soldados nazistas fazendo com que desenvolvessem uma repulsa pela raça judia e uma valorização irracional pela raça ariana. Nos primeiros anos do nazismo, a maioria dos soldados jamais pensou que seria protagonista de um dos maiores crimes da história. Entretanto, à medida que os judeus eram perseguidos e confinados nos campos de concentração, algo sutil ocorreu nos bastidores da mente dos soldados alemães. Eles se psicoadaptaram à dor deles. Com o avanço da guerra, não mais se comoviam com suas misérias.

Nem a dor das crianças judias expressa pelo temor, corpos emagrecidos, olhos fundos e angústia pela falta dos pais comoviam os nazistas. Quantas lágrimas, gemidos inexprimíveis e reações de medo não viveram.Um milhão de inocentes crianças foram cortadas do direito de existir, viver e brincar. Não foram os judeus que perderam suas crianças, mas nossa espécie. Eu e você as perdemos. Nunca tantas crianças foram mortas na história em um só período.

O mesmo fenômeno da psicoadaptação que contribuiu para quase dizimar o povo judeu, também contribuiu para que os líderes judeus assassinassem Jesus. Tornaram-se auto-89

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

suficientes. Ninguém podia ensiná-los e contrapor ao que pensavam. Ninguém podia penetrar no mundo deles e dizer que estavam errados. Jamais poderiam ser ensinados por um nazareno que não tinha privilégios sociais. O mestre da vida não podia ser um carpinteiro. Aqueles homens serviam a Deus sem Deus. As chamas do amor do Criador não aqueciam suas frias emoções.

Os homens que cometeram mais atrocidades na história foram aqueles que tinham menos capacidade de se questionar.

Foram aqueles que tinham menos capacidade para aprender.

Eles fecharam as janelas da inteligência para pensar em outras possibilidades. Quem vive verdades absolutas usa o poder para dominar os outros. Aqueles que eles não conseguem dominar, eliminam.

Será que não temos sido os

fariseus da era moderna?

Reflito: se fôssemos membros do sinédrio daquela época não teríamos rejeitado também aquele carpinteiro simples, de mãos grossas e pele judiada pelo sol? Quantos homens que se consideram mestres dos textos bíblicos da atualidade não teriam engrossado o coro da cúpula judaica, condenando aquele que se recusava a fazer milagres para confirmar sua identidade?

Fico pensando se eu não sou um fariseu dos tempos modernos. Quantas vezes ferimos o direito dos outros por nos colocarmos num pedestal inatingível! Quantas vezes somos radicais e engessados em nossa maneira de pensar! Excluímos as pessoas que não pensam como nós, ainda que por horas.

Temos uma necessidade doentia de que o mundo se afine com nossas idéias. Reagimos sem pensar quando nossos comportamentos não são aprovados.

90

Condenado na Casa de Caifás pelo Sinédrio

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

Nenhum rei pode trabalhar em equipe se não sai do seu trono e se coloca no mesmo nível dos seus súditos. Do mesmo modo, quem se senta no trono da sua empresa, da sua escola, da sua instituição, nunca terá nada para aprender com as pessoas que o rodeiam. Quem só sabe dar ordens e olhar as pessoas de cima para baixo, nunca conseguirá exercer um trabalho humanizado. Quem não governa seu próprio mundo jamais será um bom líder dos outros.

O mestre de Nazaré apesar de ser tão sublime na sua capacidade de pensar não se posicionou acima dos homens, não se tornou um extraterrestre, um corpo

estranho em seu meio social. Era um mestre na arte de ouvir, compreender os sentimentos, estimular a inteligência e valorizar as pessoas que o rodeavam. Sabia trabalhar em equipe como ninguém, pois sabia descer ao nível das pessoas. Se ele era Deus, foi de fato um Deus brilhante, digno de ser amado, pois teve a coragem de sair do seu trono.

Jesus foi um mestre tão encantador que nem ao menos teve ciúme de sua posição. Teve a coragem e o desprendimento de dizer aos seus discípulos que eles fariam maiores coisas do que ele fez. Quem se comporta deste modo? Até nos departamentos das universidades tal solidariedade é utopia, pois nela não poucos intelectuais vivem cercados por ciúme e vaidade.

O mestre dos mestres foi excepcional. Somente alguém tão grande é capaz de estimular os outros a ultrapassá-lo.

Grande, mas pequeno

Alguns podem dizer que Jesus Cristo era absolutista, pois declarava possuir um poder extremo, mas, para nosso espanto, se recusava a usá-lo em favor de si. Nunca nenhum ser humano 91

Análise da Inteligência de Cristo - O Mestre da Vida

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

disse possuir as verdades que ele possuía. Mas, ao contrário de nós, não obrigava ninguém a segui-las. Sua grandeza reluzia na sua capacidade de se fazer pequeno.

Naqueles ares apareceu um homem convidando as pessoas a beber de uma água nunca antes bebida, que saciava a sede da emoção, que resolvia o vazio da existência e cortava as raízes da solidão. Entretanto, só bebia dela quem tivesse uma sede espontânea, quem tivesse coragem para reconhecer que faltava algo dentro de si.

Quem não tivesse tal sede, podia seguir seu próprio caminho e esquecer o mestre da vida. Quem se julgava abastado podia ficar girando em torno do seu próprio mundo. Quem não precisava de médico e julgava que não tinha feridas em sua alma, podia excluí-lo de sua vida.

Rompendo o silêncio

Retornemos à casa de Caifás. Os homens do sinédrio estavam bombardeando Jesus com perguntas, mas ele nada respondia. Estavam incomodados com o seu comportamento.

Não parecia um réu. Ele estava às portas da morte e sob o risco de mais uma sessão de tortura, mas se portava sem se perturbar.

Eles o colocaram como ator principal de uma falsa peça jurídica.

Tudo o que lhe faziam não era novidade. Horas antes, no jardim do Getsêmani, gemeu de dor e se preparou para suportar com dignidade os mais aviltantes sofrimentos e humilhações.

Seu comportamento sereno diante do sinédrio refletia a sua exímia capacidade de governar a quase ingovernável emoção.

Cristo já havia se preparado para morrer.

Muitas pessoas dizem que não têm medo da morte. Só que fazem esta afirmação

quando estão em plena saúde. Diante 92

Condenado na Casa de Caifás pelo Sinédrio

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

do apagar das luzes da vida, nossa segurança se esfacela. Só não sente algum tipo de insegurança diante da morte quem nunca refletiu sobre ela. Tal insegurança, longe de ser ruim, é uma homenagem à vida. A vida não aceita a morte.

Nossas emoções clamam pela continuidade da existência, nossos pensamentos clamam pela perpetuação do espetáculo da vida. Mesmo os que pensam em suicídio têm fome e sede da vida, só que não suportam a angústia e o desespero que os abate. Se aprenderem a não ser submissos à sua dor e a navegar no território da emoção, ganharão um novo sentido de vida.

O sinédrio queria terminar o julgamento de Jesus. Caifás insistia para que ele

respondesse às acusações que lhe faziam, mas ele mantinha-se em silêncio. Entretanto, Caifás fez-lhe um pedido que ele não podia deixar de atender. Ele rogou perante o Deus vivo que Jesus declarasse realmente se era o “Cristo”, o filho de Deus.

No momento em que Caifás faz este apelo, Jesus, mesmo sabendo que sua resposta detonaria o gatilho da agressividade dos seus inimigos, rompeu seu silêncio. Percorreu com seus olhos o sinédrio e fixou-se no sumo sacerdote. Em seguida confirmou sem margem de insegurança: *“tu o disseste”* **27**.

Talvez esperassem uma resposta negativa, um pedido de desculpas e de clemência, dizendo que tudo que disseram sobre ele não tinha passado de um grande engano. Mas sua resposta foi positiva. Foi tão afirmativa que ele usou as próprias palavras de Caifás para mostrar que ele era de fato o filho do Altíssimo.

Jesus declarou que o Deus que os homens do sinédrio serviam era seu próprio Pai. E para não deixar dúvida alguma sobre sua identidade, foi muito mais longe. Completou a resposta com uma sentença que deixou seus inimigos atônitos, rangendo os dentes, espumando de ódio. Vejamos.

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

Revelando ser a pessoa mais

poderosa do universo

Imediatamente após declarar que era o filho de Deus, ele revela seu status. Diz com toda autoridade e sem meias palavras que tinha a mais alta posição do universo: *"Entretanto, eu vos declaro que desde agora vereis o filho do homem assentado à direita do Todo Poderoso, e vindo sobre as nuvens do céu"* **28** .

As principais traduções dessa frase carregam o mesmo sentido, algo tão grande que beira os limites da linguagem.

Gostaria que antes de analisá-la, o leitor refletisse sobre ela.

O ilustre poeta Carlos Drumond de Andrade disse:

"Quanto mais se tem consciência do valor das palavras, mais se fica consciente do emprego delas". Se existiu uma pessoa consciente do emprego das palavras, essa pessoa era Jesus. Era econômico e preciso no falar. Tudo o que falava tinha a precisão de um cirurgião. Seus pensamentos escondiam verdadeiros tratados. Sabia exatamente o que falava e quais as implicações de suas palavras.

Antes de analisar as reações dos homens do sinédrio, vamos investigar as dimensões e implicações do seu pensamento.

Os fariseus o consideravam a maior heresia. Ele, ao invés de acalmar os ânimos dos que o odiavam, derramou combustível em sua ira.

Declarou que não era apenas o filho de Deus, mas que todos os homens do sinédrio o veriam vindo sobre as nuvens do céu. Que significa isto? Significa que, embora eles o matassem, ele venceria a morte, estaria vivo e ativo, por isso o veriam vindo sobre as nuvens do céu. O que significa vindo sobre as nuvens do céu? Significa que, naquele momento, ele estava assentado 94

Condenado na Casa de Caifás pelo Sinédrio

-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

no banco dos réus, estava na condição de um simples carpinteiro, um nazareno desprezado e humilhado, mas um dia viria na posição inversa, viria com todo poder para julgar a humanidade, inclusive os homens que o julgavam.

Sua intrigante afirmação não pára por aí. Ele teve a ousadia de dizer algo que nunca ninguém teve a coragem e até a inteligência de dizer. Disse que se assentaria na mais alta posição do universo, uma posição impensável, inimaginável, exclusiva, ou seja, à direita do Todo-Poderoso.

Algumas versões dos evangelhos traduzem “Todo-Poderoso” como “o Poder”. Qualquer que seja a tradução, ela atinge o limite da linguagem. Jesus não disse que estaria à direita de um poder, mas “do Poder”, do poder máximo, sem limites, imensurável. Não é possível usar outra expressão para definir um ser tão

grande.

Dizer que seu Pai é Todo-Poderoso significa que Ele pode estar em todo tempo e em todos os lugares. Perscruta os eventos e sabe de tudo antecipadamente. Faz tudo o que quer, quando quer e do jeito que quer. Ele é tão grande que tem características incompreensíveis à mente humana. O tempo, a morte, as limitações não existem para Ele. Não se submete às leis da física, pois todas as leis são obras de sua sabedoria. Nada é impossível para Ele.

Diante de tal poder, podemos perguntar: Se Deus é Todo-Poderoso por que não arranjou um plano menos angustiante para que seu filho pudesse resgatar a humanidade? Se Ele é ilimitado, por que não interveio no caldeirão de injustiças que borbulhou em todas as gerações? Por que há guerras, fome, misérias, morte de crianças? Essas perguntas tratam de um tema de fundamental importância, que perturba todos os que pensam. Confesso que durante anos fiquei perturbado tentando 95

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

garimpar algumas respostas. Esse tema será tratado nos últimos textos deste livro. Neles abordarei o plano mais ambicioso da história.

Do ponto de vista filosófico, não cabe mais do que um Todo-Poderoso no universo, pois ao interpretar todas as vertentes semânticas dessa palavra, chegaremos à conclusão de que se houver mais do que um, eles limitariam um ao outro.

O carpinteiro de Nazaré indicou que não apenas venceria a morte, mas que estaria assentado à direita de Deus. O mais rejeitado dos homens disse aos membros do sinédrio que não estaria nem um milímetro abaixo e nem um milímetro acima do Todo-Poderoso, mas à sua direita. Jesus resgata aqui sua divindade e revela seu status como "Deus filho". Diz que tem a mesma posição do Todo-Poderoso, portanto, imarcescível, incriado, eterno. Por isso afirmou reiteradas vezes que ele e seu Pai são um, possuem a mesma natureza.

O mestre da vida é envolvido numa colcha de mistérios.

Pesquisá-lo é uma grande aventura. Sua história vai ao encontro da célebre frase: "Há mais mistérios entre o céu e a terra do que sonha nossa vã filosofia"*.

Chocando os homens do sinédrio

Os homens do sinédrio entenderam a mensagem de Jesus e ficaram perplexos com suas palavras. Jamais poderiam acreditar que estariam julgando e torturando o ser mais importante do universo.

No momento em que os judeus ouviram sua resposta, ficaram tão escandalizados que rasgaram as suas vestes. Tal

* Shakespeare, William

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

atitude, típica da cultura judaica, era tomada toda vez que algo muito grave, chocante e inadmissível acontecia. Não podiam estar mais perplexos. Os homens do sinédrio estavam num grande dilema: ou o consideravam a maior verdade do universo ou a maior heresia já proclamada por um homem. Preferiram a segunda opção.

Como poderiam crer num homem que se recusava a fazer milagres em público? Se fizesse qualquer milagre, poderia mudar o pensamento da cúpula judaica, mas o mestre dos mestres não mudava os seus princípios. Jamais faria um milagre para se promover.

O seu rosto já estava edemaciado, os traumas ainda estavam doloridos, mas, desprezando a sua dor, revelou sua identidade e escandalizou seus opositores. Que coragem é esta que vai até às últimas conseqüências? Se ele tivesse se calado, teria evitado mais uma sessão de tortura.

Muitas vezes, simulamos e disfarçamos nossas intenções.

Não creio que haja uma pessoa que não tenha mentido ou simulado seus

pensamentos e intenções diversas vezes na sua vida. Tais reações derivam do medo de sofrermos conseqüências por nossa honestidade. O mestre preferia ser maltratado fisicamente a ser pela sua consciência.

Como pode alguém, que aparentemente estava derrotado, se mostrar imbatível e se posicionar como senhor do universo?

Réu de morte

Caifás, como líder máximo dos judeus, foi o primeiro a rasgar a sua veste. Após tal ato, bradou a plenos pulmões: "*Ele blasfemou*" **29**. Controlado pela raiva, perguntou aos membros do sinédrio qual era o parecer deles. Responderam altissonantes:

"É réu de morte".

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

Os membros do sinédrio desejavam ardentemente eliminá-lo. Suas palavras estavam contagiando todo o povo. Na sua resposta, encontraram o motivo. Para a multidão que amava Jesus nenhuma explicação era necessária para identificá-lo, mas para os que o odiavam nenhuma explicação era possível.

Alguns escritores judeus da atualidade dizem que Jesus era querido no meio da cúpula judaica.Não é verdade. Nutriam por ele uma rejeição visceral. Por que tamanha rejeição? A matemática é simples. Se cressem nele, teriam de mudar completamente a maneira de ver a vida e reagir ao mundo. Teriam de admitir que o Deus de Moisés e dos profetas, que foi proclamado em verso e prosa nos Salmos, estava diante deles na pessoa de seu filho. Teriam de abandonar sua arrogância e se dobrar aos seus pés.

A segunda e dramática sessão de tortura

No momento em que os homens do sinédrio bradam que Jesus era réu de morte, detonam o gatilho da agressividade, uma fúria incontrolável se apodera dos soldados sob seu comando. Eles se aglutinam em torno dele e começam a esmurrá-lo, cuspir no seu rosto, esbofeteá-lo, chutá-lo.

Em minutos, multiplicam-se seus edemas e hematomas.

Seu rosto traumatizado desfigura-se ainda mais. O poeta da vida está quase irreconhecível.

Foi uma noite de terror. E, como se não bastasse a violência física, eles o torturaram psicologicamente. Cobriram-lhe o rosto e o esmurraram dizendo: *"profetiza quem te feriu"* **30**.

Faziam-no o centro de um espetáculo de deboche. Imensas gargalhadas se ouviam no pátio da casa de Caifás. Todos zombavam do "falso" filho de Deus. Quem suportaria tanta humilhação?

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

Eis o grande paradoxo expresso na história de Jesus: “Em nome de Deus os homens feriram a Deus, porque não descobriram que Ele estava escondido na pele de um homem”.

Se tivéssemos o poder que o mestre da vida confessava ter, o que faríamos com nossos carrascos? Certamente os teríamos agredido com igual violência. Se o destino da humanidade dependesse de nossa paciência, a humanidade seria extinta. Foi um grande teste para Jesus. Ele nada fez.

Simplesmente suportou o insuportável.

Considerado uma escória humana

Um dia, um velho amigo chinês me contou uma história emocionante que ocorreu há muitos séculos na China. Um general chinês, que queria destituir o império, foi capturado pelo exército do imperador. Este planejou usá-lo para que ninguém mais se rebelasse contra o império. Pensou em colocá-lo diante do povo para humilhá-lo publicamente.

O imperador tomou providências para que o general não se suicidasse antes de dar a lição ao seu povo. O general ficou sabendo da intenção do imperador e considerou a humilhação pior do que a própria morte. Então, antes que começasse sua tortura, começou silenciosamente a morder e triturar a sua língua.

Assim, ele começou a expelir grande volume de sangue pela boca e, antes que fosse humilhado publicamente, morreu de hemorragia.

A grande maioria de nós carrega nos recônditos da alma algumas pessoas que nos feriram ao longo da vida, que de alguma forma nos desprezaram. A dor da humilhação, ainda mais se for diante dos outros, é quase inesquecível. Cala fundo na alma, gera um sentimento de revolta.

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

Jesus, mais do que qualquer homem, foi humilhado publicamente. Teve quatro grandes sessões de tortura física e psicológica. Sua humilhação não foi um simples desprezo, mas um deboche no mais alto grau. Foi considerado uma escória humana, alguém de quem as pessoas se envergonham e viram o rosto. Entretanto, não desistiu da vida e nem se revoltou.

Simplesmente suportou.

Pouco tempo antes de ser preso, ele entrou em Jerusalém sob o clamor das multidões. Estava no auge da fama. Porém, ao entrar na cidade, chorou **31**. Sua reação foi estranha e incomum para alguém com altíssimo índice de popularidade. Todavia, não se importava com a fama. Queria o coração dos homens. Chorou pelos habitantes de Jerusalém. Chorou pela dor das pessoas, pela distância que seus líderes estavam de Deus. Desejava que eles se aproximassem dele e conhecessem o mais belo dos caminhos, o caminho da paz.

As lágrimas que rolavam pelo rosto do mestre da vida eram um testemunho vivo de que, apesar de ser contra as práticas dos fariseus, ele os amava. Semanas mais tarde, ele foi preso.

Livre, chorou; preso, um outro líquido escorria pelo seu rosto.

O que é? São lágrimas? Não, estas já haviam sido derramadas.

São gotas de escarro. Que contraste! Os homens cuspiam em seu rosto e um fluido viscoso escorria pela sua pele.

A análise psicológica desse ato revela que "cuspir" é símbolo pleno da rejeição. Ao ser cuspido, o mestre dos mestres foi rejeitado ao máximo.

Quando chorou, Jesus tinha muitos motivos. Os homens que falavam de Deus não tinham os atributos de Deus, não conheciam a compaixão, a misericórdia, o perdão. Se ele era Deus, como pôde ser escarrado pelas suas criaturas sem nada fazer? Qual a explicação? Não há explicação. O amor é inexplicável.

100

Condenado na Casa de Caifás pelo Sinédrio

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

O topo da mansidão no topo da dor

Qualquer pesquisador da psicologia que analisar a personalidade de Cristo ficará impressionado. Ele se comportava como um homem, mas é humanamente impossível estar tranqüilo onde só havia espaço para a ansiedade; estar sereno, onde só cabia o pânico.

Ele não era controlado pelo medo. Seu comportamento sereno e tranqüilo perturbava os que o odiavam e os levava à loucura. Mesmo os homens de Pilatos aumentavam o grau de tortura por não vê-lo reagir.

Jesus, certa vez, deu um ensinamento inusitado aos seus discípulos. Disse que não temessem o homem, fosse quem fosse, pois por mais violento, poderia, no máximo, tirar a vida do corpo e, depois disso, nada mais poderia fazer. Completou dizendo que reverenciassem o Criador, pois nas mãos dEle estava o destino do corpo e da alma humana**32**. De fato, nada que os homens pudessem fazer contra ele o abalava.

Somente isso explica por que, no topo da dor, o mestre da vida expressava segurança e brandura. Há dois mil anos pisou na terra um homem que atingiu o apogeu da saúde emocional.

Certa vez, o mestre da vida fez um convite que a psiquiatria e a psicologia moderna jamais têm coragem de fazer. Disse:

"Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei... Aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para as vossas almas" **33**.

O convite de Jesus nos deixa impressionados. Ele discutia um assunto que estava se iniciando em sua época e se desenvolveu ao longo dos séculos e nos tem afetado coletivamente na atualidade. Antes de discorrer sobre sua proposta, vamos analisar nossa qualidade de vida no terceiro milênio.

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

Se um psiquiatra fizer este convite aos seus pacientes, ele tem grande chance de estar tendo um surto psicótico. Os psiquiatras também são vítimas da ansiedade. Também hiperaceleram seus pensamentos, roubam energia do córtex cerebral e ficam fatigados, cansados, ainda que não tenham feito exercícios físicos que justifiquem a dimensão deste cansaço.

Tenho pesquisado uma nova síndrome psíquica, a SPA ou síndrome do pensamento acelerado. O excesso de bombardeamento de informações no mundo moderno e a hiperexcitação da emoção através da indústria do entretenimento, tais como TV, vídeo, internet, competições esportivas e profissionais, têm gerado a síndrome SPA. O ponto central desta síndrome é a dificuldade do "eu" em gerenciar o processo de construção de pensamentos, o que se traduz por produção exagerada e acelerada.

Os sintomas da síndrome SPA são: hiperprodução de pensamentos, pensamento antecipatório, ruminação do passado, ansiedade, dificuldade de ter prazer na rotina diária, insatisfação existencial, a flutuação emocional, o sono insuficiente, déficit de concentração e diversos sintomas psicossomáticos, tais como cansaço físico exagerado, cefaléia, alteração do apetite. A SPA é a síndrome do homem moderno.

Os que exercem um trabalho intelectual mais intenso estão mais expostos a ela. Nem sempre ela é doentia, pois seus sintomas não chegam a ser incapacitantes, mas ela pode predispor o homem a ter ansiedade patológica, depressão, síndrome do pânico, transtornos obsessivos, doenças psicossomáticas.

Os juízes, advogados, os médicos, os psicólogos, os executivos, os jornalistas e os professores têm freqüentemente e, em diversos níveis de intensidade, a SPA. Eles não conseguem 102

Condenado na Casa de Caifás pelo Sinédrio

○

○

○

○

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

desacelerar o pensamento e poupar energia física e psíquica.

Gastam mais do que repõem, por isso acordam fatigados.

Os professores de escolas primárias e secundárias de todo o mundo têm enorme dificuldade para ensinar, manter o silêncio em sala de aula e conquistar o respeito dos alunos, porque muitos deles também são portadores desta síndrome. Os alunos de um século atrás pensavam num ritmo bem mais lento do que os da atualidade. Por serem insatisfeitos, ansiosos e com enorme dificuldade de se colocar no lugar dos outros, a escola virou uma prisão para eles. Os alunos e a escolas estão em mundos e em ritmos diferentes.

Se o mestre de Nazaré já detectava que os homens de sua época tinham uma péssima qualidade de vida, estavam cansados, estressados e sobrecarregados, imagine como estamos no terceiro milênio. A vida tem sido um espetáculo onde há mais ansiedade do que tranqüilidade. Todos somos candidatos ao stress.

Já ajudei diversos psicólogos e percebi claramente que muitos sabem lidar com as dores dos outros, mas, como qualquer ser humano, também têm grande dificuldade de gerenciar suas emoções, principalmente nos focos de tensão. Os psiquiatras, por tratarem das mazelas da alma, se psicoadaptam aos pequenos estímulos prazerosos da rotina diária e, sorrateiramente, se entristecem, perdem

o brilho da juventude. Envelhecem precocemente num lugar em que jamais deveriam envelhecer, no território da emoção. Por isso muitos deles se deprimem.

Há muitos psiquiatras experientes, mas é raro encontrar um psiquiatra com mais de quinze anos de profissão contemplando o belo; alegre, solto, livre, vivendo cada dia como um novo dia.

Os antidepressivos tratam da depressão, mas não 103

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

produzem prazer. Os ansiolíticos tratam da ansiedade, mas não produzem a serenidade. Não sabemos como produzir um homem alegre e tranqüilo. Mas há dois milênios apareceu um homem que fez um convite único para a humanidade.

Propunha que os homens viessem a ele e aprendessem o que nenhuma escola ensina: tranqüilidade, descanso emocional, um pensamento desacelerado e lúcido, um prazer existencial estável.

O mundo conspirava contra ele, mas ele ainda caminhava suavemente pela vida. Sabia antecipadamente sobre a violência do seu martírio, mas para o nosso espanto, não vivia a síndrome SPA. Tinha todos os motivos para ter insônia, mas dormia até em ambientes em que todos estavam ansiosos, tal como no episódio do mar agitado. O mestre dos mestres era invariavelmente tranqüilo num ambiente turbulento; era alegre em situações saturadas de conflitos.

Ninguém mais teve a ousadia e a eloqüência de proferir as palavras que Jesus proferiu. Era possível observar com facilidade os traços de um homem sereno e manso em seu julgamento.

Estava no topo da dor física e psicológica, mas se estivéssemos presentes na cena, poderíamos contemplar um homem que exalava calma no caos.

Que homem é este que governava seus pensamentos e emoções num ambiente em que era quase impossível gerenciar a inteligência? A psicologia e a psiquiatria só não se dobraram aos seus pés porque não tiveram a iniciativa de investigá-lo.

Caminhando em direção à casa de Pilatos

Jesus saiu sangrando da casa de Caifás, estava quase sem energia. Cambaleante, fez mais uma angustiante caminhada à fortaleza Antônia, onde se encontrava Pilatos. Chegou a vez da política romana julgá-lo. **34**

○

○

○

○

○

○

o

o

o

o

o

o

o

o

o

O sinédrio desejava que Pilatos o condenasse velozmente e sem um julgamento formal e, ainda por cima, se responsabilizasse pelo ônus da sua morte. Os líderes judeus não queriam levar a culpa de cessar o fôlego do escultor da alma humana. **35**



○○○○○○○○○○○○○○○○○

○○○

C A P Í T U L O 6

OS HOMENS DO IMPÉRIO ROMANO NA HISTÓRIA DE CRISTO: O PANO DE FUNDO

Os Homens do Império Romano na História de Cristo: O Pano de Fundo

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

Antes de comentar o julgamento de Cristo conduzido pela política romana, gostaria de fazer uma síntese das características da personalidade e da atuação política dos mais importantes personagens do império romano que participaram direta ou indiretamente de sua história.

Precisamos conhecer algumas áreas dos bastidores políticos do maior império da história e usar este conhecimento como pano de fundo para compreendermos o julgamento do mestre dos mestres.

Herodes, o Grande

Herodes, o Grande, era o rei da Judéia e da Galiléia quando Jesus nasceu. Foi ele quem, movido pela ambição e controlado pelo medo, mandou assassinar o menino Jesus. Como não tinha a identidade e a localização exata do menino, enviou soldados para matar todas as crianças do sexo masculino abaixo de dois

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

anos na cidade de Belém. Cometeu, assim, uma das maiores atrocidades da história. Executou tal ato quando estava velho.

Os anos não apaziguaram sua emoção.

Herodes, o Grande, era de família nominalmente israelita, mas, na realidade, não era judeu.Era um edomita, pertencia a outra nação. Teve um longo reinado. Reinou de 40 a.C. a 4.d.C., portanto cerca de 44 anos. Foi o fundador da última dinastia judaica.

Era filho de Antipater. Este teve uma posição de grande influência no governo de Hircano II, último rei judeu e sumo sacerdote asmoneano. Antipater percebeu que o futuro da Judéia, onde se encontra a cidade de Jerusalém, estaria nas mãos de Roma. Astuciosamente ganhou a amizade do imperador Pompeu e, depois da morte deste, de Júlio César. Auxiliou Júlio César com homens e dinheiro em algumas de suas batalhas em 48

a.C. Este o recompensou, fazendo-o governador da Judéia, Samaria e Galiléia, território sob o domínio nominal de Hircano.

Deste modo, a partir de Antipater, Israel deixou de ter o seu próprio rei, algo inaceitável para o seu povo.

Após o assassinato de Júlio César em 44 a.C., Antipater ganhou a confiança de Cássio, o líder do partido republicano, o que lhe assegurava estabilidade em seu governo. Herodes, seu filho, seguiu perseverantemente sua política. Habilidoso, sabia que não podia confrontar-se com aqueles que estavam dominando o mundo, por isso se aliou sucessivamente aos imperadores Pompeu, Júlio César, Cássio, Antônio e, finalmente, a Augusto. Aproveitando as oportunidades políticas após a morte de seu pai, acabou, por fim, tornando-se um rei confederado (rex socius) do império romano.

Pelo decreto do senado romano em 40 a.C., tornou-se rei da Judéia. Em 37 a.C. casou-se com Mariana, neta do ex-rei 110

Os Homens do Império Romano na História de Cristo: O Pano de Fundo

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

Hircano. Corajoso, apoderou-se de Jerusalém com auxílio de duas legiões romanas. Herodes também era um político dotado de paciência. Gastou nove anos para fortalecer sua posição até tomar Jerusalém. Na ocasião, seu instinto sanguinário se revelou.

Mandou assassinar quarenta e cinco membros (maioria saduceus) do sinédrio, e matou toda casa asmoneana, linhagem judaica que governava a Judéia.

Apesar de violento, Herodes se mostrou um grande construtor. Os quatorze anos seguintes empregou na construção de edifícios públicos, incluindo o teatro de Jerusalém. Edificou também novas cidades, a maior das quais era Cesaréia, em homenagem ao imperador. Sua maior obra foi a reedificação do templo. Entretanto, a águia de ouro, símbolo da supremacia romana, que ele colocou em cima da entrada principal do templo, foi para o povo judeu uma lembrança amarga e constante da servidão imposta por Roma.

Herodes teve um reino material privilegiado. Desfrutou de relativa tranqüilidade política. Protegeu o comércio e a agricultura e apresentava socorro social em

situações de calamidade. Entretanto, seus feitos não foram valorizados devido à arrogância e às violações dos direitos humanos. Como acontece com todos os homens agressivos que dominam seu povo com mão de ferro, sua vida estava freqüentemente ameaçada por conspirações. Porém, esmagava e torturava seus inimigos. Não poupou nem sua amada esposa, Mariana.

Tinha várias mulheres, mas seu coração era de Mariana, uma judia. Amava-a intensamente*. Porém, Mariana rejeitava-o por ter matado muitos membros de sua família. Toda vez que Herodes chegava fatigado das longas batalhas, procurava o

* Josefo, Flávio, História dos Hebreus, Editora CPAD, Rio de Janeiro, 1990.

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

amor e carinho da esposa. Todavia, encontrava uma esposa deprimida, que pouco se importava com seu poder e glória.

Mariana era rejeitada por membros da família do rei. Certo dia, influenciado por falsas denúncias produzidas por seus parentes, o poderoso Herodes mais uma vez expressou ser pequeno de alma. Era diferente de Jesus, que aceitava ser abandonado, negado e traído sem nada cobrar de ninguém.

Mandou assassinar a sua amada por suspeitar que ela conspirara contra ele. Herodes, conhecido como "o Grande", era infantil na capacidade de compreensão da dor humana.

Ao matar quem tanto amava, sua vida se converteu em tormento; sua glória, em maldição. Vivia para o poder e não viu mais dias felizes. A ambição transformara o poder num cárcere.

Posteriormente, em 7 a.C., Herodes vai ainda mais longe em sua agressividade. Influenciado por um dos seus filhos gerados de outra mulher, manda matar os dois filhos que tinha com Mariana, Alexandre e Aristóbulo. O motivo era novamente uma falsa conspiração. Herodes era um rei tão frio e inumano que Augusto, o grande imperador romano, chegou a expressar que preferia ser "um dos seus suínos a ser um dos seus filhos".

Herodes não tinha descanso fora nem dentro de si. Houve, de fato, um filho que conspirou contra ele. Na reunião de julgamento, este filho derramou lágrimas e implorou a compaixão do pai, mas ele não o perdoou. Mandou assassiná-lo.

Jesus, apesar de expressar que era o senhor do mundo, não apenas valorizava os sentimentos ocultos das pessoas mais simples, mas era capaz de ser dócil até com seus torturadores.

Fez da compreensão uma arte e do perdão uma poesia.

Conseguia perdoar homens indesculpáveis**36**.

Para o mestre de Nazaré, a vida de cada ser humano não 112

Os Homens do Império Romano na História de Cristo: O Pano de Fundo

○

○

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

tinha preço; para o rei da Judéia e da Galiléia, não valia quase nada. Herodes queria o poder; Jesus, o coração humano. Herodes se colocava como deus e fazia dos homens joguete de seus caprichos, Jesus se colocava como um simples carpinteiro, um escultor da alma, capaz de fazê-la reencontrar o sentido da vida.

Foi neste cenário, no final de sua vida, que apareceram alguns magos do oriente em Jerusalém trazendo uma notícia incomum: o nascimento de um menino especial, destinado a ser rei. A notícia se espalhou como relâmpago entre os homens da cidade e chegou até aos ouvidos do ambicioso Herodes.

Convocados à sua presença, os magos relataram uma visão impressionante. Viram uma estrela brilhante, diferente de todas as outras, que indicava o nobre nascimento.

Herodes, embora debilitado fisicamente, ficou assombrado com a notícia. O que se poderia esperar de um homem que assassinou sua esposa e alguns de seus filhos? Novamente sentiu seu reino ameaçado. A velhice não lhe trouxe sabedoria. O medo invadiu-lhe os porões da alma.

Demonstrando uma falsa reverência, pediu aos magos que, após encontrarem o menino-rei, viessem notificá-lo para que também pudesse adorá-lo. Quem ama o poder acima da sua consciência cultiva a política com mentiras. Herodes mentiu para esses magos, pois jamais admitiria outro rei em seu reino.

Após certo tempo, os magos não apareceram. O rei, sentido-se traído, mais uma vez se embriagou de cólera. Apesar de abatido por doenças e pela idade, mandou, como disse, assassinar todas as crianças menores de dois anos. Crianças que mal balbuciavam as primeiras palavras e davam seus primeiros passos nessa sinuosa existência foram tolhidas no direito à vida.

Sangrando crianças e dilacerando o coração de suas mães, Herodes mostrou que homens de sua estirpe nunca estiveram 113

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

preparados para governar nem para amar. Herodes queria matar quem não conhecia. Não sabia os segredos que estavam ocultos naquelas pequenas crianças. O menino Jesus ao invés de brincar, teve de fugir. Desse modo, não teve o direito à infância, mal dava os primeiros passos e já sentia na pele a agressividade humana.

O calendário usado em praticamente todo o mundo estabelece o nascimento de Cristo como marco para a divisão da história. Todavia houve alguns erros de cálculo. Ele nasceu em torno de 5 a 4 a.C. e não no início da era cristã.

Pouco tempo depois de assassinar as crianças, Herodes, o Grande, adoece mortalmente. A história diz que ele começa a apodrecer por dentro. É comido por vermes. Tem dores horríveis e nada o alivia. Foi deste modo que seus olhos se fecharam.

Quando morreu, seu reino foi dividido entre seus filhos: Arquelau (Judéia e Samaria), Herodes Antipas (Galiléia e Peréia), Felipe (parte da Palestina).

Arquelau aprendeu a violar os direitos humanos como seu pai. Foi um governador violento. Além disso, aos olhos de Roma foi considerado ineficaz. Em 6 d.C. foi banido para a Gália por César Augusto.

Herodes Antipas

Herodes Antipas, filho do rei Herodes, o Grande, permaneceu governando a Galiléia até a vida adulta de Jesus.

Ele participou do seu julgamento e foi ele quem mandou matar João Batista.

Estudaremos em um capítulo à parte a ação deste homem na história do mestre da vida. Ficaremos impressionados com 114

Os Homens do Império Romano na História de Cristo: O Pano de Fundo

○

○

○

○

○

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o paralelo entre Herodes Pai (o Grande) e Herodes filho (Antipas).

Tibério César- imperador

Tibério não teve uma participação direta nos sofrimentos de Cristo. Mas este viveu boa parte da sua infância e vida adulta quando o mundo era dominado por Tibério. Portanto, indiretamente, as ações de Tibério se refletiram na história de Jesus e em seu julgamento, principalmente através do governador que ele designara para a Judéia, Pilatos.

A Efígie de Tibério estava estampada no denário, moeda romana paga pelo trabalho de um dia. Usando a imagem estampada nesta moeda, Jesus confundiu a inteligência dos seus acusadores, dizendo: *"Dai a César (Tibério) o que é de César e a Deus o que é de Deus"* **37**.

Tibério era um imperador tirano. Não foi complacente nem com os senadores romanos. Mandou matar muitos deles.

Seu filho Druso, que o substituiria no trono, morreu. Queria, então, que o filho de Druso, Tibério neto, assumisse o império depois da sua morte.Contudo, não desejava desprezar seu sobrinho Caio Calígula. Almejava dar-lhe uma oportunidade para assumir o trono, embora essa não fosse sua preferência pessoal.

Como era muito supersticioso, certa noite consultou os deuses de Roma e disse para si mesmo que aquele (Caio ou Tibério neto) que aparecesse primeiro pela manhã no palácio e o cumprimentasse seria este o que os deuses queriam que o substituísse. Todavia, deu um jeito para que a vontade dos deuses fosse idêntica à sua. Pediu para que alguns guardas 115

Análise da Inteligência de Cristo - O Mestre da Vida

-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-

procurassem seu neto e o introduzissem primeiro no palácio.

Entretanto, o neto, envolvido em festas noturnas, não foi encontrado. Então, Caio, sem o saber, apareceu primeiro. Deste modo, tornou-se César.

Antes de Caio se tornar imperador, Tibério fez-lhe um grande apelo. Recomendou-lhe que nunca esquecesse o favor que lhe fizera permitindo que ele

o substituísse no trono.

Suplicou-lhe que preservasse a vida de Tibério neto, que jamais lhe fizesse mal. Caio Calígula prometeu, mas esqueceu-se da promessa.

Pouco tempo depois de assumir o império, o dócil e frágil Caio revelou sua face inumana. O poder o embriagou. Por temer que o jovem Tibério neto se tornasse uma ameaça ao seu poder, pressionou-o para que ele mesmo se matasse na frente do próprio Caio e de outras pessoas. O jovem Tibério, sabendo que morreria, se imolou. Cometeu um falso suicídio*

Caio foi um imperador algoz, um carrasco da mais alta violência. Sua agressividade chegava a patamares tão altos que não apenas mandava matar seus inimigos, mas também seus próprios amigos. Não poucos senadores romanos foram mortos por ele. Por fim, não se contentou em ser imperador. Como disse no primeiro livro desta coleção "O Mestre dos Mestres", ele chegou ao extremo de querer ser adorado como Deus.

Seu reinado durou pouco, cerca de três anos e meio.

Calígula era tão intragável que foi assassinado pelo chefe de sua própria guarda, com a conivência de muitos senadores do império.

Nunca houve um império tão grande e que subsistisse por tantos séculos como o império romano. Ele era grande em

* Josefo Flávio, História dos Hebreus, Editora CPAD, Rio de Janeiro, 1990.

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

poder, mas também grande em corrupção e violência. A corrupção é um vírus que infecta o poder. Nunca morre, apenas fica latente. Os governos que não o combatem morrem por dentro.

Pôncio Pilatos

Depois que Arquelau, filho do rei Herodes, foi exilado para a Gália em 6 d.C., a dinastia herodiana se extinguiu na Judéia e Samaria. Roma deixou de nomear os filhos de Herodes e passou a estabelecer procuradores que governavam estas regiões sob sua influência direta. Pilatos foi o quinto dos sete procuradores romanos que de 6 a 41 d.C. governaram a Judéia e Samaria. Pilatos governou a Judéia por nove a dez anos.

Muitos pensam que Pilatos era um homem justo. Usam seu famoso gesto do "lavar as mãos" como se este fosse uma reflexão de justiça. Entretanto, nem o gesto de Pilatos nem a sua história expressam justiça, mas desumanismo.

O historiador judeu Filo cita uma carta do rei Agripa I, na qual Pilatos é apontado como "um homem inflexível e de caráter irrefletidamente severo... Sua administração era cheia de corrupção, violência, furtos, maus tratos para com o povo judeu, injúrias, execuções intermináveis sem a forma sequer de julgamento, e intoleráveis crueldades".

O massacre mencionado no registro de Lucas 13 é uma prova da crueldade deste homem**38**. Na ocasião, alguns galileus foram mortos por soldados de Pilatos enquanto estavam provavelmente oferecendo sacrifícios no templo. O sangue

deles foi misturado com o sangue de seu sacrifício

Pilatos era tão arrogante que freqüentemente feria os sentimentos de liberdade religiosa do povo judeu. Liberdade 117

Análise da Inteligência de Cristo - O Mestre da Vida

-
-
-

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

que era patrocinada pelo império romano, sendo tal patrocínio um dos segredos da sua estabilidade. Pilatos desprezava e provocava a cúpula judaica. Estudaremos que ele, no julgamento de Jesus, o usava para desafiar os homens do sinédrio, dizendo:

“eis o vosso rei” **39**.

Israel nunca aceitou o domínio de Roma, por isso fazia constantes rebeliões contra o império. Todos os governantes tinham medo de uma revolta do povo

judeu, mas Pilatos não se importava com eles. Massacrava as revoltas.

Só havia um homem que Pilatos temia, o imperador Tibério. Tibério era considerado o senhor do mundo. Pilatos tinha medo de que o imperador pudesse destituí-lo do seu poder.

Seu governo despótico e violento amotinou de tal forma os judeus que Vitélio, governador da Síria, enviou mensagem a Tibério para dar conta dos seus feitos. Logo após a morte do Imperador, seu governo acabou repentinamente. A história diz que Pilatos, em seguida, suicidou-se.

118



○○○○○○○○○○○○○○○○○

○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○

C A P Í T U L O 7

O JULGAMENTO PELO

IMPÉRIO ROMANO

O Julgamento pelo Império Romano

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

As leis romanas representavam a mais bela cultura jurídica e o mais belo solo dos direitos humanos da Antiguidade.

Elas influenciariam decisivamente o direito moderno. Todavia, não poucos líderes do império distorceram as leis e corromperam o direito.

Devemos nos perguntar: Jesus teve um julgamento justo?

As leis romanas garantiram seus direitos fundamentais? Pilatos respeitou a norma da lei ou esfacelou-a? Precisamos compreender por que o julgamento do mais inocente dos homens se converteu em pena máxima e por que durante o seu processo ele foi afligido.

As três acusações dos judeus

Os judeus foram apressados a Pilatos. Precisavam convencê-lo a executar Jesus antes que a população organizasse uma revolta. Atropelar a consciência do governador da Judéia e fazê-lo satisfazer o desejo do sinédrio não seria uma tarefa fácil.

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

Lucas registra que Herodes Antipas, o filho do Rei Herodes, sabia que Jesus era famosíssimo e, por isso, desejava conhecê-lo. Pilatos certamente também sabia da fama de Jesus.

Tal tese fica demonstrada pelo seu rápido convencimento de que o mestre era

inocente. Estava convicto de que ele não oferecia risco para a estabilidade do Estado.

Os judeus fizeram três graves acusações para Pilatos sobre Jesus. Primeira, acusaram-no de agitar a nação. Segunda, de vedar pagar tributo a César. Terceira, de se fazer rei. As três acusações eram bem sérias, mas falsas.

Primeira acusação: agitar a nação

Jesus magnetizava as pessoas. Seu poder de comunicação era fascinante. Os homens ficavam extasiados ao ouvir suas palavras e pasmados com a grandeza dos seus gestos. Um carpinteiro causou uma grande revolução em suas vidas. O

homem comum foi levado por ele aos degraus mais nobres da dignidade.

O mestre da vida deu profundas lições aos homens.

Despertou o ânimo e o sentido da vida deles. Ensinou-os a amar a verdade e a ser fiéis à sua consciência. Lapidou suas inteligências, os conduziu a pensar antes de reagir e não impor as idéias, mas expor com sabedoria e sem coações. Vacinou-os contra a competição predatória, o individualismo e a agressividade. Conduziu-os a pensar na brevidade da vida e a buscar metas que transcendem o tempo.

Com seus discursos ímpares, o mestre arrebatava as multidões, mas não tumultuava a sociedade. Acusá-lo de agitar e estimular a destrutividade era totalmente falso. Na realidade, ele equilibrava e dava estabilidade à sociedade. Propiciava 122

○

○

○

○

○

○

○

o

o

o

o

o

o

o

o

condições para que as relações sociais fossem reguladas pela solidariedade, justiça e com os mais nobres sentimentos.

Não agitava a nação, mas balançava o coração dos homens.

Dizia que era a luz do mundo**40**. De fato, brilhava onde a luz do sol nunca penetrara. Embrenhava-se pelas frestas da alma, iluminava os becos da emoção, lançava fora todo temor e irrigava de esperança os abatidos. As multidões afluíam para ver o fulgor do mestre. Era impossível ocultá-lo.

Certa vez, um jovem morava num porão escuro. Sentia-se inseguro e amedrontado no breu. Queria de todos os modos colocar uma lâmpada neste porão. Após ganhar dinheiro, contratou um eletricista e satisfez seu desejo. Eis que naquela noite não dormiu, a luz o incomodou.Por quê? Porque iluminou o ambiente e revelou teias de aranhas, baratas e imundícias.

Somente depois de fazer uma boa faxina, ficou tranqüilo e adormeceu.

Os fariseus viviam na obscuridade. Como não admitiam nem desejavam fazer uma faxina em suas almas, a luz do mestre os incomodava. Em que solução pensaram? Preferiram destruir a luz a ser iluminado por ela.

Segunda acusação: vedar

pagar tributo a César

A máquina do império romano era caríssima. As

mordomias do imperador e dos senadores, bem como os salários dos exércitos de dezenas de milhares dependiam dos impostos do mundo dominado para ser sustentados. O império inchou, para sobreviver precisava ser grande.

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

Jesus não vedava pagar tributo a César. No livro “O Mestre da Sensibilidade”*, comentei este assunto. Ele não queria extinguir o governo político nem sua sobrevivência através dos impostos. Discorria sobre um outro reino, um reino eterno, onde não havia injustiça, lágrimas, dores e morte. As pessoas deveriam dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus**41**.

Em sua convicta opinião, o homem deveria procurar em primeiro lugar o reino

de Deus. Deveria perceber que a vida humana, embora seja bela, se evapora como uma gota de água no calor do dia. A consciência da brevidade da vida deveria colocar colírios em seus olhos e fazê-lo enxergar um mundo que ultrapassa a esfera material, além dos limites físicos.

O mestre da vida não queria que o homem deixasse de ser ambicioso, mas ambicionasse acumular um tesouro que a traça não corrói e nem os ladrões roubam. O tributo pago a César dependia do suor do trabalho. O tributo pago a Deus não dependia do dinheiro, bastava um coração simples e disposto a amar.

Terceira acusação: fazer -se rei

O mestre de Nazaré não queria se fazer rei, embora tivesse todos os atributos para ser o mais brilhante rei. Era lúcido, sábio, perspicaz, eloqüente, justo, amável, afável, sereno, equilibrado, mas não queria o trono político.

As pessoas queriam fazê-lo rei, mas ele rejeitou esta proposta. Nem mesmo o trono do imperador romano o seduzia.

Indicava que nem o trono nos céus, uma dimensão incompreensível ao pensamento humano, o satisfazia.

* Cury, Augusto J., Análise da Inteligência de Cristo- O Mestre da Sensibilidade, Academia de Inteligência, São Paulo, 2000.

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

O mundo ficava embasbacado com seu poder. As pessoas ficavam paralisadas com os seus discursos. Tinha o que todo político sonhava, mas nem o auge da fama o animava. Queria ser rei no único lugar em que não reinava: no coração humano.

Preferia o amor de pessoas simples ao ribombar dos aplausos da multidão.

A cúpula judaica pressiona Pilatos

As acusações feitas pelos judeus eram sérias. A pena de morte dos judeus era por apedrejamento**42**. A crucificação era uma prática fenícia, que depois foi adotada pelos gregos e posteriormente incorporada pelo império romano. Roma só crucificava escravos e criminosos atrozes.

Cristo por quatro vezes havia predito que seria crucificado.

A quarta e última vez foi predita pouco tempo antes de morrer, alguns dias antes da páscoa judia**43**. O carpinteiro de Nazaré sabia que não morreria apedrejado. É incomum alguém prever a maneira pela qual sua vida será extirpada e mais incomum ainda é ver alguém, tal como Jesus, dirigir seu próprio julgamento com gestos, palavras e momentos de silêncio.

A morte por apedrejamento é rápida, enquanto a por crucificação é lenta e angustiante. Esquivou-se do apedrejamento, pois queria morrer como o mais vil dos homens. Almejava passar em todos os testes de suplício. A história de Jesus é saturada de enigmas. Nós diariamente nos desviamos da dor; ele, mostrando uma emoção inabalável, foi ao encontro dela.

A liderança judia ponderou nas conseqüências sociais de apedrejar o mais amável e admirado dos homens de Israel.

Arquitetaram, então, usar a política romana para executar a 125

Análise da Inteligência de Cristo - O Mestre da Vida

-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

intenção escusa. Decidiram que Roma condenaria aquele que ela considerava o mais insolente blasfemador.

Livres da responsabilidade da morte de Jesus, os fariseus, os escribas e os sacerdotes manipularam o povo, levaram-no a desprezá-lo e a vê-lo como um agitador político. Assim, essa brilhante nação não o investigou detalhadamente até hoje. Quem sabe este livro propicie condições para que alguns judeus investiguem a história do mestre dos mestres.

A estabilidade do império romano

era devido à tolerância

Um dos motivos da fragilidade dos regimes socialistas foi a falta de tolerância e respeito pela cultura e práticas religiosas.

As democracias capitalistas têm inúmeras doenças, mas um dos segredos de sua razoável estabilidade é a existência de um bom sistema circulatório de liberdade de expressão e de pensamento.

É possível aprisionar os corpos e algemar as mãos, mas não é possível encarcerar os pensamentos.

Ao tentar aprisionar o pensamento das pessoas, os regimes ditatoriais construíram uma poderosa arma contra si mesmo.

Até nas doenças psíquicas o encarceramento do pensamento explode de ansiedade e se volta contra o corpo como inúmeros sintomas psicossomáticos.

Roma devia ter cerca de 750 anos (anno urbis) de fundação quando nasceu Jesus. No início era um povoado tímido, mas com o passar do tempo, Roma se desenvolveu e se tornou um vasto império, que durou muitos séculos. Antes de muitas sociedades modernas, ela descobriu que sua sobrevivência como império só poderia ter razoável estabilidade se respeitasse a 126

O Julgamento pelo Império Romano

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

cultura e as práticas religiosas. Portanto, não havia sentido a cúpula judaica conduzir o mestre de Nazaré a Pilatos, pois o conflito existente era uma questão cultural, espiritual, de liberdade de consciência. Portanto, não competia a Roma julgar tais assuntos.

Pilatos sabia disto, por isso não queria julgar o caso. O

governador tinha consciência de que os judeus o estavam entregando por inveja**44**. Na primeira parte do julgamento, interrogou Jesus por duas vezes.

Na primeira vez que o entrevistou, não conseguia achar crime algum passível de morte. Por isso insistia em que o sinédrio o julgasse segundo a lei dos judeus. Perspicazes, eles se esquivaram, dizendo que não lhes era lícito matar alguém.

Temiam uma convulsão social.

O réu interrogando Pilatos

Como os judeus não queriam sujar suas mãos, Pilatos retorna ao pretório, à sala de julgamento e pergunta a Jesus se ele era o rei dos judeus. Jesus, para espanto de Pilatos, começa a interrogá-lo, perguntando de quem partia aquela pergunta. Com a mesma ousadia com que interrogou Anás, o mestre interroga o governador da Judéia.

O mestre da vida estava estimulando Pilatos a pensar.

Queria que ele saísse do clima de tensão, fizesse um julgamento isento de ânimo, fora da influência da cúpula judaica. Mas o governador não entendeu. Estava dominado pelo clima tenso e respondeu asperamente a Jesus dizendo que ele não era judeu.

Disse pejorativamente que “a tua própria gente” é que o estava entregando para ser julgado.

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

Uma resposta perturbadora

Diante da arrogância de Pilatos, Jesus entra em cena e diz algumas palavras que

abalam os alicerces deste ríspido governador. Fala que o seu reino não era deste mundo e que se fosse deste mundo os seus ministros empenhar-se-iam para que ele não fosse entregue aos judeus.

Pilatos entendeu a mensagem intrigante. Por isso, emenda em seguida: *"Logo, tu és rei"* **45**. Ao que Jesus responde: *"eu para isso nasci e para isso vim ao mundo"* . O governador não podia acreditar no que estava ouvindo.

As implicações das palavras de Jesus beiram ao inimaginável. Ele diz que seu reino não é deste mundo. Infere que há um outro mundo. A ciência só consegue perceber e estudar os fenômenos físicos de um mundo material, ainda que estes fenômenos aconteçam em galáxias distantes, a bilhões de anos luz. Entretanto, Jesus declara que há um mundo além dos fenômenos físicos, um mundo tão real que possui um reino.

Neste reino, ele é rei.

Embora rei de um outro mundo ele disse textualmente que nasceu para ser rei, não um rei político, mas, como disse, do interior do homem. Não queria subjugar e dominar o homem, mas mesclar-se com sua alma e ensiná-lo a viver. Como pode um homem ferido, que mal se agüentava de pé, dizer que nasceu para ser um grande rei?

Jesus declara sem meias palavras que seu nascimento foi diferente de todos os outros nascimentos. Foi direcionado e previamente planejado. Planejado por quem? Não por Maria e José. Seus pais eram muito simples, embora especiais por dentro.

Foi planejado pelo Autor da vida. Tinha uma missão especial.

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

Mas diferente de todo filho de um rei rejeitou o conforto de um palácio e as iguarias dos príncipes.

Pilatos ficou perturbadíssimo ao ouvi-lo. Pilatos não era rei, apenas um governador preposto, mas um simples carpinteiro estava à sua frente dizendo que era rei de um outro mundo e que nasceu com um propósito incompreensível à sua mente.

Quem estava diante do governador, um réu sangrando ou o herdeiro do mais poderoso trono?

O menino e o adulto

Herodes, o Grande, queria matar o menino Jesus, porque soubera que ele nascera para ser rei. Todavia, o menino cresceu em estatura e sabedoria. Todos queriam estar ao seu lado.

Sua inteligência superou a de todos os homens. Sua didática como contador de história, estimulador da arte da dúvida e da arte de pensar superou a de Piaget e a de todos os educadores.Seu poder suplantou o dos imperadores, sua amabilidade e preocupação com o bem estar dos outros superou a todos os homens que defendem os direitos humanos. Portanto, ele tinha tudo para ser o maior rei da terra. Teve a mais bela humanidade.

O adulto Jesus não inspirava qualquer temor em Pilatos, mas o menino Jesus colocou Herodes em pânico. Quando algo desconhecido bate à porta da alma, o primeiro a atender é a imaginação. Herodes, o Grande, imaginou o menino crescendo e destruindo seu reino. Pilatos, apesar de sanguinário, por conhecer o homem Jesus, o admirava e queria soltá-lo. Que contraste!

Quem sempre dá flor contamina-se com seu perfume.

Pilatos, embora fosse um político injusto, aspirou um pouco o perfume do inusitado réu, daquele que só sabia dar flores.

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

Após dizer que nasceu para ser rei, ele continua dizendo que veio para dar testemunho da verdade. Com tais palavras deixou mais confuso o governador da Judéia. Inferiu que entrou no mundo físico não para fundar uma corrente de pensamento, mas para dar testemunho da verdade. E, com a maior segurança, completa dizendo: *"Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz"* **46**.

A mente de Pilatos travou. É a primeira vez que um réu o deixa sem palavras. Só conseguiu balbuciar: *"O que é a verdade?"* .

Não espera a resposta de Jesus, fica tão perturbado que sai imediatamente de cena. Vai mais uma vez aos homens do sinédrio intercedendo para soltá-lo.

A pergunta de Pilatos sobre "o que é a verdade" não era uma pergunta filosófica, que indaga a natureza, limites e alcance da verdade. Era fruto de sua ansiedade. Pilatos disse qualquer coisa para disfarçar o quanto não compreendia o assunto discorrido por Jesus. Jesus estava livre; Pilatos, controlado pela sua ansiedade. O mestre dos mestres, embora ferido, conseguia reinar sobre a insegurança do governador da Judéia.

Testemunho da verdade

Jesus disse que veio dar testemunho da verdade. Cada frase que proferiu tinha grande significado. Que verdade ele veio testemunhar? Não é a verdade lógica que a ciência procura incansavelmente e não encontra, pois esta é mutável, evolui com a expansão do conhecimento.

Referia-se à verdade essencial, à verdade relacionada ao Autor da existência. É a verdade geradora, a fonte da criação, que era capaz de multiplicar pães, curar os leprosos, restaurar a vista aos cegos; a verdade que entra na esfera da fé, uma esfera onde a ciência se cala. Esta verdade, incompreensível para a 130

O Julgamento pelo Império Romano

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

mente humana, é a fonte primeira, o princípio da vida e da existência.

Certa vez, Jesus agradeceu calorosamente seu Pai dizendo que ele ocultou seus mistérios aos sábios e instruídos e se agradou em revelar-se aos pequeninos. Esta palavra indica que Deus é uma pessoa dotada de vontade e de preferências. Ele se agrada ou se aborrece com determinadas características da personalidade humana. Rejeita o orgulho e a auto-suficiência, mas agrada-se da singeleza e humildade. Para o mestre, tais características são nobilíssimas. Não são expressão do coitadismo nem da auto-piedade, mas de uma disposição incansável e vibrante de aprender.

Agradou ao Pai revelar-se aos pequeninos. Ser pequenino não quer dizer ser pobre financeiramente nem inculto intelectualmente, mas ser pequeno para perceber e ser ensinado por aquele que é grande, o mestre da vida. Alguns são cultos ou ricos, mas são simples na maneira de ver a vida. Outros são incultos, mas podem ser arrogantes e impenetráveis.

Temos de tomar cuidado com nossa postura diante da vida. Quem é incapaz de questionar as suas verdades não tem mais nada para aprender. O seu conhecimento se transformou num cárcere.

O mestre da vida só conseguia ensinar as pessoas que não estavam entulhadas com velhos conhecimentos, preconceitos cristalizados e verdades absolutas. Os membros do sinédrio, por se julgarem especialistas em Deus, não tinham mais nada para aprender. Ao olhar para o nazareno, não conseguiam enxergar nada além de um carpinteiro pretensioso e maltrapilho.

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

Enviado a Herodes Antipas

Ao ameaçar soltá-lo, Pilatos sofreu grande pressão da cúpula judaica. A situação estava insustentável. Então, ao saber que Jesus era da Galiléia, e sabendo que o governador da Galiléia, Herodes Antipas, estava justamente naqueles dias em Jerusalém, resolveu enviá-lo a ele.

A decisão de Pilatos de enviar Jesus a Herodes era movida por dois motivos: a- Incapacidade de se safar da pressão dos judeus e tomar a decisão no julgamento de Jesus de acordo com sua consciência; b- Agradar Herodes e resolver suas pendências políticas usando o famoso réu.

De manhã bem cedo, o réu fez mais uma humilhante caminhada a outra autoridade romana. Alguns o viram passar escoltado e ferido. Não dava para reconhecê-lo direito. Ansiosos, duvidaram da cena que viram e talvez a si mesmos se perguntaram: "É possível que o prisioneiro seja aquele que abalou nossos corações e nos animou a viver?"

132



○○○○○○○○○○○○○○○○

○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○○

C A P Í T U L O 8

DOIS HERODES

VIOLENTANDO JESUS

Dois Herodes Violentando Jesus

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

O pai e o filho

Quando Herodes recebeu Jesus ficou extasiado. Sabia de sua fama. Os seus feitos inimagináveis tinham chegado aos seus ouvidos. Todavia, nunca vira o mestre, pois este não parara em lugar nenhum. Ia de cidade em cidade, discursando sobre os mistérios da vida.

Imaginem a cena. Na vida de Jesus passaram dois Herodes, o pai, chamado de "o Grande", e o filho chamado de Antipas.

O pai queria matá-lo e o filho vai agora julgá-lo. O pai o perseguiu fisicamente e o filho iria torturá-lo psicologicamente. O pai o considerou uma ameaça e o filho, um falso rei.

Herodes, o Grande, não conseguiu matá-lo, mas Herodes Antipas conseguiu matar João Batista, o seu precursor. Pelo capricho de uma mulher, Antipas mandou matar

impiedosamente o apresentador de Jesus, a voz que clamava no deserto e

endireitava as veredas dos homens para que eles pudessem receber o filho do Altíssimo.

Herodes Antipas, ao mandar decapitar João Batista, 135

Análise da Inteligência de Cristo - O Mestre da Vida

-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

mostrou sua face violenta. Ele, certa vez, disse arrogantemente que se tinha mandado matar João Batista, certamente abateria o nazareno.

Herodes Antipas admirava João Batista, mas, por fim, o matou. Pilatos também admirava Jesus, mas o crucificou. Isso indica que, em política, a consciência, que é o leme da inteligência, é esmagada por interesses escusos.

A vida humana valia pouco nas mãos destes homens. Para eles, o ser humano, principalmente o de baixa posição social, não tinha história: não chorava,

sonhava, inspirava e nem possuía o espetáculo dos pensamentos e das emoções. Parecia que não pertenciam à mesma espécie.

Na realidade, todo ser humano possui um mundo a ser descoberto. A pessoa mais insignificante socialmente possui uma brilhante história. Só não enxergam isso aqueles que vêem o mundo com seus olhos apenas.

Uma paciência ilimitada

Jesus sabia que Herodes, o Grande, tinha mandado matá-lo quando criança. O que era pior, tinha consciência de que ele sacrificou inúmeras crianças inocentes para tentar assassiná-lo.

Sabia ainda que Herodes Antipas também tinha matado um grande amigo seu, aquele que o apresentara ao mundo. Era por este homem que Jesus estava sendo julgado.

Os judeus estiveram na presença de Herodes e acusavam Jesus de sedição, de conspirar contra o império**47**. Queriam que ele tomasse a atitude que Pilatos não tomou. Mas o governador da Galiléia, por ter ouvido sobre os feitos sobrenaturais de Jesus, estava desejoso de vê-lo fazer um de seus milagres. Queria ver um show. Assim, pressionava de muitas formas para que o 136

Dois Herodes Violentando Jesus

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

o

o

o

o

o

mestre da vida desse um espetáculo. Deste modo, demonstrou que nem estava interessado nos anseios dos judeus e nem na história de Jesus. Mais uma vez o mestre estava entre a liderança judia e a autoridade romana.

Se nos lembrássemos das crianças que morreram e da morte de um amigo, o que faríamos em lugar do mestre? Jesus nada fez. Ante aos apelos de Herodes Antipas para que os alegrasse, manteve um silêncio frio. Não trocou uma palavra com o governador da Galiléia. Devia se lembrar da lâmina sacrificando as crianças, das lágrimas inconsoláveis de suas mães.

Devia se lembrar do seu amigo degolado.

Herodes não teve seu show sobrenatural. Diante disto, armou um circo e colocou Jesus como personagem principal do seu deboche. Vestiu-lhe um manto aparatoso e estimulou seus soldados a se divertir com ele. Deste modo, eles o torturaram.

Se tivéssemos o poder que Jesus demonstrou ter, o que faríamos a Herodes se fôssemos humilhados? Muitos de nós, num ataque de raiva, o teríamos destruído. Mas Jesus apenas se calou. O mais dócil e amável dos homens mais uma vez se calou.

O mestre da vida nos deu mais lições preciosas. Não usou de violência com os seus inimigos. No topo da dor, usou a ferramenta do silêncio. Cumpriu, assim, plenamente a sua palavra de ferida uma face dar-se a outra. Os homens o zombavam, mas ele sabia se proteger, não deixava que a chacota deles lhe ferisse a alma. Seus inimigos não imaginavam que, através do seu silêncio, ele os estimulava a pensar. Entretanto, governados pelo ódio, abortaram o pensamento.

Não temos a habilidade de proteger nossas emoções como o mestre da vida. Detonamos facilmente o gatilho da 137

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

agressividade contra os que nos frustram. Não matamos fisicamente, mas psiquicamente. Quantos não eliminamos de nossas vidas por nos ofenderem, nos decepcionarem. Raramente há alguém que não seja agressivo com os outros ou consigo mesmo.

Os tímidos não são freqüentemente agressivos com os outros, mas são violentos consigo mesmos, se esmagam com sentimentos de culpa, não suportam errar, permitem que o lixo social invada o território de sua emoção. Nossa paciência tem limites, nossa trégua tem condições, mas a dele era ilimitada.

Usando a dor do mestre

para a reconciliação política

Infelizmente, nos bastidores da política há muitos conchavos e acertos escusos.

Às vezes, a miséria serve de excelente propaganda para que alguns políticos se promovam politicamente. Se exterminarem com a indústria da miséria muitos deles serão alijados do cenário social.

No campo do uso de drogas, esse fenômeno também ocorre. As drogas não só interessam ao usuário e ao traficante, mas também àqueles que se promovem politicamente em cima da miséria dos outros. Todavia, apesar de haver políticos que maculam a arte de legislar e de governar, há políticos que honram esse ofício intelectual, são amantes da honestidade.

Pilatos e Herodes Antipas não foram justos no julgamento de Jesus. Além disso, fizeram conchavos políticos para fazer um acerto de bastidores. Pilatos governava a Judéia; Herodes Antipas, a Galiléia. Antigamente essas regiões eram governadas por uma só pessoa, o rei Herodes, o pai de Antipas.

Com a morte de Herodes, o Grande, seu reino foi dividido 138

Dois Herodes Violentando Jesus

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

entre seus filhos. A Judéia, que inclui a cidade de Jerusalém, foi dada pelo imperador romano a Arquelau. Como disse, devido ao péssimo governo que este fez, seu governo foi-lhe retirado e passado às mãos de outros governadores, fora da dinastia de Herodes.

Por fim, após a Judéia passar por alguns governadores, Roma estabeleceu Pôncio Pilatos como seu procurador. Pilatos e Herodes Antipas viviam debaixo de intrigas e contendas.

Governavam regiões vizinhas, mas não se entendiam. Como fazer esses dois políticos se reconciliarem? Pilatos, esperto, procurou agradar seu vizinho usando o famoso réu como mercadoria.

Herodes brincou com o destino do mestre, usou-o como objeto de diversão e, assim, aplacou a ira contra Pilatos. Lucas relata que ambos se reconciliaram usando como tapete a dor daquele que jamais usou o sofrimento dos outros para obter qualquer vantagem. A política saiu apaziguada; mas a justiça, maculada.

Jerusalém desperta e começa

a ver uma cena inacreditável

Eram entre sete e oito horas da manhã. Jesus seria crucificado às nove horas. Diversas pessoas viram uma cena espantosa. Contemplaram Jesus saindo da casa de Herodes, inchado, com hematomas, cambaleante e vestido com um manto espalhafatoso indo em direção à fortaleza Antônia onde encontrava-se Pilatos.

A notícia inacreditável já havia começado a se espalhar na primeira caminhada até Pilatos e na segunda até Herodes. Muitas pessoas já estavam nas ruas. Agora, ao ver Jesus saindo da casa 139

○

○

○

○

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

de Herodes, os rumores se espalharam como fogo. Uns contavam para os outros. Jerusalém começava a despertar para o que estava acontecendo. Descobriram que até seus discípulos o abandonaram.

Os habitantes de Jerusalém, bem como os milhares de homens e mulheres que vinham de lugares longínquos para vê-lo ficaram chocados. Não podiam crer que o mais forte e brilhante dos homens estivesse tão frágil e solitário. Não era possível que o único homem que pisou nesta terra e ressuscitou mortos estivesse morrendo.

A fé das pessoas ficou profundamente abalada. A possível revolta que poderiam fazer para protegê-lo deu lugar ao espanto.

Não conseguiam se recompor e muito menos culpar o sinédrio, pois quem estava à frente do julgamento era o poderoso império romano.

Jesus caminhava em direção a Pilatos. Para seus inimigos, o seu sofrimento era um espetáculo de sarcasmo; para os que o amavam, era um espetáculo de dor. Eles morriam por dentro ao vê-lo sofrer.

Os seus discípulos não dormiram. Passaram a noite insones, chorando por tê-lo abandonado, angustiados por saber que o seu amado mestre estava sendo

mutilado por seus inimigos.

O desespero de Pedro era grande. Havia contado que o mestre tinha sido drasticamente espancado e que ele o negara três vezes.

Ninguém sabia o que dizer. O mundo parecia desabar sobre eles. Foi uma noite inesquecível.



oooooooooooooooo

ooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooo

C A P Í T U L O 9

TROCADO POR

UM ASSASSINO.

OS AÇOITES E A

COROA DE ESPINHOS

Trocado por um Assassino. Os Açoites e a Coroa de Espinhos

-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

Trocado por um assassino

Ao retornar à fortaleza Antônia, Pilatos reúne os principais judeus e diz que não achara crime algum nele e nem tampouco Herodes, pois o havia devolvido. Portanto, o governador se dispôs a soltá-lo. E para aplacar-lhes um pouco a ira, disse que o açoitaria.

Os judeus não aceitaram o veredicto de Pilatos. Solto, o fenômeno Jesus se tornaria um perigo para os líderes da religião judaica. Diante da coação dos judeus contrários à soltura, Pilatos usou sutilmente um precedente cultural para libertá-lo. Na páscoa judia, era costume o governante romano soltar um preso estimado pela população. Tal atitude expressava benevolência do império para com o povo.

Como era páscoa, Pilatos propôs entre os presentes soltar um criminoso. Mateus relata que o governador deu-lhes a seguinte opção: Barrabás ou Jesus**48**. Havia nesta proposta duas intenções. A primeira era seguir sua consciência e soltar Jesus, pois o considerava inocente. A segunda era provocar os 143

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

judeus, pois a opção que lhes deu foi vexatória. Barrabás era um assassino, matou alguém de sua própria gente. Se tivesse assassinado um soldado romano, já estaria morto, crucificado.

O sinédrio, portanto, teria de decidir: ou soltaria um assassino ou o carpinteiro da Galiléia. Pilatos não deu escolha para eles, pensou certamente que os líderes judeus concordariam em soltar Jesus. Contudo, para o espanto de Pilatos, eles

não apenas optaram por soltar Barrabás, mas clamaram em coro por ele.

Preferiram um assassino ao poeta da vida. Preferiram alguém que derramou sangue do seu povo àquele que arrebatava as multidões e a conclamava a amar os seus inimigos. O mestre da vida foi preterido pelos homens que eram técnicos em Deus.

Desconsideraram sua história, a ternura com que tratava os miseráveis e os feridos de alma.

A soltura de Barrabás colocava em risco a vida de algumas pessoas, mas a do carpinteiro colocava em risco as convicções e as verdades dos líderes de Israel. Tentaram conter as chamas de Jesus Cristo, mas não adiantou. Mesmo torturado, humilhado e trocado por um assassino, ele incendiou a história.

Havia uma pequena multidão, algumas centenas de pessoas na presença de Pilatos. Ela era composta dos homens do sinédrio, seus serviçais e da coorte de soldados que prendeu Jesus. Não era uma grande multidão e nem era a mesma multidão que amava Jesus, pois esta era enorme e compunha-se de dezenas de milhares de pessoas de Jerusalém e de muitas regiões da Judéia, Galiléia, Samaria e outras nações.

Todos os filmes a que assisti sobre Jesus têm uma grande dívida em relação à sua história verídica. Não resgatam os fenômenos sociais e psicológicos que estavam presentes no âmago dos homens do sinédrio, na multidão que o 144

Trocado por um Assassino. Os Açoites e a Coroa de Espinhos

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

acompanhava, na mente de Jesus e de Pilatos e nem na enorme multidão que estava em Jerusalém por causa de Jesus.

Jesus era muito famoso, mas como disse, após ressuscitar Lázaro, não podia mais circular livremente em Jerusalém. Por quê? Porque todos os dias morriam diversas pessoas. Os seus familiares procuravam desesperadamente por Jesus para que ele os ressuscitasse. Como muitas dessas pessoas vinham de longe, elas deviam lotar as hospedarias. Todavia Jerusalém não estava preparada para receber tantos visitantes. Muitos, portanto, deviam dormir ao relento.

Jerusalém acordara perturbada. Pouco a pouco a notícia de que Jesus estava sendo julgado e que estava com o rosto mutilado se espalhara. Os que estavam insones ou dormiam ao relento afluíram primeiro em direção à fortaleza Antônia. Todos estavam ávidos por mais notícias. A chama de esperança daquele povo sofrido começava a se apagar.

Um assassino ovacionado

Enquanto isso, a pequena multidão dentro da casa de Pilatos reagia à soltura de Jesus. Influenciada e instigada pelo sinédrio, ela gritava: “Barrabás! Barrabás!”. Nunca um assassino foi ovacionado desta maneira. Os homens gritavam a plenos pulmões para que Pilatos soltasse Barrabás.

No campo religioso, científico, filosófico, político, há uma grande quantidade de pessoas que não têm intimidade com a arte da dúvida, por isso nunca duvidam de si mesmas e dos pensamentos daqueles que admiram, assim não desenvolvem sua consciência crítica. Defendem suas idéias com convicção, idéias que nunca foram suas, mas plantadas por outros. Talvez algumas pessoas que clamaram pela crucificação de Cristo 145

-
-
-

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

fossem seus admiradores dias atrás. Mas após ter sido preso, elas mudaram seu pensamento, foram facilmente manipuladas pelos fariseus. O homem que reage sem pensar e não pensa antes de reagir será sempre um joguete nas mãos dos mais eloqüentes.

O mais amável dos homens ouviu o som estridente de que o trocavam por um assassino. Jesus, neste momento, sentiu o ápice da discriminação, uma discriminação igual ou maior do que a que muitos negros viveram e muitos judeus experimentaram na Segunda Grande Guerra Mundial. O que sentiríamos se estivéssemos no seu lugar? O som penetrava em seus tímpanos, percorria seu córtex cerebral e atingia o cerne da sua emoção. Se ele, juntamente com seu Pai, assinou a autoria da criação humana, então, pode-se inferir que, neste momento, a criatura traiu drástica e completamente o seu Criador.

Judas já o havia vendido pelo preço de um escravo, agora os homens o trocavam por um homicida. Talvez, por saber antecipadamente que não havia lugar para ele na humanidade, tenha preferido nascer num desconfortável curral. Os animais foram mais complacentes com Jesus do que muitos homens.

Se Jesus Cristo tinha o mais alto poder do universo não seria este o momento de desistir da humanidade? Que amor é este que nunca desiste? A dor da rejeição é freqüentemente inesquecível. O fenômeno RAM (registro automático da memória) a registra de maneira privilegiada nas áreas centrais da memória. Fica sempre disponível para ser utilizada em novas cadeias de pensamentos. Por isso, dificilmente alguém que foi discriminado deixa, ainda que por momentos, de sentir o seu paladar ao longo da vida.

Qualquer pessoa serviria para ser trocada pelo amável mestre da vida. Uma pessoa poderia cometer o crime hediondo 146

Trocado por um Assassino. Os Açoites e a Coroa de Espinhos

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

mais repulsivo e, ainda assim, o sinédrio rejeitaria Jesus e aclamaria tal criminoso.

Se você acha que ninguém o valoriza, saiba que Jesus foi tão rejeitado que se colocassem você e ele na frente dos homens do sinédrio e da população que o acompanhava, todos em coro clamariam pelo seu nome. Você seria unanimemente louvado.

É possível acreditar que aos olhos daqueles técnicos em Deus somos mais importantes do que Jesus? Para os fariseus, o mestre dos mestres era indigno de estar vivo.

Barrabás saiu da banalidade para a aclamação, da clandestinidade para o heroísmo. Jesus permaneceu em silêncio.

Não se desesperou e nem se indignou com tal rejeição. O mestre da vida usou a ferramenta do silêncio para nos ensinar a não cair nas armadilhas da emoção e a não gravitar em torno do que os outros pensam e falam de nós.

A violência dos açoites

Se lermos atentamente palavra por palavra, vírgula por vírgula o procedimento de Pilatos nos quatro evangelhos, teremos a impressão de que ele funcionou como um cirurgião que abria o coração infectado dos fariseus, infectado pelo orgulho e pela arrogância. Após ouvir o clamor da troca fatídica, ficou convicto de que a cúpula judaica queria a morte do nazareno de qualquer maneira e não descansaria enquanto ela não se materializasse.

Inconformado, o governador não cedeu. Não admitia que aqueles homens controlassem a sua própria consciência. Então, neste momento, ao invés de crucificá-lo, preferiu flagelá-lo com açoites. Pilatos, que aparentemente parecia defender Jesus, mostra aqui sua face sanguinária. Indignado com o sinédrio, 147

○

○

○

descarrega sua ira no réu. O homem Jesus sangrando no rosto sangraria, agora, nas costas.

Os soldados de Pilatos saciam, então, seu apetite por traumatizar Jesus. Queriam ver a resistência do homem que fez milagres impressionantes. Os açoites eram produzidos com um chicote chamado de “fragrum”. O fragrum contém diversas tiras de couro. Nessas tiras, são presos pedaços de ossos ou ferro, de sorte que cada chibatada não apenas causa edema e hematoma súbito, mas também ferimentos abertos.

Os homens açoitaram Jesus com dezenas de chibatadas.

A pele se abria, os músculos intercostais se expunham. A todos os torturados era dado o direito de gritar, urrar de dor, reagir com ódio, pavor, mas àquele que se propunha a ser o cordeiro de Deus para resgatar as injustiças da humanidade, não eram admitidas tais reações. Um cordeiro sofre silenciosamente. O

mestre da vida suportava calado as suas torturas, como uma ovelha muda perante seus tosquiadores**49**.

Ao vê-lo mudo, a ira dos seus carrascos devia aumentar.

Batiam-lhe mais forte. Queriam ver seus limites. Assim, o homem Jesus reagia com todas as suas forças para suportar o insuportável.

Certa vez, uma excelente enfermeira, que havia tido uma crise depressiva, me contou em meu consultório uma história sobre o drama da dor dos ferimentos. Ela fazia freqüentemente curativos em feridas abertas. Quando os pacientes reclamavam de dor ou do desconforto da gaze, ela os criticava.

Um dia, ela passou por uma cirurgia. A cirurgia teve contaminação e a pele e músculos se infeccionaram e os pontos se abriram. Toda vez que alguém ia fazer curativo nela era um tormento. Colocar uma gaze sobre a pele aberta era como passar uma lixa sobre o corpo. Ela gritava de dor. Então, se lembrou 148

Trocado por um Assassino. Os Açoites e a Coroa de Espinhos

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

dos seus pacientes. Recordou que não tinha paciência e nem compreendia a dor deles. A partir daí, se tornou uma enfermeira muito mais amável e tolerante.

Imaginem o que Jesus passou com os açoites. As tiras de couro com metais abriam-lhe a pele. Cada chibatada era uma cirurgia sem anestesia. Após vestir seu manto, o sangue se misturava com as fibras do tecido, era como se uma lixa roçasse a superfície de sua pele. Nada o aliviava, a não ser a misteriosa relação que mantinha com seu Pai. A cada momento devia dialogar com Ele sobre sua dor, como o fez após a última ceia.

Devia conversar e orar silenciosamente com Ele a cada momento em que era espancado, esmurrado, cuspido ou flagelado. Havia um ar de mistério no seu martírio. Ele estava na condição de homem, mas ninguém reagiu como ele no ápice da dor. Uma força incrível o sustentava. Gerenciava seus pensamentos e suas emoções em situações impossíveis de conservar a lucidez. O mestre de Nazaré foi um príncipe no caos.

Coroado com espinhos

Não bastasse o tormento sofrido na casa de Anás, Caifás, Herodes e os açoites impostos por Pilatos, Jesus passou pelo último e mais dramático sofrimento antes de carregar a cruz.

Os soldados vendo-lhe a resistência e sabendo que os judeus o acusavam de querer ser rei da nação, vestiram-lhe como a um falso rei. Trajaram-no com um manto de cor púrpura e colocaram sobre a sua cabeça uma coroa real, só que feita de espinhos. E para debochar ainda mais do "falso rei", lhe deram um cetro de segunda categoria, um caniço de ferro.

Estava pronto o cenário de terror circense. Neste cenário, 149

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

começa uma longa sessão de sarcasmo e espancamento. Uma coorte de soldados, cerca de 300 a 600 homens, se aglomera em torno daquele homem debilitado para se divertir. Imaginem a cena.

Jesus estava com o rosto inchado e cheio de hematomas, as suas costas sangravam sem parar. Provavelmente não lhe deram água a noite toda. Estava sedento e com o corpo todo dolorido. A sua debilidade não comovia os soldados. Cegou-lhes o entendimento e o humanismo.

Uma análise sociológica do comportamento humano revela que os homens, quando estão irados e em público, reagem como animais. Se desejam chamar a atenção uns dos outros com deboches, cada um procura ser mais irônico do que o outro.

Alguns vão até às últimas conseqüências.

Os textos dizem que vários soldados ajoelhavam-se aos pés do mestre da vida, querendo prestar-lhe uma falsa reverência**50**. Colocaram Jesus no centro de um picadeiro. Os soldados, rodeando-o, fizeram-no de palhaço. Seus olhos deviam estar tão edemaciados que mal devia enxergar, mas via o suficiente para saber que não devia reagir. Jesus não abriu a boca.

Talvez este seja o único caso na história em que uma pessoa tenha passado pelo topo da discriminação e, ao mesmo tempo, golpeado pelo ápice do deboche e do

escárnio. Sua vida pautou-se por extremos impensáveis. Foi exaltado como rei e como Deus e foi humilhado como o mais vil dos homens.

Enquanto os mais engraçados prestavam-lhe a falsa homenagem, ouviam-se longas gargalhadas da platéia.

Exclamavam: *"Salve, o rei dos judeus"* **51**. Louvam-no com ironia.

Deviam empurrá-lo e fazê-lo cair. Suas quedas excitavam os soldados. Divertiam-se com sua dor.

150

Trocado por um Assassino. Os Açoites e a Coroa de Espinhos

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

Se escondido na pele do homem Jesus estava o ser mais poderoso do universo, como ele suportou ter sido o personagem central de um teatro de terror? Como permitiu que os homens o ultrajassem e o fizessem de palhaço? Se nós temos reações agressivas com nossos filhos ou com nossos pais sem grandes motivos, quem de nós, se tivesse tal poder, prescindiria de usá-lo para destruir nossos carrascos? Somos mestres da impaciência; ele, o mestre da mansidão.

Coroa de espinho e bofetadas

Não há notícia na história de que alguns homens tenham humilhado um rei no pleno exercício do seu poder, e tenham sobrevivido. O rei Herodes não foi um milésimo ameaçado pela sua esposa e seus filhos como o foi Jesus, mas ainda assim os matou.

A história humana tem de ser recontada. Se o mestre da vida era o rei dos reis, se ele se assentava à direita do Todo-Poderoso, então, dever-se-ia escrever em todos os tratados históricos: humilharam, torturaram e zombaram o maior de todos os reis, mas ele tratou com brandura seus carrascos.

Ninguém saiu ferido a não ser ele. Não há como não se curvar diante dele.

Jesus suportava o sarcasmo humano porque sua emoção tinha uma estrutura sólida. Não esperou quase nada dos seus amigos, sabia que eles o abandonariam. Dos soldados, esperava muito menos. Não há dúvida de que ele sofria muito, mas por se relacionar com as pessoas com baixíssima expectativa, não deixava o lixo de fora entulhar sua emoção. Um dos seus segredos era que ele se doava muito e esperava pouco.

Nós, ao contrário, por esperarmos muito dos outros, 151

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

ficamos sempre frustrados. Alguns são derrotados com apenas um olhar ou um pequeno comportamento. Tudo os irrita.

Os soldados, ao perceberem que Jesus não ia gritar, não ia reagir nem pedir clemência, ficaram impacientes e irritados.

Para completar a agonia de Jesus, tomaram-lhe o falso cetro e deram-lhe na cabeça**52**. Uma dor horrível e aguda permeou sua cabeça. Os espinhos cravaram-se no couro cabeludo, uma área intensamente irrigada. Dezenas de pontos hemorrágicos surgiram. O sangue escorria por toda a sua face. Era o sangue de um homem. Suportou sua dor como um homem e não como Deus.

À medida que o sangue percorria as reentrâncias de sua face, os soldados o esbofeteavam. As mãos destes homens eram fortíssimas, tinham uma musculatura hipertrofiada pelos exercícios com lanças e espadas. Ao ser esbofeteado, devia sentir vertigem, tontura. Certamente caía com mais freqüência no chão.

Ao cair, batia com a cabeça no solo e, deste modo, a coroa de espinho cravava-lhe mais intensamente. Ao bater as costas no chão, seu manto colava-se na pele esfacelada pelos açoites.

Pelos fariseus foi tratado como uma escória humana; pelos romanos, como um homem imprestável, um impostor, um falso rei. O único que rejeitou o trono político para reinar no coração humano recebeu como recompensa flagelos e açoites. Como é difícil governar a alma humana! Mesmo nós não somos líderes

de nosso próprio mundo.

O mestre de Nazaré foi dócil e paciente num ambiente onde só havia espaço para a ira e agressividade. Nunca ninguém pagou um preço tão alto por amar incondicionalmente o ser humano. A história do mestre dos mestres abala qualquer um que a investiga.

Felizes não são os que têm alta conta bancária, os 152

Trocado por um Assassino. Os Açoites e a Coroa de Espinhos

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

assediados pela mídia, os que moram em palácios, mas os que encontram motivos para amar mesmo quando eles não existem.

Ele encontrou motivos para nos amar, mesmo quando estes não existiam.



○○○○○○○○○○○○○○○○○

○○○

C A P Í T U L O 10

A ÚLTIMA CARTADA

DA CÚPULA JUDAICA

A Última Cartada da Cúpula Judaica

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

“Eis o homem!”: uma expressão

refletindo o topo da tortura.

Jesus foi açoitado, coroado com espinhos e esbofeteado pela coorte romana fora do ambiente onde estavam os homens do sinédrio. Os soldados só não podiam matá-lo, pois seu julgamento não chegara ao fim. Foram dez ou vinte minutos de espancamento, um tempo enorme para quem estava sendo massacrado por centenas de soldados sem qualquer proteção.

O mestre dos mestres estava literalmente irreconhecível.

Não havia o rosto de um homem, mas uma face desfigurada.

Como podemos afirmar isso? Pela expressão usada por Pilatos ao apresentar novamente Jesus aos líderes judeus. Diz: *“Eis o homem!”* **53** .

Com esta expressão Pilatos quis tocar a emoção dos judeus, fazê-los ter compaixão de Jesus. Parecia que o governador da Judéia queria dizer: “eis aí um homem acabado, mutilado, destruído e sem condições de ameaçar a vocês e a mim. Vocês não conseguem enxergar que ele é apenas um pobre e miserável homem?”.

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

Ao ouvir a expressão “eis o homem”, o sinédrio se levanta e dá um grande susto em Pilatos. Diz pela primeira vez ao líder romano que queriam matá-lo porque ele disse ser Deus**54**, e o autor de tal blasfêmia deveria morrer.

Ao ouvir tais palavras, Pilatos entra em pânico. Ele sabia que Jesus era misterioso, já se perturbara com suas palavras e expressões. Sabia que ele era um homem incomum, mas não sabia que ele havia confessado ser divino.

Foi provavelmente neste momento que a mulher de Pilatos entra em cena e lhe diz que tivera um sonho com Jesus e ficara perturbada. O mestre já havia tirado o sono de todos os fariseus, agora tirava o sono da mulher de Pilatos. Motivado por sua esposa e convencido de que Jesus era inocente, resiste em crucificá-lo.

Pilatos mais uma vez chama Jesus ao pretório. Retira-se para ter com ele uma nova conversa particular. Não sabia se o soltava ou se o indagava. O juiz estava confuso diante do réu.

Acusado de ser divino

Pilatos desejava uma resposta clara sobre a identidade de Jesus. Para obtê-la usa a sua autoridade de governador conferida pelo império romano e diz: *"Não sabes que tenho autoridade para te soltar e autoridade para te crucificar?"* **55**. Jesus estava sob um julgamento romano formal.

O imperador romano podia legislar, fazer leis. Aos governadores sob o controle de Roma cabiam os direitos de executivo e judiciário. Pilatos, portanto, tinha pleno poder não apenas para governar a Judéia, mas para atuar como um grande pretor, um juiz que julgava os homens segundo o direito romano.

Para causas pequenas, o governador designava outros pretores, mas as grandes causas eram julgadas por ele próprio.

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

A autoridade de Pilatos realmente era grande. O destino dos homens na região sob sua jurisdição estava de fato em suas mãos. Esperava, ao pressionar Jesus com sua autoridade, que ele se intimidasse e revelasse sua identidade. Porém, mais uma vez, o réu o deixou chocado. Ao ouvir tais palavras, Jesus disse que toda autoridade vinha do alto e nenhuma autoridade ele teria se do alto não fosse permitida.

Ao sinédrio, Jesus disse que se assentaria à direita do Todo-Poderoso, portanto na posição mais alta do universo. A Pilatos comenta que a autoridade que ele tinha não vinha de Roma, mas era permitida pelo alto. Sobrepondo estas duas frases podemos inferir algo impensável na história do direito e do poder político. O réu conferia a autoridade ao Juiz. Que situação impressionante!

Através de sua afirmação, o mestre de Nazaré queria dizer que há um poder no universo do qual emanam todos os outros poderes. Inferia que o poder político era temporariamente permitido e que o que é permitido será cobrado.

Pilatos considerava que seu poder fosse permitido por Tibério, o imperador romano. Agora vinha um homem todo edemaciado e cheio de hematomas sugerindo que todo poder emanava dele. Como isso é possível?

Jesus surpreendia a todos quando estava livre e quando estava preso, quando estava saudável e quando destruído. Queria dizer ao líder romano que tinha poder muito maior do que o dele, que poderia se safar do seu julgamento e morte, mas não o faria.

Os líderes de Israel e Pilatos estavam abalados, mas nada abalava o mestre da vida, nada o amedrontava. Ele mostrava-se imbatível nas idéias quando não havia mais força em seu corpo.

Nunca um judeu abalou as convicções do autoritário governador.

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

O poderoso Pilatos se comportava como uma criança diante do carpinteiro de Nazaré. Como pode alguém com a cabeça sangrando, com o rosto desfigurado e na eminência de ser crucificado discorrer que tinha um poder acima do império romano?

A rejeição e os sofrimentos, ao invés de abatê-lo, nutriam a sua capacidade de pensar. As perdas, ao invés de destruí-lo e desanimá-lo, o tornavam livre no território da emoção. Somente alguém que eliminou todas as raízes do medo pode ser tão livre.

A última cartada: traindo a

história e apelando para Tibério César

Pilatos, admirado com o comportamento de Jesus, mais uma vez o traz à

presença do sinédrio e intercede para soltá-lo.

Suas idas e vindas mostravam que ele estava convicto de que o réu era inocente. Pilatos tinha receio de uma revolta dos líderes judeus se soltasse Jesus e estes líderes tinham medo da multidão se o fenômeno Jesus estivesse solto.

O perfil psicológico de Pilatos e suas atitudes indicavam que ele debochava do sinédrio. Prova disto, era o fato de apontar diversas vezes para Jesus e dizer para o sinédrio: “eis o vosso rei” **56**.

O governador da Judéia só temia uma autoridade: Tibério César, o senhor do mundo, o grande imperador romano.

Portanto, a última cartada da liderança judia era denunciar Pilatos ao próprio imperador. Os judeus odiavam ser dominados por Roma, detestavam ser subjugados por César, mas para matar Jesus a única solução era mostrar estrita fidelidade a ele. Por isso, disseram altissonantes a Pilatos que somente César era o rei deles**57** e que não admitiam outro rei.

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

Completaram dizendo que, se Pilatos não crucificasse Jesus, ele estaria admitindo outro rei no solo de Israel, um rei não designado pelo império. Deste modo, ameaçaram com todas as vozes e todas as letras que denunciariam Pilatos a César**58**.

Precisamos reconstruir o cenário consciente e inconsciente presente no maior julgamento da história.

Traindo o desejo histórico de liberdade

Tibério César era um poderoso imperador. Embora as leis romanas fossem as mais justas e humanas dos tempos antigos, o imperador governava como um ditador. Por que exercia o poder como um ditador? Porque, além de exercer o poder executivo e judiciário, também tinha poder para legislar.

Do ponto de vista da filosofia do direito, o maior ditador é aquele que executa e julga as leis que ele mesmo elabora.

Reunindo o poder executivo com o legislativo, os imperadores romanos tinham o poder de um semideus. Quando o poder entorpece os homens, não poucos deles almejam o status de imortal.

Ao clamar por Tibério César e tomá-lo como rei, a cúpula de Israel traiu sua história. O povo judeu jamais aceitou o controle de qualquer império. O desejo de sua independência estava nas suas raízes culturais, presente desde que Abraão, o pai dos judeus, deixou a terra de Ur dos caldeus. Esse desejo se cristalizou quando Moisés os libertou da servidão do Egito e os conduziu à terra de Canaã.

Como disse no livro "O Mestre dos Mestres"* , o povo judeu quase passou por um genocídio por ser o único povo,

* Cury, Augusto J. Análise da Inteligência de Cristo- O Mestre dos Mestres, Academia de Inteligência, São Paulo, 1999.

-
-
-

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

segundo Flávio Josefus, a não adorar o sucessor de Tibério, Caio Calígula, como deus.

O relato histórico desta passagem é eloqüente*. Mostra a coragem ímpar deste povo em preservar sua identidade e a sede que tinha pela liberdade. Alguns embaixadores dos judeus pediram uma audiência a Caio Calígula porque estavam temerosos de ser dizimados se não o adorassem. Era uma audiência de conciliação, queriam mostrar-lhe que embora não o adorassem como deus, pois isso feria completamente seus princípios e tradições, o respeitavam muito e faziam sacrifícios a Deus para levar a bom termo a sua saúde e o seu governo.

Relutante, Calígula os recebeu, mas com desprezo.

Essa audiência podia determinar o destino dos judeus. Se o imperador os obrigasse a adorá-lo, eles não aceitariam e, assim, seriam eliminados não apenas em seu solo, mas em todas as cidades onde habitavam, tal como em Alexandria. Filom, um dos embaixadores dos judeus, relata que eles estavam profundamente amedrontados nesta audiência. Dizia que

"sentíamos o sangue gelar em nossas veias". Durante o encontro, a cólera de Calígula diminuiu e, por isso, não os obrigou a adorá-lo, embora não tenha aceitado a argumentação dos judeus. No final da audiência, o imperador desprezou a inteligência e o destino deles, dizendo: "Essa gente não é tão má quanto infeliz. São insensatos por não acreditar que sou de natureza divina".

Os embaixadores judeus saíram da presença de Calígula dizendo palavras que muito lembram o julgamento de Jesus.

Disseram: "Foi assim que saímos não de um tribunal, mas de um teatro e de uma prisão, pois não era deveras uma comédia,

* Josefo Flávio, História dos Hebreus, Editora CPAD, Rio de Janeiro, 1990.

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

vermo-nos ridicularizados, motejados, desprezados?". Os judeus sentiram a dor do desprezo e da humilhação provocada pelo imperador. Viram-se não num tribunal, mas num teatro, num ambiente em que pouco importava o que eles pensavam e sentiam.

No julgamento de Jesus aconteceu a mesma coisa, só que de maneira muito mais violenta. Um julgamento regado aos patamares mais altos da tortura e da humilhação. Não importavam as provas nem os sentimentos e os pensamentos do réu. Ele tinha de morrer e o mais depressa possível, nem que para isso os líderes judeus tivessem, por alguns momentos, de trair a sua história e clamar que César era seu único rei.

Desprezaram Jesus que tinha origem judia e que cuidava dos feridos e dos abatidos de Israel, para tomar o imperador romano como seu grande líder, ainda que ele os explorasse com pesados impostos.

Condenando Jesus por

medo de perder o poder

Ao ameaçar denunciá-lo ao imperador, Pilatos deve ter se lembrado de que muitos governadores já haviam passado pela Judéia e tinham sido destituídos. Certamente se lembrou de que nem Arquelau (filho do Rei Herodes, o Grande) foi poupado pelo imperador. Arquelau assumiu o governo da Judéia quando seu pai morreu. Entretanto, cometeu atrocidades contra os judeus. Estes o denunciaram a César, o que lhe causou a queda e o ostracismo.

Amedrontado e profundamente constrangido, Pilatos cede. Por medo de perder o poder, condena o mais brilhante e inocente dos réus. Ao passar pelo julgamento formal e ser 163

○

○

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

condenado, os criminosos podiam apelar para César.

Provavelmente os dois criminosos que foram crucificados ao lado de Jesus estavam no final do processo. Seus crimes já haviam transitado em julgamento. Todos os recursos já haviam se esgotado após meses de processo.

Jesus estava sob o julgamento romano há menos de três horas. Se ele apelasse para César, provavelmente seu processo seria adiado e julgado em Roma. Todavia, não apelou. Não fez nenhuma reivindicação. Apenas aguardou o final do julgamento.

Lavando as mãos

Pilatos cedeu diante da possibilidade de comprometer sua carreira política. Cometeu um crime contra a sua própria consciência. Talvez seu sono nunca mais tenha sido o mesmo.

Entretanto, para abrandar seu sentimento de culpa, fez um gesto que iria torná-lo famoso na história: lavou as mãos. Muitos pensam que este ato foi digno de

aplausos e não poucos políticos o imitaram ao longo das gerações.

O gesto de Pilatos foi um ato tímido e injusto. Lavou as mãos, mas não podia limpar a sua consciência. A sujeira das mãos é retirada com a água; a da consciência é retirada reconhecendo erros e aprendendo a ser fiel a ela.

Também cometemos erros nessa área, embora com

conseqüências bem menores que as dos homens que julgaram o mestre dos mestres. Lavamos as nossas mãos nas relações sociais. Quantas vezes nos esquivamos de gastar o último recurso para estender as mãos a alguém que está ao nosso alcance atolado em seus problemas? Usamos o recurso de lavar as mãos como tentativa de nos eximir de nossas responsabilidades, como procedimento para nos proteger contra o sentimento de culpa diante de atitudes delicadas que deveríamos tomar.

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

Sempre que possível não deveríamos lavar as mãos. Se temos condições de ajudar alguém que não quer ser ajudado, não deveríamos desistir dele. Após esgotarmos nossos argumentos, não deveríamos tentar fazer as pessoas enxergarem o que não querem ou não conseguem ver e muito menos forçar nossa ajuda. Ninguém consegue abrir as janelas da mente de alguém que se recusa a abri-la. Devemos esperar uma nova oportunidade, um novo momento para ajudá-la, ainda que ele demore a chegar.

O mestre de Nazaré nunca lavava as suas mãos. Era poderoso, mas não subjugava ninguém com seu poder, nem quando queria e podia. Esgotava todos os recursos para ajudar os necessitados, mas sem constrangê-los. Esperava o momento certo para arejar os becos escuros de suas vidas. Procurava ensiná-los de maneira sábia e agradável, mas dava tanta liberdade para as pessoas errarem quanto incontáveis oportunidades para elas retornarem. Não as punia e nem cobrava delas os seus erros. Estar próximo dele era um convite a revisar os alicerces da vida.

Do ponto de vista humano, o destino de Jesus estava sob a autoridade de Pilatos. Portanto, lavar as mãos era se esquivar de assumir a sua responsabilidade. Ninguém queria assumir o ônus da morte de Jesus. Os líderes de Israel queriam que o império romano assumisse a sua condenação e o império, representado por Pilatos, lavou as mãos para que ela recaísse sobre eles. O resultado foi que, para Pilatos, o sinédrio foi quem condenou Jesus e, para a grande massa de homens que amava Jesus, quem o condenou foi o império romano.

O homem que é infiel a si mesmo não vê dias tranqüilos.

Alguns historiadores comentam que Pilatos suicidou-se. Não há como ser livre e feliz se não reconhecermos nossas 165

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

fragilidades, se não procurarmos mudar as rotas de nossas vidas e levarmos em alta conta nossa própria consciência.

O mestre da vida nos deu profundas lições para aprendermos o caminho da tranqüilidade. Viveu dias tranqüilos em ambientes intranqüilos. Era livre e sereno mesmo quando estava acorrentado. Estava no auge da fama e tinha tempo para contemplar os lírios dos campos. Nunca perdeu a singeleza e a liberdade, mesmo no mais escaldante deserto...

A sentença de Pilatos

Após lavar as mãos e se livrar do papel de juiz, Pilatos entregou Jesus para ser crucificado. Entretanto, como a morte por crucificação era uma condenação romana, o governador tinha de justificá-la. Assim lavrou sua sentença baseado nas acusações dos judeus e não em sua consciência.

A seguir transcreverei a cópia fiel da peça do processo de Jesus Cristo realizada por Pilatos, que se encontra no Museu da Espanha:

" No ano dezenove de TIBÉRIO CÉSAR, Imperador Romano de todo mundo. Monarca invencível na olimpíada cento e vinte... sob o regimento e governador da cidade de Jerusalém, Presidente Gratíssimo, PÔNCIO PILATOS. Regente na

baixa Galiléia, HERODES ANTIPAS. Pontífice sumo sacerdote, CAIFÁS, magnos do Templo, ALIS ALMAEL, ROBAS

ACASEL, FRANCHINO CENTAURO. Cônsules romanos

da cidade de Jerusalém, QUINTO CORNÉLIO SUBLIME E

SIXTO RUSTO, no mês de março e dia XXV do ano presente

– EU, PÔNCIO PILATOS, aqui presidente do Império Romano, dentro do palácio e arqui-residente julgo, condeno e sentencio à morte, Jesus, chamado pela plebe – CRISTO NAZARENO – e Galileu de nação, 166

A Última Cartada da Cúpula Judaica

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

homem sedicioso, contra a Lei Mosaica – contrário ao grande Imperador TIBÉRIO CÉSAR. Determino e ordeno por esta, que se lhe dê morte na cruz, sendo pregado com cravos como todos os réus, porque congregando e ajuntando homens, ricos e pobres, não tem cessado de promover tumultos por toda Galiléia, dizendo-se filho de DEUS E REI DE ISRAEL, ameaçando com a ruína de Jerusalém e do Sacro Templo, negando os tributos a César, tendo ainda o atrevimento de entrar com ramos e em triunfo, com grande parte da plebe, dentro da cidade de Jerusalém. Que seja ligado e açoitado, e que seja vestido de púrpura e coroado de alguns espinhos, com a própria cruz nos ombros, para que sirva de exemplo a todos os malfeitores, e que, juntamente com ele, sejam conduzidos dois ladrões homicidas; saindo logo pela porta sagrada, hoje ANTONIANA, e que se conduza JESUS ao Monte Público da Justiça chamado de CALVÁRIO, onde, crucificado e morto, ficará seu corpo na cruz, como espetáculo para todos os malfeitores e que sobre a cruz se ponha, em diversas línguas, este título: JESUS NAZARENUS, REX JUDEORUN.

Mando, também, que nenhuma pessoa de qualquer estado ou condição se atreva, temerariamente, a impedir a justiça por mim mandada, administrada e executada com todo rigor, segundo os Decretos e Leis Romanas, sob pena de rebelião contra o Imperador Romano. Testemunhas da nossa sentença: Pelas doze tribos de Israel: RABAIM DANIEL, RABAIM JOAQUIM BANICAR, BANBASU, LARÉ

PETUCULANI. Pelos fariseus: BULLIENIEL, SIMEÃO, RANOL, BABBINE, MANDOANI, BANCUR FOSSI. Pelo

Império Romano: LUCIO EXTILO E AMACIO CHILCIO“.

A sentença de Pilatos mostra os falsos motivos pelos quais Jesus foi sentenciado à morte, já discutidos. Mostra que muitas pessoas proeminentes do império romano e de Israel testemunharam e aprovaram a sentença condenatória. Todavia, três verdades saltam dessa peça processual.

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

Primeiro: Jesus, um grande comunicador

Como vimos, Jesus era um homem magnífico. Sua

capacidade de comunicação era arrebatadora. Os estudantes de comunicação e jornalismo desconhecem o maior comunicador da história. Dei algumas conferências em universidades sobre o tema “A arte da comunicação do mestre dos mestres” .

Algumas pessoas têm ficado atônitas com seu poder de comunicação. Ele fazia uma comunicação honesta e poética.

Era econômico no falar, mas preciso nas palavras. Conseguia ser dócil e extremamente seguro. Falava fitando a menina dos olhos dos seus ouvintes.

Seu falar era tão penetrante que ele executava um dos mais difíceis treinamentos da inteligência: treinava a emoção e o pensamento. Treinava seus discípulos a trabalhar em equipe, a não ter medo do medo, a não querer que o mundo se submeta aos seus pés, a pensar multifocalmente em situações turbulentas, a ser tolerantes, gentis, agradáveis, a torcer uns pelos outros e até a amar uns aos outros.

O tom da sua voz não era tímido, mas eloqüente. Não tinha medo de chocar seus ouvintes. Seus discursos intrépidos e ousados causavam uma verdadeira revolução no cerne do espírito e da alma deles. O conteúdo dos seus discursos até hoje deixa boquiabertos aqueles que o analisam desprovidos de preconceitos.

Multidões de pobres e ricos, letrados e iletrados, de homens e mulheres o seguiam apaixonadamente. Por diversas vezes, as pessoas ao ouvir suas palavras ficaram maravilhadas.

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

-
-
-

Os homens o admiravam tanto que, no seu último retorno a Jerusalém, colocaram ramos de palmeiras e suas próprias vestes no chão para que ele passasse. Todos estavam extasiados com seu poder e com sua eloqüência.

Por momentos, eles se esqueceram de que o império romano os controlava através da força de milhares de soldados.

Queriam que o mestre os liderasse. Mas este dizia que o seu reino não era deste mundo. O único homem que dizia ter todo o poder para dominar a terra virou o mundo de cabeça para baixo ao entrar, no auge da fama, na grande cidade de Jerusalém montado num pequeno e desajeitado animal.

Apesar de não querer o trono político, sua entrada em Jerusalém foi triunfal, causou um grande tumulto cerca de um mês antes de ser preso. Pilatos estava certo ao colocar este detalhe na peça processual. Isso prova que ele acompanhava os passos do mestre de perto antes do seu julgamento.

No final de sua sentença, Pilatos deixa claro seu respeito e temor incondicional pelo imperador Tibério. Declara que quem afrontasse a sua decisão de crucificar Jesus estaria se rebelando contra o próprio imperador. Na realidade, Pilatos apenas transcreve a pressão que os líderes judeus fizeram contra ele, ameaçando de denunciá-lo ao imperador se ele não o condenasse. Por submeter-se a esta chantagem, ele deixa claro na peça processual que Jesus rebelou-se contra o imperador por se fazer rei. O texto de Pilatos dissimula a infidelidade à sua consciência. O papel mais uma vez aceitou aquilo que o homem não pensava.

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

Terceiro: Jesus, o filho de Deus

Pilatos acusa Jesus de ser filho de Deus e querer destruir o Sacro templo. De fato, sua vida era cercada de mistérios. Seus comportamentos e seus sofrimentos eram humanos, mas suas palavras e sua postura eram incomuns para um homem. Pilatos ficou impressionado com sua postura. Ele se portava como um príncipe no caos. Não perdia sua dignidade quando sofria.

Ele não queria destruir o templo físico, mas transportá-lo para dentro do homem. Almejava inaugurar o lugar de adoração a Deus no coração humano.

Ele não declarava abertamente sua identidade, mas em algumas oportunidades disse ter a natureza de filho de Deus e o status do mais alto poder do universo. O que nos deixa pasmos é que, ao contrário do nosso comportamento, ele não relatou claramente sua identidade quando estava no auge da fama.

Declarou sua identidade quando estava no auge da derrota, pelo menos aparente: revelou-se quando o mundo desabava sobre sua cabeça.

Um espetáculo para todos os malfeitores

A psicologia tem de ficar assombrada com Jesus Cristo.

Aos demais torturados e que estão às portas da morte é presumível que vivenciem o medo, o desespero, a ansiedade e a agitação psicomotora, acompanhada de perda da lucidez e até da consciência. Entretanto, para nosso espanto, nenhuma dessas reações assaltaram a sua alma.

Na psicologia, principalmente na área de recursos humanos, tem-se falado muito do papel da emoção no 170

A Última Cartada da Cúpula Judaica

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

desempenho intelectual e na formação da personalidade.

Gerenciar a emoção é mais difícil do que governar um país, é mais complexo do que controlar uma grande empresa.

Entretanto, o mestre da vida foi o mais excelente mestre da emoção. Navegou com exímia habilidade no mar agitado da solidão, da incompreensão, da rejeição, da agressividade, da dor física e psicológica.

Jesus era invariavelmente delicado com as pessoas. Nunca expunha os seus erros e nem chamava a atenção delas publicamente. **59**. Apesar do mestre dos mestres

ter uma gentileza ímpar com as pessoas mais rudes, ele foi tratado com uma aspereza sem precedente. Não lhe deram descanso nem durante a sua morte. Pilatos sentenciou-o à cruz e disse que sua morte deveria funcionar como espetáculo para os malfeitores. Como pode o mais dócil e amável dos mestres servir de exemplo para advertir os homens a não cometer crimes?

Viajando no túnel do tempo

Se viajássemos no túnel do tempo e estivéssemos presentes no julgamento do mestre da vida, provavelmente pertenceríamos a um dos oito grupos:

1- Grupo dos fariseus e dos demais homens do sinédrio que condenaram Jesus, que não tinham coragem para questionar suas próprias verdades e avaliar se o filho de Deus poderia estar travestido na pele de um carpinteiro; 2- Grupo dos fariseus que amavam Jesus, representado por Nicodemos, mas que não tiveram ousadia para defendê-lo pelo medo de também serem punidos;

3- Grupo dos discípulos que o abandonaram, o deixaram a sós, que fugiram desesperadamente quando ele se 171

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

recusou a fazer qualquer milagre para se safar do seu julgamento;

4- Grupo dos que o negaram, representado por Pedro, que embora o amasse intensamente e tivesse mais coragem que os demais discípulos, ainda era frágil e inseguro, por isso negou toda a história que com ele viveu quando o viu sendo torturado e espancado;

5- Grupo da população que não tinha opinião e nem convicções próprias e por isso foi facilmente manipulada pelos que estavam no poder, os fariseus;

6- Grupo dos políticos, representado por Pilatos, que o considerava inocente, mas permitiu a sua tortura e mandou afligi-lo com açoites e, por fim, para agradar uma minoria de líderes, lavou suas mãos para aliviar a infidelidade à sua consciência e mandou crucificá-lo; 7- Grupo de soldados manipulados pelo sistema religioso e político e que foram agentes da sua tortura e crucificação, achando que prestavam serviços aos seus líderes;

8- Grupo das pessoas que encontraram um novo sentido de vida através das suas palavras e que o amavam apaixonadamente, mas que estavam do lado de fora da casa onde ele estava sendo julgado e esperavam ansiosamente o desfecho final deste julgamento.

Reitero, a qual desses oito grupos pertenceríamos? Não havia ninguém ao lado de Jesus. Todos os seus amigos o abandonaram. Se estivéssemos lá, será que não o negaríamos como Pedro? Será que muitos de nós hoje que dizemos amar profundamente Jesus e que estivéssemos na casa de Caifás não teríamos nos silenciado ante aquele clima de terror que pairava sobre o mestre da vida? Será que quando ele 172

A Última Cartada da Cúpula Judaica

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

fazia seus milagres e inteligentes discursos não estaríamos ao seu lado e depois quando preso não seríamos controlados pelo medo?

Se viajássemos no túnel do tempo e estivéssemos presentes no julgamento de Cristo, provavelmente nenhum de nós o defenderia. Poderíamos admirá-lo, mas nos calaríamos, como Nicodemos. Nossa inteligência e capacidade de decisão estariam travadas pelo medo. Hoje Jesus é famosíssimo e universalmente amado ou, no mínimo, admirado. Naquela época, embora ele deixasse perplexos todos os que o ouviam, estava escondido em um simples ser humano.

Hoje é fácil defendê-lo. Naquela época, quando ele resolveu não fazer qualquer milagre e deixar de lado seus intrigantes discursos, era difícil apoiá-lo e dizer: “Estou aqui, ainda que todos te abandonem, não te deixarei”. Na realidade, Pedro disse mais do que isso, mas falhou. O mais forte dos discípulos, apesar de amá-lo intensamente, negou-o. Talvez fizéssemos o mesmo.

Era mais fácil abandoná-lo, mas ele nos compreenderia.

Os discípulos estavam chorando na noite do seu julgamento. Tiveram uma longa noite de insônia. Estavam envergonhados e com sentimento de culpa de ter deixado o seu amado mestre no momento em que ele mais precisava deles.

Entretanto, Jesus não cobrou nada deles. Ele os amou incondicionalmente. Nós fazemos exigências altas para perdoar as pessoas, ele perdoou e amou sem nenhuma exigência.

A única coisa que gerava uma reação de intolerância no mestre da vida era o comportamento dos fariseus, que se preocupavam com a aparência exterior e não com o conteúdo dos seus pensamentos e emoções. Embora não fosse agressivo com eles, foi, entretanto, contundente em apontar essa grave distorção em seu comportamento.

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

Ser tímido como os discípulos, amedrontado como Pedro, omisso como alguns fariseus que o admiravam, não era o pior grupo. O pior deles era ser um fariseu,

um técnico em Deus, um especialista em divindade, mas que se sentia incapaz de ser ensinado, que não conseguia ver nada além de seu mundo.

Por isso não analisaram a história, o viver, as palavras, os gestos do mestre da vida. Eles o julgaram pela sua aparência exterior.

Nós temos de nos perguntar: Se estivéssemos lá, o conhecimento teológico que temos hoje nos faria honrá-lo ou envergonhar-nos dele, amá-lo ou distanciar-nos dele?

Apesar de ter sido abandonado, negado e rejeitado pelos homens, o mestre da vida não condenava ninguém, nem os fariseus. Ao invés disso, ele queria morrer em favor de todos os homens, mas fez algumas advertências para expandir nossa

"qualidade de vida interior". Vejamos uma dessas advertências numa dramática comparação entre os fariseus e os miseráveis da sociedade.

Publicanos e meretrizes

precedendo os fariseus

Certa vez, o mestre disse uma palavra chocante aos fariseus, algo que jamais pensariam em ouvir. Comentou que publicanos e meretrizes os precederiam no reino dos céus.

Vamos pensar um pouco. As meretrizes dormiam com muitos homens, viviam em função de sua sexualidade. Seus comportamentos e diálogos não refletiam moral e espiritualidade. Os publicanos, por sua vez, eram coletores de impostos, extorquiam o povo, roubavam dos cofres públicos.

Amavam o dinheiro e não se preocupavam com o sofrimento das pessoas sob o jugo do império romano. De outro lado, os 174

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

fariseus faziam longas orações, ensinavam as Antigas Escrituras, davam ofertas e tinham um comportamento socialmente aprovável.

Qualquer um que fosse julgar estes homens, por mais liberal e humanista que fosse, aprovaria os fariseus e colocaria as meretrizes e publicanos em último plano. Ninguém teria a coragem de dizer o que o Jesus disse. Parecia um absurdo dizer que as prostitutas e os corruptos coletores de impostos pudessem ser aprovados por Deus e os religiosos de Israel, desaprovados. Como isso é possível?

No evangelho de Mateus, ele disse diversas vezes que seu Pai tinha a capacidade de perscrutar a alma humana e ver o que estava em secreto. Via o que os psicólogos e os psiquiatras não conseguem ver. Penetrava diretamente no mundo psicológico das pessoas.

Aos olhos do mestre de Nazaré os fariseus tinham uma ética insuperável, mas por dentro, suas intenções e pensamentos eram reprováveis.

A maquiagem espiritual e ética dos fariseus não convencia o Autor da vida, não enganava o arquiteto do espírito e da alma humana. Quem pode falar do homem internamente senão aquele que o teceu?

Qual a vantagem das meretrizes e dos publicanos em relação aos fariseus? Os sentimentos ocultos no coração psicológico. Os fariseus eram orgulhosos, arrogantes, auto-suficientes, não precisavam de um mestre e nem de um médico

para reparar os pilares de suas vidas, por isso baniram drasticamente aquele que dizia ser o filho do Altíssimo.

De outro lado, as prostitutas e os publicanos reconheciam seus erros, injustiças e fragilidades, por isso amaram intensamente Jesus. Não poucos deles choraram de gratidão 175

Análise da Inteligência de Cristo - O Mestre da Vida

-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-

pela acolhida carinhosa do mestre da vida. Aquele que teceu o homem amou a todos, mas só conseguiu tratar dos que admitiam que estavam doentes, dos que tiveram a coragem de se achegar a ele, ainda que com lágrimas.

Nestes tempos modernos valorizamos muito mais a estética do que o conteúdo.

Pioramos em relação aos tempos do mestre de Nazaré. É fácil criticar os erros dos outros, enxergar a arrogância de Caifás e a violência dos homens do sinédrio.

Todavia, precisamos nos perguntar: Será que não temos nos escondido atrás de nossa ética e moral? Será que não estamos saturados de orgulho e arrogância e não percebemos? Somos especialistas em detectar os defeitos dos outros, mas péssimos para enxergar os nossos.

Quando proclamamos "meu conhecimento teológico é melhor do que o dos outros", "minha moral é mais elevada do que a deles", será que Aquele que vê em secreto se agrada desses comportamentos? Talvez alguns miseráveis de nossa sociedade, aqueles para quem facilmente apontamos o dedo, tenham um coração melhor do que o nosso.

Com princípios mais sábios dos que os apresentados por sociólogos e ideólogos políticos, Jesus regulou as relações sociais.

Disse que com o mesmo critério que julgarmos os outros seremos julgados. Se empregamos tolerância e compreensão, o Autor da vida nos compreenderá e nos tratará com tolerância*.

E vai mais longe, diz a célebre frase: *"Como quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles".* Se queremos compreensão, respeito, gentileza, amabilidade, devemos aprender a ser compreensivos, gentis, amáveis.

Os que empregam tolerância compreendem as suas próprias limitações e, por conhecê-las, enxergam melhor as fragilidades dos outros. A compreensão, a tolerância e a solidariedade são atributos dos fortes; a arrogância e a rigidez, 176

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

dos fracos. Se prestarmos atenção naqueles que criticam continuamente as pessoas que os rodeiam, veremos que eles são estrangeiros em seu próprio mundo, nunca penetraram em áreas mais íntimas de seu próprio ser. Os homens que não se conhecem são especialistas em apontar o dedo para os outros.

Se os princípios estabelecidos pelo mestre da escola da vida fossem vividos pela nossa espécie, os exércitos seriam extintos; a agressividade, estancada e os soldados estariam desempregados. Mas precisamos cada vez mais de soldados e presídios. Temos de perceber que algo está errado.

O homem que não é juiz de si mesmo nunca está apto para julgar o comportamento dos outros. Os fariseus da época de Jesus não estavam aptos a julgá-lo, pois eram incapazes de julgar a si mesmos. Eles o trataram como o mais vil criminoso.

O seu julgamento revelou a miséria que estava no âmago dos homens do sinédrio. Por fora eram éticos, mas, quando se sentiram ameaçados, foi-se embora a imparcialidade, justiça e serenidade. Não levaram em conta a encantadora história do mestre da sensibilidade.

Nunca alguém tão forte, inteligente, sábio e amável se deixou passar por um julgamento tão humilhante. Ninguém reagiu como ele no final da vida. Seus comportamentos eram ímpares.

Que segredos escondiam-se no cerne do mestre da vida para que ele derramasse sua alma na morte? Precisamos penetrar em alguns desses segredos para entender a sua motivação de morrer pela humanidade. Vejamos o plano mais ambicioso da história!



○○○○○○○○○○○○○○○○○

○○○

C A P Í T U L O 1 1

O MAIS AMBICIOSO PLANO DA HISTÓRIA

O mais Ambicioso Plano da História

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

Apsicologia e as ciências da educação

Se os cursos de psicologia introduzissem um estudo sério e aprofundado da personalidade de Jesus, os novos psicólogos teriam uma grande ferramenta para compreender os transtornos emocionais e adquirir mecanismos para treinar a emoção dos pacientes e torná-la saudável. Como mestre da escola da vida, ele conseguia abrir as janelas da sua mente e contemplar o belo em momentos em que só era possível ser controlado pela ansiedade, travar a inteligência e reagir por instinto. Apsicologia ainda é uma frágil ciência no processo de investigação do funcionamento da mente. Ela precisa descobri-lo.

As ciências da educação também precisam descobri-lo. Apsicopedagogia de Cristo não tem precedente. Como contador de histórias, tinha um falar cativante que encantava as pessoas.

O tom de voz, o fitar dos olhos, a economia de energia no discurso dos pensamentos, a autoridade nas palavras, a exposição interrogada e dialogada, a versatilidade e a criatividade usada na comunicação interpessoal faziam de sua pedagogia uma 181

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

verdadeira arte de ensinar. Se nas faculdades ensinassem sistematicamente a psicopedagogia do mestre dos mestres, os novos professores revolucionariam o cambaleante sistema educacional que permeia as sociedades modernas.

Sinto-me limitado para descrever a grandeza e os mistérios que cercam a mente de Jesus Cristo. De cada frase que proferiu poderíamos escrever um livro. De cada silêncio, uma poesia.

De cada controle da emoção, um princípio de vida.

Sinceramente, os recursos lingüísticos para descrevê-lo são restritos.

O mestre da vida não

tinha impulsos suicidas

Gostaria, nestes últimos capítulos, de fazer um questionamento muito sério sobre os motivos que levaram uma pessoa com uma inteligência tão espetacular como a de Jesus se deixar passar pelo topo do sofrimento. Ele tinha condições de evitar

seu julgamento e sua crucificação, mas não o fez.

Ninguém amava a vida como ele. Tinha prazer em conviver com as pessoas. Observava o belo nos pequenos eventos da vida. Gostava de crianças. Apreciava relacionar-se socialmente e dialogar com todas as pessoas. Qualquer pessoa que dele se aproximasse corria grande risco de se tornar seu amigo. Tinha prazer em ser amigo até dos leprosos deformados e que cheiravam mal. Nele, portanto, não havia rejeição pela vida nem idéias ou impulsos suicidas. No entanto, deixou-se morrer, foi cedo cortado da terra dos viventes. Por quê?

Se nele não havia idéias de suicídio, por que não fez nada para evitar seu sofrimento e sua morte? Milhões de pessoas 182

O mais Ambicioso Plano da História

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

dirão que sofreu e morreu para perdoar o homem. Mas podemos argumentar: Não haveria milhares de outras maneiras ou procedimentos para perdoar o homem?

Um grande problema em qualquer tipo de investigação é que não conseguimos conviver com a ansiedade gerada pelas perguntas e pela dúvida, por isso somos rápidos e superficiais em nossas respostas. Temos de perguntar: Se Deus é tão inteligente, não poderia arquitetar um plano que exigisse menos de si mesmo? Por que Deus fez o impensável: entregou o seu único filho para morrer pela humanidade? Que amor é este que excede todo entendimento, que implode a lógica?

O mestre da vida nunca desprezava as indagações dos homens, ao contrário, apreciava que eles o pesquisassem destituídos de preconceitos. O grande erro dos fariseus foi que o julgaram sem investigá-lo.

Gostaria de investigar não apenas as intenções subjacentes do homem Jesus, mas algumas áreas da mente de Deus descritas nas Escrituras para compreender o que estava por detrás do cenário do julgamento aqui analisado. Jesus era um homem genuíno, mas ao mesmo tempo se colocava como o Filho de Deus. Ele era homem e era Deus. Teve atitudes, comportamentos e sentimentos humanos, mas as causas que o motivavam não eram humanas.

Não será possível compreendermos as últimas vinte e quatro horas do homem Jesus se não compreendermos os pensamentos de Deus. Contudo, toda vez que entrarmos nesta área, o leitor tem de ter consciência de que não estou discorrendo sobre uma religião, mas de complexos assuntos escondidos nos textos da biografia de Cristo e nos demais livros do Antigo e Novo Testamento.

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

Questionando a existência de Deus

Tentarei abordar um assunto muito complexo que perturbou e ainda perturba a mente de muitos teólogos, filósofos, pensadores e homens de todas as culturas e raças. Um assunto que também me tirou, durante anos, a tranqüilidade. Um tema sobre o qual muitas vezes temos dificuldade ou não temos coragem de falar, que fica represado em nossa alma, que raramente verbalizamos, mas que mina nossas convicções.

Questionarei a existência de Deus sob a perspectiva da sua intervenção nos eventos da humanidade.

Ao olhar para tudo o que Jesus passou, temos de questionar por que ele fez tão grande sacrifício. Quem se animaria a fazer o que ele fez? O que motivou alguém que discursou incansavelmente sobre a vida eterna ter preferido a morte mais vexatória? Não podemos ter medo de usar nossa inteligência e indagar: Se Deus é tão criativo por que ele arquitetou uma solução tão angustiante para resgatar a humanidade?

Ao olharmos para as lágrimas, desespero, aflição e injustiças que macularam os principais capítulos da história e que ocupam uma parte central do palco de nossas vidas, temos de questionar: Quem é Deus? Onde está Deus? Quais as características básicas da sua personalidade? O que move seus sentimentos? Ao fazer esse questionamento, podemos chegar a três hipóteses: 1a.- Deus não existe, é uma criação do cérebro; 2a - Deus existe, mas abandonou a humanidade, pois a considerou um projeto falido; 3ª- Deus existe e produziu o

mais ambicioso plano da história para resgatá-la.

184

O mais Ambicioso Plano da História

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

1a. hipótese- Deus não existe:

uma imaginação do cérebro

Não sei se o leitor já questionou a existência de Deus. Já indaguei intensamente. Ao olhar para as misérias humanas, para as injustiças sociais e para a história da humanidade podemos questionar se há um Deus no universo ou se ele é apenas um fruto espetacular da mente humana. Vamos refletir.

Apesar de haver alimentos em abundância para alimentar todos os habitantes da terra, a fome destrói inúmeras vidas. Se Deus existe, por que não intervém nas desculpas políticas que financiam nosso egoísmo e extingüe a fome?

Mães tiram o pão de sua boca para dar aos seus filhos famintos e, ainda assim, muitos deles permanecem caquéticos e morrem. Tais mães, abatidas pela fome, não têm nem lágrimas para chorar a morte de seus pequenos filhos. Onde está Deus?

Todos os dias morrem crianças com câncer, embora haja muitos casos de cura. Elas mal começam a brincar e já começam a fechar seus olhos para a existência. Onde está o Criador? Se Ele existe, por que não intervém no sofrimento dos pequenos de nossa espécie? Muitos indagam: Será que ele não intervém por que não existe ou por que desistiu de nós? Não dá para nos furtarmos de estudar este assunto, ainda que com respeito.

Lembro-me de uma paciente que teve depressão após a morte de sua filha. Sua pequena criança de sete anos teve um câncer incurável. A mãe entrara em desespero. A criança tinha crises de vômitos constantes antes de falecer. Em sua última crise, a criança teve uma atitude inesperada. Sabendo que estava próxima da morte, a própria criança pediu para a mãe retirar-se da sala. Não queria que ela sofresse. Vocês podem imaginar 185

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

uma pequena criança querendo poupar uma mãe de sofrer por sua morte? A criança estava nos instantes finais de sua vida e desejava ansiosamente a companhia de sua mãe, mas poupou-a, ficou só com seu médico. Foi assim que ela fechou seus olhos para a vida. Sua mãe nunca mais sentiu seu coração pulsar, nunca mais ouviu a sua voz. Entre ambas, um silêncio inaceitável. Se o Criador existe, por que suas criaturas sofrem tanto?

As lágrimas dos pais sempre irrigaram a história. Eles cuidam carinhosamente de seus filhos. Apertam suas bochechas, enchem-lhes de beijos, empurram-lhes comidas, preocupam-se com seus comportamentos, sonham com seu futuro. Vivem para os filhos, mas não querem viver para vê-los morrer. Desejam ardentemente que seus olhos se fechem antes que os deles. Por fim, alguns morrem por overdose de drogas, outros por doenças, outros por acidentes e ainda outros nas guerras. Diversas pessoas cometam: Se há um Deus que é Autor da existência, por que ele não estanca as lágrimas dos homens e alivia as suas dores?

Observem as doenças da emoção. As pessoas portadoras de depressão vivem o último estágio da dor humana, perdem o prazer de viver, ficam desmotivadas, sentem uma fadiga excessiva, algumas têm insônia, outras dormem demais, e, ao invés de serem compreendidas, são taxadas de fracas. Elas têm características nobres em sua personalidade, só que exageradas: punem-se muito quando erram, preocupam-se excessivamente com a dor dos outros, antecipam em demasia os acontecimentos do amanhã. Entretanto, não poucas vezes, a recompensa que recebem é o desprezo da sociedade e de alguns familiares. Alguns intelectuais pensam: Se Deus teceu o interior do homem, por que ele não apazigua as águas da emoção e estanca a dor dos que sofrem no recôndito da alma?

Olhem para as injustiças sociais. Os homens sempre se 186

○

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

discriminaram. A fina camada de cor da pele, negra ou branca, tem servido de parâmetro para discriminar dois seres da mesma espécie. Quantas vezes na história homens escravizaram homens, tolheram seus direitos fundamentais e os fizeram de mercadoria que se compra e vende? Alguns questionam: Será que Deus nunca se importou com as algemas dos escravos, com a humilhação por serem objetos de barganha?

A vida é muito longa para se errar, mas brevíssima para se viver. Se os homens refletissem filosoficamente sobre a temporalidade da vida, tal reflexão estimularia a sabedoria e o amor pelos direitos humanos. Compreenderiam que o intervalo entre a meninice e a velhice se constitui de alguns instantes.

Todavia, desprezam a sabedoria.

A sabedoria sempre foi atributo de poucos, de uns “tolos”

que se desviaram do sistema. Por desprezarem a sabedoria, mataram, feriram,

escravizaram, estupraram, discriminaram. Se há um Deus Todo-Poderoso, que assiste todos os dias às loucuras humanas, por que ele não intervém na humanidade e faz rapidamente a justiça? Por que ele permitiu inclusive que a pessoa mais dócil que transitou nesta terra, Jesus, morresse da maneira mais violenta?

Alguns ainda argumentam que Deus não existe porque nunca O viram, nunca O perceberam com seu sistema sensorial, Ele nunca abalou os céus e a terra diante dos seus olhos. Deste modo, considerando todas as misérias humanas e a "aparente"

não intervenção de Deus nestas misérias, a primeira hipótese que salta à mente de muitos é a de que Deus é um fruto espetacular do cérebro humano. Ele não existe, por isso não intervém.

Nesta hipótese, o cérebro, por ser tão sofisticado, arquitetou a fantástica idéia de Deus por pelo menos dois 187

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

grandes motivos. Primeiro, porque crendo na idéia de Deus as intempéries da vida seriam mais suportáveis. Segundo, para alimentar a esperança da eternidade. Quantos homens, ao longo dos séculos, entraram em grande conflito existencial perguntando para si mesmos: Será que Deus é uma imaginação da mente humana ou é a maior verdade do universo?

Agora procurarei provar o contrário, que Deus existe. Ele é real e fez e faz muito mais pelo homem do que imaginamos, só que tem características de personalidades bem definidas que precisam ser conhecidas, caso contrário, jamais O entenderemos.

Mas se Ele existe por que não intervém claramente nos eventos da humanidade, nas lágrimas dos pais, nas injustiças e dores humanas? Antes de entrar neste assunto e discorrer sobre as duas outras hipóteses derivadas desse argumento, gostaria de defender a tese de que Deus não é uma invenção do cérebro.

Gostaria de comentar sinteticamente que dentro do homem há fenômenos que provam a existência de um Criador. Em minha opinião, à medida que a ciência avança para explicar o mundo dentro e fora do homem, ela se depara com lacunas e paradoxos que só Deus pode explicar.

Deus não é uma

invenção do intelecto

Questionar a existência de Deus é oportuno, pois sabemos que a ciência está cada vez mais se voltando para a espiritualidade.

O ateísmo, tão em moda na primeira metade do século XX, começou a implodir nas últimas décadas. No século XXI o homem terá mais tempo e mais sede para questionar e procurar quem é o autor da vida, quem é Deus. Um dos motivos que promove esta procura é o vazio deixado pela ciência. Nunca a 188

O mais Ambicioso Plano da História

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

ciência avançou tanto, e nunca o homem esteve tão exposto aos transtornos emocionais, tão vazio e sem sentido de vida.

O mundo moderno estimula excessivamente a emoção humana, mas não produz emoções estáveis, ricas e singelas.

Nunca os cientistas se voltaram tanto para a idéia de Deus.

Muitos crêem que há um Autor da existência por detrás do mundo físico, que explica seus paradoxos.

Para alguns deles, o mundo físico "matematizável", ou seja, que pode ser explicado e mensurado pela matemática tem muitos fenômenos inexplicáveis, que ultrapassam os limites da lógica. Há diversos cientistas afirmando que a teoria quântica na física concebe a idéia de que há um Deus no universo, uma consciência cósmica, uma causalidade descendente.

Os físicos têm suas razões para crer em Deus. Contudo, os pesquisadores da psicologia, em minha opinião, se conhecessem mais acuradamente o campo de energia psíquica e o processo de construção de pensamentos teriam mais motivos ainda. As maiores evidências de que há um Deus no universo não estão no

universo físico, mas na alma humana.

Em dois períodos da minha vida, rejeitei a idéia da existência de Deus. Procurá-lo era perder tempo no imaginário.

Entretanto, ao me debruçar na pesquisa sobre os fenômenos que constroem cadeias de pensamentos, fiquei pasmado.

Encontrei diversas evidências claras de que no processo de construção da inteligência há diversos fenômenos que ultrapassam os limites da lógica, tais como a governabilidade do pensamento, o fenômeno da psicoadaptação e o fenômeno do autofluxo*. Tais fenômenos só podem ter sido concebidos por um Criador.

* Cury, Augusto J., Inteligência Multifocal, Editora Cultrix, São Paulo, 1998

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

Nós que pesquisamos em alguma área da ciência amamos a lógica, apreciamos controlar nossos experimentos e os fenômenos que observamos. Procuramos produzir

conhecimentos através de teorizar, medir, provar e prever.

Entretanto, há um sistema de encadeamento distorcido no processo de construção de pensamentos que nos faz micro-distintos a cada momento. O pesquisador procura controlar o mundo que pesquisa, mas sua construção de pensamentos tem fenômenos incontroláveis. Quem gerencia totalmente a psique?

Não apenas dois cientistas, diante de um mesmo fenômeno, produzem conhecimentos micro ou macro-distintos, mas um mesmo cientista produz conhecimentos distintos de um mesmo fenômeno observado em dois momentos diferentes.

Por quê? Porque nunca somos os mesmos.

As variáveis que estão no palco de nossas mentes e que alicerçam a interpretação, tais como leitura da memória, estado emocional, motivação, nível de stress, nos tornam distintos a cada momento. Produzimos a lógica da matemática e da física, mas nossa inteligência é tão espetacular que não cabe dentro de um mundo lógico. Quem a teceu? Um fantástico Criador!

O território da emoção escapa ao controle lógico-científico.

Num instante podemos estar alegres e noutro, apreensivos; num tranqüilos e noutro ansiosos. Que tipo de energia constitui nossas emoções e a faz mudar de natureza em frações de segundos?

Às vezes, diante de um pequeno problema reagimos com grande ansiedade e diante de um grande problema reagimos com tranqüilidade. A matemática da emoção rompe com os parâmetros da matemática numérica, o que nos torna belos e, por vezes, imprevisíveis e complicados. A energia emocional tão criativa, livre e imprevisível pode ser fruto apenas do metabolismo cerebral? Não! O metabolismo cerebral é lógico 190

O mais Ambicioso Plano da História

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

demais para explicar o mundo emocional e o sistema de encadeamento distorcido no processo de construção de pensamentos. Quem confeccionou a energia psíquica?

A teoria da evolução de Darwin, apoiada pelas mutações e variabilidade

genética, pode explicar a adaptação das espécies diante das intempéries do meio ambiente, mas não explica os processos ilógicos que ocorrem nos bastidores da alma humana.

Ela é simplista demais para explicar a fonte que gera o mundo das idéias e das emoções. A alma humana precisa de Deus para explicá-la...

Não apenas um pai produz reações distintas diante de um mesmo tipo de comportamento de um filho observado em dois momentos distintos, mas os cientistas também produzem conhecimentos distintos, ainda que não o percebam, diante dos mesmos fenômenos que observam.

Tais processos ilógicos são ruins? De modo algum. Eles geram a intuição e produzem os saltos criativos, a inspiração, o belo, as novas idéias que os cientistas não sabem explicar como surgiram. Einstein disse, certa vez, que não compreendia como surgiram as inspirações que contribuíram para a descoberta da teoria da relatividade. Se a mente humana fosse lógica, o mundo intelectual seria engessado, não teríamos inventado a roda, nem a escrita. Não haveria escritor e nem leitor.

Reitero, nunca há um mesmo observador analisando um mesmo objeto. Não apenas o observador mudou, mas o objeto também mudou, pois nada no universo é estável. Tudo no mundo físico passa por um contínuo processo de organização, caos e reorganização, gerando um belíssimo trânsito de mão dupla entre matéria e energia. Do mesmo modo, no mundo psíquico, cada pensamento produzido no campo de energia psíquica vivencia o caos e se organiza em novos pensamentos.

Só um Autor magnífico poderia conceber nosso intelecto!

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

Observe o mundo das idéias, a confecção das cadeias de pensamentos. O mundo físico é regido por leis. Tais leis governam os fenômenos e as relações entre si, o que gera limites.

Não podemos jogar um objeto para cima e esperar que a terra vá até ele. Ele vem até a terra porque é atraído pela sua força gravitacional. A lei da gravidade o controla.

Não podemos transformar um átomo numa molécula e nem um elétron num átomo. Entretanto, no mundo das idéias não existem tais limitações. Podemos pensar no que queremos, quando queremos e do jeito que queremos. Construímos os pensamentos com incrível plasticidade e liberdade criativa. Posso transformar um grande pensamento numa pequena idéia. Posso pensar no amanhã e viajar no passado, sendo que o amanhã

não existe e o passado é irretornável. Como podemos realizar tais façanhas? Que tipo de energia constitui o mundo dos pensamentos que o faz tão livre? Uma energia metafísica!

Tenho muito que falar sobre este assunto, pois o tenho estudado durante vários anos, mas não é este o objetivo deste livro. Só quero concluir que os fenômenos que constroem a inteligência me convenceram de que Deus deixou de ser uma hipótese remota e passou a ser uma realidade.

Há um campo de energia que está dentro do homem que podemos chamar de alma e espírito e que não pode ser explicado apenas pela lógica do cérebro, pela

lógica da física e muito menos pela lógica da matemática. A alma humana não é química.

A "idéia de Deus" não é uma invenção de um cérebro evoluído que resiste ao seu fim existencial. Há algo em nós que coabita, coexiste e cointerfere intimamente com o cérebro, mas que ultrapassa seus limites. Algo que chamamos de alma, psique e espírito humano. Algo que clama pela continuidade da vida, 192

O mais Ambicioso Plano da História

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

mesmo quando pensa em suicídio, algo que clama pela imortalidade.

Numa análise que tenho feito sobre a personalidade de Freud*, o pai da psicanálise procurava inconscientemente a eternidade, apesar de ter sido um judeu ateu. O amor atropelou o pensador. O amor intenso de Freud por um dos

seus netos, que estava morrendo lentamente de tuberculose miliar, abalou seus alicerces. Ao vê-lo morrer sem ter condições de resgatá-lo para a vida, escreveu uma carta a dois amigos que não apenas testemunhavam sua depressão, mas que evidenciavam que ela representava uma dramática reação inconsciente diante do fim da existência.

O caos emocional deste ilustre pensador evidencia que a vida possui fatos inesperados e variáveis incontroláveis, revelando que não há gigantes no território da emoção, que todos somos eternos aprendizes nesta curta e sinuosa existência.

Enxergar as flores das primaveras num ambiente em que os invernos desfolharam todas as plantas, como fazia o mestre da vida, é o nosso maior desafio.

A alma humana tem inúmeros detalhes que acusam a existência de um fantástico arquiteto da vida. Além disso, a análise da personalidade de Jesus Cristo abriu as janelas da minha mente, me fez ver a existência de maneira totalmente diferente de como a via. Ninguém poderia criar uma personalidade como a dele. O mestre dos mestres chegou ao limite da sabedoria, ao ápice da tranqüilidade, ao topo da serenidade, num ambiente em que imperavam as mais dramáticas violências físicas e psicológicas. Quem na história foi como ele?

* Cury, Augusto J, A Depressão de Freud, Editora Academia de Inteligência, São Paulo, no prelo.

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

2a. hipótese: Deus existe, mas a

humanidade é um projeto falido

Nesta hipótese, Deus existe, mas alguns crêem que a humanidade é uma criação que não deu certo. Todas as injustiças e dores humanas se perpetuam porque o Criador considerou a humanidade um laboratório falido.

Para eles, o Autor da vida ficou farto dos assassinatos, das discriminações, da intolerância, da agressividade que cometemos diariamente nas sociedades. Percebeu que os homens, apesar de construir ciência, criar cultura, produzir tratados de direitos humanos, não conseguem se livrar das suas misérias e injustiças.

Homicídios, estupros, discriminações, guerras incontáveis, crise do diálogo, fome, desigualdades sociais estão em todos os capítulos de nossa história. A humanidade é uma experiência do Criador da qual Ele desistiu. O homem é excessivamente corrupto e destituído de afetividade. Ele governa o mundo exterior, mas não administra a si mesmo, por isso não consegue construir um mundo social justo, afetivo e irrigado com solidariedade.

Os que crêem nesta hipótese acham que Deus nos abandonou à própria sorte neste planeta azul, que mais destruímos do que conservamos. Mergulhados no universo, construímos religiões como tentativa de achar o elo perdido entre a criatura e o Criador. Todavia, Ele esqueceu-se desta bela e frágil espécie.

Nesta hipótese, o Autor da vida não nos destruiu, mas encerrou nossos dias em poucos anos de existência. Depois da morte, o fim do espetáculo da vida. Neste caso, o sonho da imortalidade da alma seria apenas um belíssimo delírio religioso, pois a morte nos faria deparar com o drama do “nada”, do 194

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

“silêncio eterno”, do “caos da inexistência”, da perda irreparável da consciência. Com a morte do cérebro, as bilhões de experiências de vida que tecem a colcha de retalhos da identidade da personalidade se tornariam irrecuperáveis.

Os que defendem esta tese não percebem suas

conseqüências psicológicas e sociais. Os filhos nunca mais ouviriam a voz dos seus pais, os pais nunca mais reencontrariam os seus filhos, os amigos se separariam para sempre. Tudo aquilo por que lutamos e nos afadigamos no palco da vida seria em vão, pois, à ultima batida do coração, mergulharíamos na mais dramática solidão, a solidão da inconsciência existencial: nunca mais saberíamos quem somos, o que fomos e quem foram as pessoas que amamos e com quem convivemos.

3a. hipótese: Deus existe e traçou um projeto

inimaginável para resgatar a humanidade

Terceiro, Deus existe, mas criou o homem à sua imagem e semelhança e o colocou na bolha do tempo e lhe deu plena liberdade para agir segundo a sua consciência. Nesta hipótese, Deus criou o homem de maneira tão elevada que respeita as decisões humanas. Deu livre arbítrio para o homem escrever a sua própria história. Não criou um robô, mas um ser que pensa, que decide e que pode não apenas agir segundo a sua consciência, mas amar e rejeitar o próprio Deus. Esta tese revela que o Autor da vida é grande em poder e maior ainda em dignidade, pois somente alguém tão grande pode ter a coragem de deixar que os outros o rejeitem.

Nessa terceira hipótese, Deus sabe de todas as injustiças, de todos os sofrimentos, de todas as mortes das pequenas crianças, dos sofrimentos dos pais, dos escravos, dos injuriados, 195

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

dos miseráveis de nossa espécie. Restaurará a vida, devolverá a identidade dos mortais, reorganizará a personalidade das crianças ceifadas pelo fim da vida, aliviará toda dor, enxugará toda lágrima e a morte não mais existirá**60**.

Podemos nos perguntar: mas o tempo demora a passar, por que Deus não estanca logo as dores humanas? Para nós, o tempo é demorado; para Ele, não. Nós vivemos no parêntese do tempo, ele vive fora dos limites do tempo. O tempo não existe para o Eterno!

A terceira hipótese é descrita nos quatro evangelhos como a maior das verdades. É sobre ela que vou discorrer nos próximos textos. Nela, ele traçou um plano para resgatar o homem. Sem compreender este plano, poderíamos considerar que seu julgamento e morte foram atos de suicídio, pois só este plano justifica o fato de Jesus revelar que possui um poder que nenhum homem jamais teve e, ao mesmo tempo, se deixar morrer sem qualquer resistência. Somente um plano fascinante poderia explicar por que o mestre da vida se deixou passar pelos patamares mais indignos da dor física e emocional. Se tomarmos qualquer parâmetro, seja ele filosófico, psicológico, sociológico, psicopedagógico ou teológico, constataremos que seu plano é o mais espetacular da história. Vejamos.

O mais ambicioso plano da história

Todo ser humano à medida que desenvolve sua consciência quer saber qual o sentido da vida. Procuramos este sentido nos diplomas, nas riquezas, nos projetos filantrópicos, no bem estar social. Como andarilhos nesta complexa existência, freqüentemente indagamos: Quem somos? Por que existimos?

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

Contudo, não poucas vezes, quanto mais procuramos nossas respostas, mais expandimos nossas dúvidas.

O homem é uma pergunta que por dezenas de anos busca uma resposta. Quem não se perturba diante dos mistérios que cercam a vida ou está entorpecido pelo sistema social ou nunca usou com profundidade a arte de pensar. Trabalhamos, compramos, planejamos o futuro, mas não percebemos que somos minúsculos pontos inseridos no espaço.

Olhe para a lua, imagine-se pisando em seu solo. Perceba o quanto somos pequenos. Parece que somos donos do mundo e entendemos tudo. Ledo engano! Não somos donos de nada, nem da vida que pulsa em nossas células. Não entendemos quase nada. Em qualquer área do conhecimento, a ciência produziu conhecimento no máximo sobre cinco ou seis perguntas seqüenciais. A ciência é útil, mas o conhecimento que possuímos pode se tornar um véu que cobre nossa ignorância.

Tome por exemplo a química. Conhecemos a matéria, as moléculas, os átomos, as partículas subatômicas, as ondas eletromagnéticas. O que conhecemos depois disto? Muito pouco, todavia depois disto há ainda uma escala infinita de eventos. A

ciência é inesgotável e mal arranhamos a tinta da grande casa do conhecimento. Atados ao tempo e ao espaço, queremos entender o mundo e mal sabemos explicar quem somos.

Havia um homem que via o mundo além do tempo e do espaço. Nunca destacaram sua altura, portanto devia ter estatura mediana, menos de 1,80 m. Era fisicamente pequeno como qualquer um de nós, mas naquele homem se concentrava a força criadora do universo e de tudo o que há vida, toda a energia cósmica.

Um dia, quando os fariseus debatiam com o mestre, ele disse uma palavra que ninguém em plena sanidade mental tem 197

Análise da Inteligência de Cristo - O Mestre da Vida

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

coragem de dizer. Disse que sabia de onde tinha vindo e para onde iria**61**. Nenhum de nós sabe de onde viemos e para onde vamos a não ser que usemos a fé. A fé é a ausência da dúvida, mas, se usarmos exclusivamente a razão, temos de confessar que a dúvida é a mais íntima companheira de nossa existência.

Nunca admire demais os intelectuais, eles são, como todo mundo, "perguntas vivas" que perambulam por essa misteriosa e momentânea existência.

Como Jesus Cristo podia afirmar que sabia de onde vinha e para onde ia? São impressionantes os paradoxos que o cercavam. Ao mesmo tempo que previa a sua morte, ele afirmava que antes desta curta existência ele existia e, depois dela, ele continuará existindo. Ao ser preso, todos os seus amigos o abandonaram. Ao ser crucificado, seus amigos e inimigos pensaram que ele havia mergulhado no caos da morte. Mas, ao contrário da lógica, previa que sabia para onde ia. Expressava que ia além de um túmulo fechado, escuro e úmido.

Somos exclusivistas; ele, inclusivista. Sua missão era surpreendente. Não veio para fundar uma nova escola de dogmas e idéias. Seu plano era infinitamente maior do que isto. Veio introduzir o homem na eternidade, trazê-lo de volta ao Autor da vida e dar-lhe o seu Espírito. Como fazer isto? Vejamos primeiro os meios para compreendermos os fins.

Se há livros misteriosos, saturados de palavras e de situações enigmáticas são os evangelhos. Nos textos destes livros, há indicação clara de que o nascimento, o crescimento, o anonimato, a profissão e a missão de Jesus foram estritamente planejados.

Nada foi ao acaso. Este planejamento fica claro no texto em que Jesus descreve seu precursor, aquele que foi encarregado de apresentá-lo ao mundo**62**. Ele descreve que João Batista veio 198

O mais Ambicioso Plano da História

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

propositadamente como um homem estranho, com vestes, alimentação e moradia incomuns. João vestia pele de camelo, comia gafanhotos e mel silvestre e morava no deserto. Nada mais estranho. Convenhamos, nenhum apresentador de um rei teria tal comportamento.

Jesus disse aos fariseus sobre seu precursor: *"O que esperavam? Um homem com vestes finas?"*. E continua discorrendo que os que têm vestes finas habitam nos palácios, enquanto ele e João Batista optaram por ter uma vida sem privilégios sociais.

Eram comuns por fora, mas ricos por dentro.

O Autor da vida não queria que o homem se dobrasse aos seus pés pelo seu poder, mas por seu amor. O poder financeiro e político sempre fascinou mais o homem do que o amor. Mas apareceu alguém que até hoje nos deixa perplexos.

Poderia ter o mundo aos seus pés se usasse seu poder, mas preferiu ser amado a ser temido. Por incrível que pareça, o Todo-Poderoso veio procurar amigos e não escravos, por isso veio pessoalmente conviver com os homens. Diferente de Deus, o homem quanto mais conquista poder, mais perde seus amigos.

Segundo os textos dos evangelhos, Deus tem plena consciência de todas as necessidades humanas. Cada dor, angústia ou aflição tocam sua emoção. Ele nunca esteve alienado ao pranto dos pais que perderam seus filhos. Esteve

presente em cada lágrima que eles derramaram, em cada momento de desespero que viveram. Penetrou em todos os momentos de solidão e de descrença da vida que tiveram.

Certa vez, ao ver uma viúva da cidade de Nain, que perdera seu único filho, Jesus ficou profundamente sensibilizado. Ela não precisou dizer nada a ele sobre sua solidão. Ficou tão emocionado com sua dor que fez um milagre sem que ela lhe pedisse.

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

Apesar de saber de todas as coisas, Deus não intervém na humanidade como gostaríamos que ele interviesse e como ele desejaria intervir, caso contrário,

passaria por cima dos seus próprios princípios. Transgrediria a liberdade que dá ao homem em seguir seu próprio destino na pequena bolha do tempo.

Observem o comportamento de Jesus enquanto

caminhava na Judéia e na Galiléia. Ele nunca pressionava o homem a segui-lo, nem mesmo usava seus milagres para subjugá-lo. Somente isto explica por que não impediu Pedro de negá-lo nem Judas de traí-lo. Comunicou o que eles iriam fazer e não fez nada para mudar a disposição deles. Nunca alguém honrou tanto a liberdade humana. Discursamos sobre a liberdade nos tratados de direito e de filosofia, mas pouco a conhecemos.

Deus não poderia dar menos liberdade àqueles que possuem a sua imagem e semelhança do que dá para si mesmo.

O Autor da vida sempre respeitou a liberdade do homem porque sempre respeitou a sua própria...

Às vezes, o homem anda por caminhos desconhecidos, por trajetórias acidentadas. Tal trajetória gera a necessidade de milhares de diálogos entre ele e Deus e, por fim, tal comunicação se torna um memorial entre eles. O mestre da vida suportou um sacrifício tão grande para gerar homens livres e felizes e não máquinas humanas por ele controladas.

Um dia as crianças que morreram na mais tenra infância conquistarão uma personalidade: construirão idéias, sentirão, decidirão, terão uma história. Ele mesmo disse que o reino dos céus era das crianças, não apenas das de pouca idade, mas principalmente daqueles que não se diplomam na vida, que não se contaminam com a auto-suficiência**63**.

Por um lado, os homens o julgaram e o odiaram

injustamente; por outro, planejou cada passo do seu julgamento 200

O mais Ambicioso Plano da História

○

○

○

○

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

e morte. Com precisão cirúrgica, traçou os eventos de sua vida.

Por incrível que pareça nada escapou ao seu controle. Os homens planejam construir uma casa, fazer uma pós-graduação, ter um plano de previdência, mas ninguém planeja seu fim e muito menos o seu caos. Ele disse claramente a Pilatos que tinha vindo à terra com um propósito específico. Era um mestre e um maestro da vida. Enquanto traçava o seu plano, afinava a emoção dos homens e os ensinava a viver.

Todo homem que quer brilhar em sua história necessita ser empreendedor, criativo, ter uma dose de ousadia e possuir metas bem elaboradas. Sua criatividade e ousadia para cumprir suas metas eram fascinantes. Planejou morrer pela humanidade de um modo específico e num tempo determinado. Amou apaixonadamente uma espécie que não conhecia a linguagem do amor.

Aos olhos dos filósofos, dos pensadores humanistas, dos cientistas sociais e até do senso comum é incompreensível a morte de Jesus. Porém, se sairmos da bolha do tempo, do sistema social em que vivemos e das preocupações da existência que entorpecem nossa mente, compreenderemos a intenção subjacente do mestre da vida. Uma luz brilhará em nosso espírito e arejará o palco de nossas mentes. Então, compreenderemos que ele foi o maior empreendedor de que se tem notícia.

Jesus Cristo não veio inaugurar uma nova escola de pensamento, novos rituais espirituais e nem estabelecer regras de comportamento, embora estabelecesse nobilíssimos princípios de conduta. Não era segregacionista, embora inicialmente tivesse vindo abrir as janelas da mente dos judeus.

Seu plano incluía todos os homens de todas as religiões. Os 201

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

judeus, os islamitas, os budistas, os induístas, os sufistas, os negros, os brancos, os amarelos, os ricos, os miseráveis, as prostitutas, os puritanos, os doentes, os sadios, enfim, todo ser humano de qualquer época e cultura faz parte do seu projeto.

O Criador, através do seu unigênito, queria dar uma longevidade à humanidade que a medicina jamais sonhou em dar aos cambaleantes mortais e estabelecer uma justiça que os fóruns do mundo inteiro jamais imaginaram que existisse. O

mais justo e dócil dos homens veio sangrar pelos homens e causar a maior revolução da história da humanidade. Que plano fenomenal!

Apesar deste plano ser inigualável, temos de indagar: Se há um Criador com infinda sabedoria, por que não arrumou um modo mais fácil para resgatar a humanidade? Por que o filho do Altíssimo precisou nascer num estábulo, crescer de maneira simples, lombar madeira nas costas, dormir ao relento, ser torturado, ter seu corpo coberto por hematomas, ser humilhado publicamente e, por fim, morrer lenta e dramaticamente cravado numa trave de madeira?

Para responder a estas perguntas temos de ler inúmeras vezes suas biografias e o tanto quanto possível nos esvaziar dos nossos preconceitos e enxergarmos o problema da humanidade com os olhos do mestre.

O problema está na essência do homem e ligado a dois pontos fundamentais: à debilidade física do corpo e à incapacidade do homem de gerenciar seus pensamentos e emoções. Segundo o pensamento de Jesus Cristo, o corpo e a alma do homem são fragilíssimos, mesmo quando os parâmetros médicos e psiquiátricos dizem que estão saudáveis. Vejamos.

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

Um sacrifício para tornar

o mortal em imortal

Desde pequenos estamos acostumados a detectar e resolver problemas. Entretanto, o maior problema humano não pode ser extirpado: a morte. O discurso contínuo e eloqüente de Jesus sobre a vida eterna embutia o conceito de que para ele o corpo humano estava falido. Falido não por doenças clássicas, mas na sua essência, estrutura física, por isso ele morre. O mestre nunca temeu a morte e nunca a encarou como um processo natural, mas como um problema a ser extirpado da história humana.

Ninguém consegue conter os processos metabólicos que conduzem à velhice. A medicina está descobrindo que milhares de genes estão envolvidos no caos da vida. Um bebê recém nascido, apesar de ser tão novo, é suficientemente velho para morrer.

Quando estamos no ápice da saúde temos a sensação de sermos imortais, mas morremos todos os dias. Fazemos seguro de vida, seguro saúde, seguro do carro, colocamos grades nas janelas, alarme na casa, mas não impedimos que a vida se esgote no cerne de nosso metabolismo.

Nada neste universo é eterno, estável. Nenhum planeta, átomo ou estrela dura para sempre. Quem detém os melhores conhecimentos da física sabe, como disse, que o mundo físico se organiza, passa pelo caos e se reorganiza novamente. Segundo o homem mais misterioso que passou nesta terra, o Autor da vida é o único que possui uma vida que não sucumbe ao caos, que não possui princípios de dias e fim de existência. Este homem era aparentemente um simples carpinteiro, mas disse 203

-
-
-

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

que era o “pão da vida” e que quem dele comesse teria a vida eterna! Seu ambicioso plano visa a dar uma vida infindável ao temporal. Como isto é possível?

Ele se tornou um homem para cumprir sua justiça no lugar da criatura humana. Diferente de todos os credores, sacrificou-se para pagar o débito que o homem tinha com seu Pai. Deste modo, pode dar gratuitamente algo impensável e invendável à humanidade, a sua natureza eterna e incriada. Aos seus olhos somente tal natureza pode fazer o homem transcender a bolha do tempo e sair da condição de criatura para ter o status de filho de Deus. Crer nisto entra na esfera da fé. Todavia, em detrimento da fé, não há como não reconhecer a grandeza do seu plano.

Tinha todos os motivos para desistir diante de Anás, Caifás, Pilatos e Herodes Antipas e acabar com suas sessões de tortura, mas não o fez. Pensou em cada um dos seus amigos. Lutou sem desferir golpes em seus adversários. Lutou até morrer uma luta que não era sua. Levou seu plano até às últimas conseqüências. Num ambiente onde só era possível gritar, urrar de dor, odiar e condenar, optou pelo silêncio.

Para sintetizar um novo medicamento que combata doenças e prolongue alguns anos de vida são gastos, muitas vezes, centenas de milhões de dólares. O mestre da vida gastou a energia de cada célula do seu corpo para tornar realidade o sonho da imortalidade.

Transformando a essência da alma humana

Jesus Cristo não morreu apenas para tornar realidade o sonho da imortalidade, mas para conduzir o homem a navegar no território da emoção e a desenvolver as funções mais altruístas 204

O mais Ambicioso Plano da História

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

da inteligência. Ele almejava transformar e enriquecer a natureza da sua alma e de seu espírito. Para ele, por mais que o homem se esforce, não tem um prazer estável, não sabe amar, não sabe se doar, não é íntimo da arte de pensar, não sabe ser livre e nem governar suas reações, principalmente quando aumenta a

"temperatura" da sua emoção, quando vive situações tensas e estressantes.

Não apenas o corpo humano é frágil, mas a sua estrutura psicológica também o é. Olhe para as reações que ocorrem freqüentemente no palco de nossas mentes. Quem gerencia plenamente seus pensamentos e emoções? Quem é líder do seu próprio mundo? Dominamos o mundo que nos cerca, mas somos tímidos no controle de nossas angústias e ansiedades.

Facilmente perdemos a paciência com os outros. O mais calmo dos homens tem seus limites. Sob determinados focos de tensão pode reagir sem pensar e ferir as pessoas que mais ama.

Não precisamos fazer esforço algum para sermos egoístas e individualistas, tais características surgem espontaneamente ao longo do processo de formação da personalidade. Contudo, se quisermos nos doar, trabalhar em equipe e nos preocupar com o bem estar social precisamos de uma excelente educação e de um esforço diário para incorporarmos essas características.

Todos amamos o prazer e almejamos viver dias felizes.

Todavia, freqüentemente somos nossos principais carrascos.

Nós nos entulhamos com pensamentos negativos, preocupações existenciais e problemas que ainda não aconteceram. Além disso, temos baixa capacidade de sentir o prazer com o que temos e de contemplar o belo nos pequenos eventos da vida. Da meninice à velhice a tendência natural da emoção humana não é uma escala ascendente de prazer, mas de entristecimento. As 205

○

○

○

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

crianças são mais alegres que os adolescentes, que são mais alegres que os adultos, que são mais alegres que os idosos.

Olhe para a sua experiência, você é mais alegre hoje ou no passado? Conquistamos dinheiro e cultura, mas pouco a pouco perdemos a singeleza da vida. Embora haja idosos no corpo de jovens e jovens no corpo de idosos, com o passar do tempo temos tendência em expandir uma série de “favelas”, “bairros mal iluminados”, “lixo”, na grande cidade da memória. O

fenômeno RAM (registro automático da memória) registra involuntariamente todos os conflitos, preocupações, pensamentos negativos, fobias, ansiedade na memória, entulhando nosso inconsciente, deteriorando nossa qualidade de vida.

Vamos comentar novamente sobre a fome e a injustiça social. Temos superabundância de alimentos, mas milhões de crianças e de adultos morrem de fome todos os anos. Será que não há um grupo de líderes políticos que é capaz de estabelecer critérios para se produzir um imposto mundial no comércio exterior que subsidie a oferta de alimentos para os miseráveis de nossa espécie?

Somos brancos, negros, americanos, alemães, franceses, brasileiros, chineses,

mas perdemos o sentido de espécie. Não parece que pertencemos à mesma espécie, não somos apaixonados uns pelos outros. Quantos de nós temos prazer de entrar no mundo das crianças, dos colegas de trabalho e das pessoas íntimas que nos circundam? Uma das maiores gratificações que tenho como psicoterapeuta é descobrir o mundo interessante de pessoas que me procuram. Cada ser humano, ainda que viva no anonimato, possui uma história espetacular, mas nós não nos damos conta disso. Temos o 206

O mais Ambicioso Plano da História

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

privilégio de ser uma espécie pensante, mas nem sempre honramos nossa inteligência.

O mestre dos mestres da escola da existência deixou claro em seus pensamentos, parábolas, reações e nas críticas dirigidas aos fariseus que a essência da alma

humana estava adoecida.

Estava convicto de que o homem era líder do mundo exterior, mas não do interior. Percebia que a insatisfação e a ansiedade aumentava pouco a pouco à medida que passavam os anos.

Por isso convidava as pessoas a beber do prazer que dele emanava, da sabedoria que dele fluía, do amor que dele jorrava, da mansidão que dele borbulhava.

Almejava mudar a essência da alma humana. Planejou que o homem conquistasse uma vida lúcida, serena, sábia, alegre, tranqüila e saturada de paixão pela existência. Enxergava longe, queria mudar os paradigmas humanos e fazer a humanidade alcançar o sucesso de dentro para fora. Objetivava alcançar metas nunca alcançadas pela filosofia e ciências sociais. Os mais excelentes capitalistas e os mais notáveis socialistas ficariam perturbados se compreendessem os detalhes do plano do carpinteiro da vida. Ele veio com a maior de todas as incumbências, com a missão de produzir um novo homem: feliz e imortal.



○○○○○○○○○○○○○○○○○

○○○

-
-
-

do Autor da existência

Se lermos os evangelhos sob a ótica do mestre da vida extrairemos o seguinte pensamento: “O Deus ilimitado vestiu o manto das limitações humanas não para julgar o homem, mas para amá-lo e compreendê-lo”. O homem quer ser Deus, mas Deus quis ser um homem...

Nenhum homem que viveu os mais sublimes sentimentos chegou a amar tanto. Se há alguma coisa da qual Jesus possa ser acusado é de não pensar em si mesmo. Quanto mais forte é o amor de um homem, mais coragem ele tem. Não conheço alguém que desafiou mais o mundo ao seu redor do que o mestre de Nazaré.

Como Jesus expressa ter uma natureza divina, é necessário procurar entender algumas características da personalidade de Deus para compreendermos que tipo de esforço Ele fez para cumprir seu plano e quais os meios que empregou para executá-lo. Não pensava em entrar neste assunto quando me propus a analisar a inteligência de Cristo. Meu desejo era e ainda é analisar 211

Análise da Inteligência de Cristo - O Mestre da Vida

-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-

○

○

○

a sua intrigante e bela humanidade. Entretanto, cheguei a um grande impasse. Se não compreendermos minimamente a sua face divina não compreenderemos o que o motivou a morrer sem nenhum heroísmo.

Sua morte não objetivava inscrever seu nome nos anais da história. Ela foi carregada de vexames, vergonha e dor. Ao contrário do que muitos pensam, Jesus escolheu a morte mais humilhante, a que poderia apagar para sempre seu nome da história. O eloqüente apóstolo Paulo tinha razão quando dizia que a morte de Cristo na cruz era escândalo para os judeus e loucura para os filósofos.

Jesus Cristo abalou o mundo não pela sua morte, mas pelas suas palavras e gestos proferidos enquanto vivia e morria.

Quando o vigor lhe faltou, ele foi ainda mais fascinante. Vamos fazer uma empreitada e investigar agora algumas características de Deus descritas no maior best seller de todos os tempos: a Bíblia. Antes de descrevê-las quero enfatizar que os presentes textos tratam de uma análise imperfeita e limitada.

Felipe, um dos seus discípulos, certa vez lhe perguntou:

"*Senhor, mostra- nos o pai e isso nos basta".* Jesus fitou-o e disse uma frase que o chocou: *"Felipe, há tanto tempo estou convosco e não me conheces"* **64** . Em seguida, começou a dizer que ele e o Pai são um, que seu Pai estava nele e ele estava no Pai. Que mistério é este?

É difícil, se não impossível, distinguir o Deus filho e o Deus Pai. É um grande desafio estudá-los. Em alguns momentos, o Pai e o filho parecem separados; em outros, eles são um.

Quem quiser entender este assunto deve bater à porta de ilustres teólogos. Alguns talvez digam o que concluí em minha investigação: não temos capacidade intelectual para compreender plenamente a personalidade do Autor da existência descrita nas Escrituras. Como pode um grão de areia compreender a 212

○

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

dimensão do oceano? Se não compreendemos diversos fenômenos que agem em milésimos de segundos para produzir o mais débil dos pensamentos, como poderemos compreender a mente daquele que reivindica ter tecido nossa inteligência?

Tenho estudado a personalidade de alguns grandes homens como Vincent Van Gogh, Freud, Machado de Assis e outros.

Estudar a personalidade deles é um desafio, mas não se compara ao desafio de estudar a inteligência de Cristo, principalmente no que tange sua face sobre-humana.

Onipotente

Deus é Onipotente**65**, ou seja, pode realizar tudo o que quer, quando quer e do jeito que quer. Como vimos, Ele é Todo-Poderoso. A essência do seu ser concentra um poder ilimitado.

Só se submete ao conselho de sua própria vontade. Tudo que possamos imaginar sobre sua grandeza é apenas uma fração do que Ele é.

Nós produzimos conhecimento e executamos tarefas dentro dos limites das leis da biologia, da química, da física.

Mas o carpinteiro de Nazaré executava a sua vontade sem qualquer necessidade de obedecê-las. Quem era este homem que subjugava as leis do mundo tangível?

Para curar um leproso, infectado por milhões de bactérias, Ele dava uma ordem e simplesmente seu organismo ficava restaurado, desrespeitando as leis da biologia. Para ressuscitar uma pessoa morta, Ele ordenava o retorno à vida e o metabolismo dela, que estava dramaticamente esfacelado pela falta de oxigênio e nutrientes, era reorganizado.

Por duas vezes Jesus fez milagres que questionam todos os limites da física, todas as possibilidades da teoria quântica e 213

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

da relatividade de Einstein. Ele multiplicou pães, gerou matéria, criou algo inexistente, pelo simples desejo de sua vontade. Ou esse fato foi uma ilusão coletiva ou aquele carpinteiro brilhante realmente possuía divindade.

Não podia ser uma ilusão coletiva, porque não fez discurso para realizar este milagre e, portanto, não induziu as pessoas a acreditarem em seu poder. O relato destas passagens revela que a matéria simplesmente se multiplicou sem que a multidão, à exceção dos discípulos, se apercebesse do que estava acontecendo. Aquele misterioso homem não se submetia às leis da ciência; as leis da ciência se submetiam a ele**66**.

O Todo-Poderoso não precisa elaborar processos e calcular energia para executar seus projetos. Seu pensamento consciente não é de natureza virtual como o pensamento humano. Seu pensamento cria, gera, faz surgir algo novo do nada.

O Onipotente não precisa da ciência para atingir suas metas, pois concentra em si mesmo uma energia criadora ilimitada. É o único ser que faz tudo o que quer, quando quer e do jeito que quer. Só é submisso à sua capacidade de pensar e à sua consciência!

Onisciente

Deus também é Onisciente**67**. Ele é infinitamente sábio e inteligente, conhece tudo em todas as épocas**68**. Não precisa, como o homem, de tratados e nem de bibliotecas para conhecer os fenômenos do mundo.

Temos de gastar anos pesquisando, avaliando dados, interpretando fenômenos, para conseguir algumas respostas.

Entretanto, a cada dez anos o conhecimento que consideramos verdade é derrubado por “outras verdades”. Somos limitados 214

○

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

em nossa produção científica, mas o Onisciente tem ciência de tudo. Sua capacidade de assimilar, produzir e armazenar informações é ilimitada. Não precisa do sistema sensorial, visão e audição para perceber os fenômenos, pois penetra instantânea e essencialmente em tudo que é visível e invisível sem necessidade de pesquisá-los.

Os psicoterapeutas precisam gastar meses e anos para penetrar no mundo dos seus pacientes, interpretá-los e compreendê-los, ainda que parcialmente. O Onisciente não interpreta os comportamentos, Ele penetra no âmago da alma.

Vê, toca e sente a essência das intenções, dos pensamentos, dos sentimentos. Conhece cada porão do inconsciente, cada beco da emoção e cada avenida do pensamento de cada ser humano.

Entramos nos labirintos da memória e em meio a bilhões de opções resgatamos as informações que constituem as cadeias de pensamentos. Cada pensamento é organizado têmporo-espacialmente por uma complexa conjugação verbal,

inserindo os sujeitos, substantivos e adjetivos num contexto. Nunca pensamos ou assimilamos dois pensamentos de uma só vez. O

Deus Onisciente, ao contrário, pode produzir infindáveis pensamentos simultaneamente. Sua capacidade de pensar é multiconstrutiva e multidirecional.

Diferente da memória humana, que armazena fisicamente as informações no córtex cerebral e pode ser afetada por doenças tumorais e degenerativas, a memória dEle é inesgotável, não depende de arquivos lógicos e sistemáticos.

Onipresente

Deus ainda é Onipresente**69**: está em todo tempo e em todo lugar do universo. Nós lidamos com as variáveis do tempo e espaço, o Onipresente não está limitado a essas variáveis. O

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

tempo e o espaço inexistem para Ele, por isso une no mesmo cordel o passado, o presente e o futuro. Habita na aurora e no ocaso.

Qual é a origem do Deus Onipresente? Presos ao tempo, ficamos perturbados querendo saber qual é a origem de Deus.

Quantas vezes perguntamos: como e quando Deus nasceu?

Muitos teólogos e filósofos perderam-se no labirinto dos seus pensamentos tentando encontrar respostas insolúveis.

Fiz milhares de vezes essa pergunta. Travei inúmeras vezes minha mente buscando respostas inalcançáveis. Sucumbi num mar de dúvidas. Até que um dia uma luz brilhou no palco da minha mente. Compreendi que o problema não está na resposta, mas na pergunta. Concluí que as perguntas são frutos do sistema de parâmetros existentes em nossa memória temporal.

Formamos nossas mentes com coisas que nascem e morrem, que têm um início e um fim. Não conseguimos compreender um ser que tem vida em si mesmo, que não tem princípio de dias nem fim de existência**70**.

Nossa mente, por estar atada ao tempo e espaço, não consegue imaginar alguém que nunca nasceu, que não teve origem, que não teve um começo existencial, que sempre foi, é e será. Um dos nomes intrigantes do Onipresente nas Escrituras é “Eu Sou”: o que era, o que é e o que há de ser.

Ele é o Alfa e o Ômega, portanto, está nas duas pontas do alfabeto grego, nos extremos de todos os parâmetros imagináveis. Ele é a própria origem criadora do mundo existente.

Tudo que existe tem origem nEle. NEle foram criadas todas as coisas do mundo físico e metafísico**71**.

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

Um rei que nunca deixou seu trono

Certo rei teve um sonho. Nele, viu as misérias e as aflições que abatiam os seus mais simples súditos. Teve um sono perturbado. Ao amanhecer, brotou em sua alma um sentimento que nunca tinha tido antes, a compaixão. Condoído com a miséria do seu povo, resolveu se disfarçar de mendigo e sair bem cedo pelas ruas do seu reino. Queria compreender de perto as angústias das pessoas. Desejava passar fome, frio, sentir-se rejeitado, viver anonimamente, enfim, viver o que a grande massa do seu povo vivia. Pensou que somente conhecendo intimamente o seu povo poderia ser um grande rei.

Chamou seus ministros, disse-lhes sua intenção e pediu segredo. Comentou que pretendia ficar um mês longe das mordomias do trono. Os ministros, encantados com sua humildade, o aplaudiram. O rei, revelando uma modéstia nunca antes demonstrada, agradeceu.

Travestido de mendigo saiu do palácio ocultamente, antes dos primeiros raios de sol. Não se alimentou de seu farto café.

Às dez da manhã, pediu pão numa casa, recebeu um pedaço embolorado. Recusou-se a comer e reclamou do bocado.

Paciência não era uma das suas virtudes, mas o rei procurou se acalmar.

No almoço, de estômago vazio, sentiu um aperto na alma e no peito nunca antes sentido, era a fome. Saindo pelas casas, ganhou restos de comida do jantar da noite anterior. O cheiro azedo embrulhou-lhe o estômago, não almoçou. Aos que lhe negavam comida, esbravejava: “Miseráveis!”. Os donos das casas nunca tinham visto um pobre tão petulante.

À tarde, encontrou alguns mendigos na praça. Puxando 217

Análise da Inteligência de Cristo - O Mestre da Vida

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

assunto, não lhe deram atenção. Insistiu para ser ouvido e não o ouviram, perceberam nele um aroma de arrogância. Sentindo-se desprezado, irou-se e levantou a voz. Em troca, recebeu alguns tapas e safanões. Sabem o que aconteceu? O rei jogou a toalha e retomou imediatamente o seu trono.

De volta ao palácio, listou os homens que o ofenderam e mandou seus guardas encarcerá-los. Listou também os que lhe negaram alimento fresco e mandou açoitá-los. Por que o rei desistiu em menos de vinte e quatro horas de ser um homem simples, de conhecer as misérias dos seus súditos? Porque enquanto foi "povo", nunca deixou de ser rei.

O desenvolvimento espetacular

da humanidade de Jesus

A história de Jesus está na contramão da história deste rei. Ele saiu do seu trono, deixou seu imenso poder e pôde ser achado entre os miseráveis de Israel. Os homens o zombaram, feriram, mutilaram, mas ele nunca retrocedeu. Conseguia se misturar de maneira tão íntima que as pessoas não conseguiam defini-lo. Alguns diziam que ele era Deus, outros um profeta, outros ainda um simples carpinteiro. O mestre da vida enquanto foi "povo" deixou de ser rei. Sua realeza estava oculta dentro de si. Quem quisesse enxergá-lo teria de ver o que os olhos não viam.

Horas antes de ser preso, clamou ao Pai para que Ele o glorificasse com a glória que tinha antes que houvesse mundo**72**

e, quando estava preso, disse aos homens do sinédrio que se assentaria à direita do Todo-Poderoso. Quem era este homem?

Mateus revela algo esplêndido: o menino que nasceu há dois milênios foi uma criança ímpar na história. Seu nome era 218

A Inteligência de Deus: O Todo-Poderoso tem O que Aprender?

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

“Emanuel” **73**, que quer dizer, “Deus conosco”. Segundo os homens que viveram as pegadas do mestre de Nazaré e escreveram as suas quatro biografias, o Deus Onipotente, Onisciente e Onipresente deixou um dia sua majestade e veio habitar entre os homens.

O filho de Deus entrou numa mulher humilde e especial.

Usou o material genético humano. Viveu uma vida embrionária como qualquer criança. Confinou-se ao âmago de uma célula.

Esta célula se multiplicou em bilhões de outras, que pouco a pouco foram diferenciadas pelo DNA. Ganhou tecidos que se tornaram órgãos. Assim, como qualquer outro feto, adquiriu um sistema nervoso, cardiocirculatório, gastrointestinal, esquelético. O filho do Altíssimo que nunca foi limitado, conquistou um corpo físico e precisou do sangue de Maria para nutri-lo.

O unigênito de Deus que nunca se limitou ao tempo e espaço, ficou confinado por nove meses ao pequeníssimo espaço intrauterino. O útero de sua mãe humana, por mais tranqüilo e confortável que fosse, era uma grande prisão. Antes de penetrar na humanidade, podia estar em todos os cantos do universo, mas agora seus movimentos se restringiam aos malabarismos que fazia na piscina de líquido amniótico, como qualquer outra criança.

Suportou e se equipou destas experiências. Por isso quando adulto, amou

profundamente as crianças. Sabia cuidar delas como ninguém. Sabia educá-las melhor do que qualquer pai.

Por isso, quando elas morrem precocemente, é possível confiar nele como o mestre da vida, pois não apenas é o Criador, mas também um homem que viveu passo a passo todas as etapas do desenvolvimento da infância.

Nas últimas semanas do desenvolvimento fetal

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

-
-
-

Cresceu muito como todos os fetos, e, como todos eles, ficou sem espaço para se movimentar. Diminuiu seus movimentos, perdeu a sua liberdade, se encaixou no colo uterino. Deste modo preparou-se para ser expulso e suportar as turbulências da vida: a fome, a sede, as cólicas intestinais, a luminosidade, os transtornos sonoros.

Como Criador, sabia que se as crianças não se encaixassem no colo uterino e não restringissem temporariamente sua liberdade, teriam mais dificuldades de se adaptar aos estímulos estressantes do mundo extra-uterino. Isso explica por que a maioria das crianças que nasce prematura se torna hiperativa, ansiosa, mesmo sem traços genéticos para tal comportamento.

Elas, ao nascerem, por ainda terem um pequeno corpo, gozavam de grande liberdade para se movimentar dentro do útero.

Portanto, não tiveram tempo para aquietar o território da emoção e se psicoadaptar adequadamente aos estímulos estressantes sociais e físicos que teriam ao ser expulsas do útero materno.

Entretanto, a educação e o treinamento da emoção podem lapidar a hiperatividade. Em casos mais graves, determinados tipos de antidepressivos podem se tornar um excelente auxiliar terapêutico para desacelerar a hiperprodução de reações e pensamentos e propiciar condições para que o treinamento da emoção as eduque.

O mestre da vida adquiriu um corpo físico de carne e ossos e viveu uma vida humana genuína. Foi massageado pelas contrações uterinas, expulso do útero e, como qualquer criança, começou a sofrer. Experimentou cólicas geradas pelo funcionamento do aparelho digestivo e pela fermentação de alimentos. Alimentou-se do suco da vida contido no leito materno.

Tempos atrás, o tempo e o espaço eram brinquedos em 220

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

suas mãos, mas agora está restrito ao pequeno corpo de uma criança. O que se pode inferir é que, para ele, confinar-se ao corpo de um bebê é como estar engessado da cabeça aos pés.

Para quem sempre foi livre, a falta da liberdade é angustiante.

Mas não se importou, pois veio conhecer intimamente a obra prima da sua criação, a humanidade. Por amá-la, suportou todas as limitações pelas quais passamos.

Todavia, deve ter sofrido incomparavelmente mais do que todas as crianças, porque ao que tudo indica estava consciente de todas as etapas do desenvolvimento de sua humanidade. Por isso, com doze anos de idade, já expressava uma inteligência que deixava atônitos os mestres de Israel.

Nesta mesma cena, deixou perplexos seus pais, ao dizer que eles não deveriam ficar perturbados, pois ele estava na casa de seu Pai, que na época era o Templo de Jerusalém. Quem o ensinou a ler e ter uma sabedoria que superava a dos mestres da lei com tão pouca idade? Menino Jesus escondia a sabedoria de Deus.

Maria guardava em segredo as palavras de seu filho, pois sabia que, antes de ser seu filho, ele era o filho de Deus. As crianças nascem inconscientes e se tornam pouco a pouco conscientes. Ele foi concebido como criança, mas conservou a consciência de filho de Deus desde pequeno, o que lhe fez aumentar as dores

impostas pelas limitações físicas.

Tal consciência sobrenatural aos doze anos indica que ele sempre teve consciência de sua identidade e de sua missão em todas as etapas de sua infância. Desse modo, o embrião, o feto, o bebê, o menino Jesus cresceu de modo assombrosamente maravilhoso. O desenvolvimento da humanidade do mestre da vida foi espetacular.

Na esteira deste pensamento, um profeta de Israel, Isaías, comentou que um dia aconteceria um fenômeno incomum na 221

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

terra, um menino diferente de todos os meninos nasceria. Seu nome seria Deus

forte, príncipe da paz, Pai da eternidade... **74**.

Como pôde Isaías, que viveu muitos séculos antes do nascimento de Jesus Cristo, descrever no capítulo 53 com uma precisão cirúrgica algumas características marcantes de sua personalidade?

Os quatro evangelhos podem ser assim sintetizados: O

Autor da vida foi até às últimas conseqüências para trazer o homem de volta para si. Muitos não sabem, mas esses livros escondem uma bela história de amor.

Deus tem o que aprender?

Se há um Deus no universo com as características descritas no Velho e Novo Testamento, Ele não tem nada para aprender, porque suas características revelam que Ele tem todas as informações de todas as eras e de todos os tempos. Segundo o grande Rei Davi, sua capacidade intelectual é tão grande que penetra no âmago da alma e perscruta os pensamentos que ainda não foram processados. As palavras que ainda não foram proferidas em nossa boca, Ele já as conhece todas**75**. Sob este prisma, Deus não tem nada para aprender.

Entretanto, o Todo-Poderoso tinha o conhecimento das experiências humanas mas nunca as viveu. Não sabia o que era dormir ao relento, fazer do chão frio uma cama e de uma pedra, um travesseiro. Nunca havia sido zombado, humilhado, cuspido no rosto; nem sabia o que era passar fome e sede. Nunca havia sido desafiado, maltratado, rejeitado, nem experimentado hematomas, traumas e dores físicas. Os relatos dos evangelhos expressam que Ele se tornou um homem e em sua humanidade aprendeu a passar por todas essas experiências, até aquelas que a grande maioria de nós nunca passaremos. Como homem, Ele se tornou o grande mestre da vida e nós, lentos aprendizes.

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

Todos gostamos de nos aquecer com um aconchegante cobertor. Quem poderia imaginar o Deus eterno dormindo ao relento? A noite se tornou seu lençol, enquanto o vento frio roçava seu corpo. Ele tinha pele, músculos e fibras nervosas.

Sentiu as mais dramáticas dores, principalmente em seu julgamento e crucificação. Mas não reclamou, ao invés disso, era satisfeito e ainda tinha fôlego para aquecer a emoção dos homens. Ao ter sede e fome não se revoltou, mas se colocou como pão e água da vida.

Conversei com um cientista da Espanha, Phd em ciências da educação e que orienta muitos doutorandos, sobre minhas pesquisas relacionadas à construção do pensamento e à analise da inteligência de Cristo. Ele ficou muito interessado e me perguntou se tinha detectado nele alguma doença psíquica. Disse que tentei, mas não consegui. Mostrei-lhe que sua humanidade tinha sido invariavelmente saudável sob todos os ângulos psicológicos e sociológicos.

Ele ficou meio desapontado e me disse que se Jesus tivesse tido alguma doença emocional seria mais fácil nos espelharmos nele, já que somos sujeitos a tantas doenças ansiosas e estressantes. Comentei que apesar de não ter diagnosticado nenhuma doença emocional, ele passou por reações depressivas e ansiosas momentâneas da mais alta intensidade. Passou por um concentrado de situações estressantes que deveriam afetar completamente sua saúde psíquica, mas soube superá-las.

Comentei que mesmo para alguém que rejeita a idéia de Deus, não há como deixar de ficar assombrado com sua saúde psíquica e com seu projeto transcendental. E acrescentei que todos os que lêem a sua história podem aprender profundas lições e realizar um refinado treinamento da emoção capaz de contribuir para gerar uma alta qualidade de vida.

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

O mestre da vida virou o mundo de cabeça para baixo, estilhaçou todos os conceitos que o homem poderia ter sobre o Criador. Era de se esperar que Jesus Cristo revelasse um Deus frio, distante e que reivindicasse reverência absoluta dos homens e exigisse que todos eles se prostrassem aos seus pés, mas, ao invés disso, Ele prostrou-se aos pés dos homens.

Ninguém pode acusar o Autor da vida de não se importar com as mazelas humanas, pois quando todos pensavam que Ele estivesse infinitamente distante da humanidade, estava jantando com leprosos, acariciando os miseráveis, tratando dos deprimidos, dos ansiosos, dos feridos de alma.

Vejamos no próximo capítulo a manifestação da sua humanidade e algumas de suas lições ímpares.



○○○○○○○○○○○○○○○○

○○

C A P Í T U L O 1 3

AS LIÇÕES E

TREINAMENTO DA

EMOÇÃO DO MESTRE

DA VIDA

-
-
-

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

Mapeando a alma humana

O filho de Deus apareceu sorrateiro num estábulo, cresceu de modo simples. Ninguém percebia claramente quem ele era.

Desejava respirar o mesmo ar que eles, tocá-los e conviver sem barreiras.

Aprendeu cedo o ofício da carpintaria. Para aquele que se colocou como autor do mundo era um verdadeiro teste construir telhados. Para aquele que disse ter a mais alta posição do universo, escalar casas e encaixar peças de madeira era uma grande limitação, mas não se importou, não teve vergonha do seu humilde trabalho. Embora tivesse a mais elevada cultura de todos os tempos, teve a humildade de ser criado por pais humanos e freqüentar a escola da vida. Foi um

grande mestre porque aprendeu a ser um grande aluno.

O carpinteiro de Nazaré tinha dois grandes ofícios. O

primeiro era trabalhar com a madeira e construir telhados; o segundo, o mais importante, o que escondia sua verdadeira missão, era mapear a alma humana. Veio compreender as raízes 227

Análise da Inteligência de Cristo - O Mestre da Vida

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

mais íntimas do universo consciente e inconsciente do ser humano. O mestre da vida mapeou o mundo dos pensamentos e das emoções humanas como nenhum pesquisador da psiquiatria e da psicologia.

Enquanto encaixava e pregava as peças de madeira e os raios de sol

queimavam-lhe o rosto, atuava como o mais excelente observador do comportamento humano. João, seu discípulo, escreveu que ninguém precisava dar relatos para ele sobre o que era ser homem e quais suas intenções subjacentes, pois ele mesmo se tornou um homem e como tal analisava atentamente a natureza humana. Perscrutava embevecidamente cada expressão facial e cada gesto das pessoas**76**. Transcendia a cortina do comportamento e investigava com exímia habilidade os fundamentos de cada reação humana.

Enquanto fazia calos nas mãos, ele compreendia as dificuldades do ser humano em lidar com as perdas, críticas, ansiedades, frustrações, solidão, sentimento de culpa, fracassos.

Enquanto visitava seus amigos e andava pelas ruas da pequena Nazaré, analisava a ira, a inveja, o ciúme, a impaciência, a instabilidade, a simulação, a prepotência, o desânimo, a baixa auto-estima, a angústia, tudo que consumia diariamente a vida das pessoas. Ninguém imaginava que escondido na pele de um carpinteiro se encontrava o mais excelente mestre da vida.

Ninguém poderia imaginar que um homem que bateu martelos estava fazendo uma análise detalhadíssima da humanidade.

Qual foi o resultado de tantos anos de investigação e análise da alma humana? O resultado não poderia ser mais surpreendente. As palavras que ele disse causaram assombro até para um ateu radical. Quando abriu a sua boca ao mundo, era de se esperar que Jesus Cristo condenasse e punisse com veemência a humanidade, pois detectou todos os seus defeitos.

○

○

○

○

○

○

○

o

o

o

o

o

o

o

o

Todavia, eis que ele bradou com a mais alta eloqüência palavras com doçura e brandura como ninguém jamais falou, nem antes nem depois dele. O perdão em sua boca virou uma arte; o amor se tornou poesia; a solidariedade, uma sinfonia; a mansidão,um manual de vida.

O mestre da vida, por amar intensamente o ser humano e perceber as falhas contínuas que permeavam sua alma, ao invés de tecer críticas às pessoas, acolheu calorosamente a todos. Sabia que o homem, em sua grande maioria, gostaria de ser paciente, gentil, solidário, amável, mas não tinha estrutura para submeter a energia emocional e o processo de construção de pensamentos ao pleno controle de sua vontade.

Compreendeu que o homem, apesar de ter capacidade de controlar o mundo à sua volta, não conseguia controlar o mundo dentro de si. Quando dizia aos seus discípulos que eles eram homens de pequena fé, muitas vezes não se referia a milagres sobrenaturais, mas ao maior de todos os “milagres naturais”

expresso pelo domínio do medo, da inveja, da ira, da ansiedade, da angústia, do desânimo.

Aquele que esquadrinhou o funcionamento da mente humana não considerou a humanidade um projeto falido, ao contrário, veio consertá-la de dentro para fora, veio trazer mecanismos para resgatá-la. Por isso, honrou e valorizou cada ser humano do jeito que ele é, na esperança de poder transformá-lo.

Treinando e transformando a emoção

Um dia recebi uma ligação diferente em meu consultório.

A não ser em caso de urgência, peço para não ser interrompido nas consultas. Mas uma pessoa pediu para interromper. Era 229

Análise da Inteligência de Cristo - O Mestre da Vida

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

alguém expressando, não um problema, mas uma grande alegria.

Queria relatar uma experiência que teve ao ler o segundo livro desta coleção, “O Mestre da Sensibilidade”. Disse-me que possuía um grave conflito que o perturbava por décadas.

Comentou que seria um novo Hitler, pois odiava as pessoas que o rodeavam e desejava assassiná-las. Não conseguia controlar sua raiva pela sociedade.

Além disso, relatou que tinha desejo constante de suicídio, que a vida não tinha mais qualquer sentido para ele. Havia passado nas mãos de doze psiquiatras, mas

sem nenhum sucesso no tratamento. Nenhum medicamento e nenhum procedimento psicoterapêutico o ajudou. Porém, após compreender como Jesus navegava no território da emoção, como lidava com as dores e frustrações da vida, como superava seus focos de tensão e como vivia a arte de amar, uma revolução ocorreu em seu ser.

Disse-me que a leitura deste livro mudou a sua história.

Começou a penetrar dentro de si mesmo e a repensar os parâmetros de sua vida. Começou a se perdoar e a ser afetivo com as pessoas que o rodeavam. Uma paixão pela vida brotou no cerne da sua alma. Sentia-se livre e feliz como nunca esteve.

Comentou que foi o melhor presente que recebeu em seus sessenta anos de idade, por isso insistiu em me dar essa notícia.

Fiquei muito feliz por ele, entretanto estou convicto de que a revolução que ocorreu em sua vida não foi causada por mim, enquanto escritor, mas pela grandeza do personagem que descrevo. Vários relatos semelhantes a esse têm ocorrido. O

mestre da sensibilidade mudava completamente a maneira das pessoas de ver o mundo e de reagir nas relações sociais. Agora, como mestre da vida, vemos uma outra face do seu ensinamento: as lições de vida e o treinamento da emoção.

Muitos têm escrito sobre a emoção influenciando a 230

As lições e Treinamento da Emoção do Mestre da Vida

○

○

○

○

○

○

○

○

o

o

o

o

o

o

o

inteligência e o comportamento humano, mas não sabem que há dois mil anos houve um mestre especialista em treinar as áreas mais difíceis e belas da energia emocional.

Não impôs nenhuma condição para acolher as pessoas**77**.

Por conhecer as dificuldades do homem em administrar suas emoções, ensinava sistematicamente que as relações sociais deveriam ser pautadas pela compreensão, solidariedade, paciência, respeito pelas dificuldades dos outros, amor ao próximo e não pela punição e condenação. Sabia que sem tais requisitos não era possível viver uma vida livre e satisfeita nessa sinuosa existência.

As lições de vida e o treinamento da emoção que Jesus deu aos seus discípulos eram elevadíssimos e podem enriquecer a história de todos nós. Vejamos algumas delas.

Ensinou o caminho da simplicidade. Aprender a ser simples por fora, mas forte, lúcido e seguro por dentro era uma lição básica. Algumas pessoas pagam para sair nas colunas sociais, mas os que andavam em suas pegadas aprendiam a valorizar aquilo que o dinheiro não compra e o status social não alcança.

Certas pessoas parecem humildes, mas têm uma humildade doentia. Recentemente um jovem deprimido me procurou com um profundo ar de penúria. Não olhava nos meus olhos. Dizia que era feio, que não tinha cultura, que ninguém se importava com ele e que não tinha inteligência para realizar nada de digno.

Muitos tentaram ajudá-lo, mas ninguém conseguiu.

Observando sua rigidez disfarçada de humildade, fitei seus olhos e disse-lhe:

“Você é um deus”. Espantado, ele me perguntou:

“Como assim?” Respondi: “Suas verdades são absolutas, ninguém consegue penetrar no seu mundo. Você crê plenamente naquilo que pensa. Só deus pode pensar de maneira tão absoluta, sem se questionar”.

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

Então, ele começou a entender que era impenetrável, que precisava abrir espaço para trabalhar seus conflitos e reciclar as suas verdades. Entendeu que, por detrás da cortina da sua humildade, havia uma pessoa impenetrável, auto-suficiente, que agia como um carrasco de si mesma. Na psicologia clínica, o

“eu passivo e autopunitivo” é um problema maior do que a própria doença do paciente.

A humildade que Jesus apregoava era um brinde à vida: era inteligente, cativante e saudável, capaz de deixar atônitos seus observadores. Amava agir com naturalidade e espontaneidade. Não fazia acepção de pessoas. Jantava na casa de qualquer família que o convidava e sentia-se tão bem no meio das pessoas que freqüentemente se reclinava à mesa.

Ensinou a navegar nas águas da emoção. Uma das maiores dificuldades da educação clássica é não saber como ensinar os jovens a trabalhar com seus fracassos, angústias e medos. O

mestre da vida foi muito longe em seu treinamento. Treinou seus seguidores a fazer dos seus fracassos nutrientes para as suas vitórias; conduziu-os a não se conformar com as suas misérias emocionais e a superá-las; levou-os a confrontar e vencer o medo de doenças, da morte, de ser excluído socialmente, humilhado, incompreendido, abandonado, ferido.

Ensinou o caminho da tranqüilidade. Treinou seus discípulos a encontrar a paz interior através de perdoar seus inimigos. Ensinou que para amá-los era necessário tirar a trave dos olhos e enxergar a própria debilidade, assim teriam maior visibilidade para compreender as causas subjacentes dos comportamentos daqueles que os feriam**78**. Não julgando-os, mas compreendendo-os, detectariam as razões que os motivaram a desferir seus golpes. Detectando-as, estes golpes deixariam de gerar raiva e produziriam compaixão. Deste modo, os inimigos deixariam de ser inimigos.

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

Jesus fez da capacidade de compreender e de enxergar o mundo com os olhos dos outros atributos dos fortes. Os fracos não resistem ao ímpeto de criticar, mas os fortes compreendem e amam. O mundo podia desabar sobre o mestre da vida, mas nada lhe roubava a tranqüilidade e perturbava-lhe o sono**79**.

Tamanha sabedoria o transformava no mais tranqüilo dos homens, no mais calmo dos torturados, no único réu que dirigiu seu julgamento.

Ensinou a nunca desistir da vida. Na parábola do filho pródigo, o pai silenciou o filho quando ele começou a relatar os seus erros. O filho pródigo não precisava de sermões, de punição, de críticas, pois o peso das perdas já o fizera demasiadamente infeliz. Ele precisava do aconchego do pai, do seu acolhimento, de coragem para não desistir da vida. Por isso, ao contrário de todos os pais do mundo, ao invés de dar uma merecida crítica, fez uma grande festa para o filho rebelde, insolente e insensível.

O filho ficou chocado com a amabilidade de seu pai e por isso aprendeu que o que mais tinha perdido não eram os bens que dizimou, mas a agradável presença do seu pai.

Nesta parábola, o mestre da vida foi mais longe do que qualquer humanista. Expressou que valorizava mais o homem do que seus erros, mais a vida do que seus percalços. Também desta história extraímos que, para ele, o retorno sempre é possível, ainda que tenhamos dissipado nossas vidas tolamente e pautado nossa história com perdas, frustrações e fragilidades.

Nem mesmo Judas escapou da sua gentileza. Jesus tinha todos os motivos para expor publicamente a traição deste discípulo, mas além de o ter poupado diante dos demais, o tratou com distinção até no ato da traição.

Ensinou a chorar quando necessário. Muitas vezes nossos sentimentos ficam represados. Não poucas pessoas sentem a 233

Análise da Inteligência de Cristo - O Mestre da Vida

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

o

o

o

Ensinou o caminho da autenticidade. Ao dizer, momentos antes de ser preso, que sua alma estava profundamente angustiada até a morte, usou sua própria dor para treinar seus discípulos a ser autênticos, a não disfarçar seus sentimentos, mas aprender a falar dos seus conflitos, ainda que fosse com alguns amigos mais íntimos. Infelizmente, muitos não conseguem abrir a boca para falar de si mesmos.

Ensinou a respeitar o direito de decisão das pessoas. O

mestre da vida treinou os impulsivos a pensar antes de reagir e os autoritários a expor e a não impor as idéias. Seus discípulos aprendiam com ele a não usar de qualquer pressão para convencer as pessoas a aderir às suas idéias. Apesar de dizer que tinha a água e o pão que matavam a sede e a fome da alma, nunca obrigava as pessoas a comer e beber dele, apenas as convidava. Ninguém era obrigado a segui-lo. Deu-nos uma lição inesquecível: o amor só consegue florescer no solo da liberdade.

Ensinou a arte da sensibilidade. Há pouco tempo, um amigo oncologista disse-me que ele e alguns de seus colegas médicos, por tratarem de pessoas com câncer e lidarem constantemente com a morte, estavam perdendo a sensibilidade, sentiam dificuldades de se comover com a angústia dos outros.

De fato, quem observa freqüentemente a dor e a morte, tais como os médicos, os enfermeiros, os policiais, os soldados nas guerras, pode se psicoadaptar aos sentimentos das pessoas e deixar de se encantar com a existência, o que conspira contra a qualidade de vida.

○

○

○

○

○

○

○

o

o

o

o

o

o

o

o

Ao dar importância para a história e para os conflitos de cada pessoa, o mestre da vida treinava a sensibilidade dos seus discípulos. Sua capacidade em se doar era admirável. Os discípulos queriam que ele estivesse nos patamares mais altos do poder e da fama, mas ele procurava os doentes, os que estavam deprimidos, ansiosos, e fatigados pela vida. Nunca alguém tão castigado pela vida desenvolveu a mais fina arte da sensibilidade.

Ensinou o caminho da contemplação do belo. Ao

encorajar seus discípulos a olhar os lírios dos campos e a não gravitar em torno dos problemas do amanhã, o mestre treinava seus discípulos a perceber que as coisas mais belas da vida estão presentes nas coisas mais singelas**80**. Percorremos freqüentemente longos e desgastantes caminhos para procurar a felicidade e não percebemos que aquilo que mais procuramos muitas vezes está mais perto do que imaginamos.

Ensinou o caminho para ser uma pessoa sociável e agradável. Treinou seus discípulos a gostar do cheiro de gente, a analisar os comportamentos das pessoas, a perceber seus sentimentos mais ocultos, a ser sábios e atraentes em seu falar.

Os que conviviam com o mestre da vida lapidavam sua postura áspera e austera e se tornavam serenos, educados e finos. O

próprio Jesus era tão agradável que todos queriam estar ao seu lado. Mulheres, homens, velhos e crianças concorriam para vê-lo, tocá-lo e manter algum diálogo com ele.

As lições de vida e o treinamento da emoção de Jesus Cristo revelam que ele

conquistou uma humanidade que atingiu o topo da sabedoria, da mansidão, da gentileza, da singeleza, do respeito pelos direitos humanos, da capacidade de se doar, da preocupação com o destino da humanidade. Por isso, embora nunca tenha tido privilégios sociais, por onde quer que passasse, 235

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

provocava um suspiro prazeroso nas pessoas. Ao encontrá-lo, muitos renovavam suas esperanças e reacendiam um novo ânimo de vida. Quando ele foi preso, todos estavam desesperados e impacientes.

O resultado

Sob as lições de vida e o treinamento da emoção produzidos pelo mestre da vida,

pescadores rudes e sem qualquer qualificação intelectual, após sua morte, levaram adiante a bandeira da maior revolução da história. Ele os treinou exteriormente e transformou-os interiormente.

Depois que passaram pelo refinado treinamento do mestre, eles nunca mais foram os mesmos, pois incorporaram pouco a pouco as mais belas e importantes características da inteligência, aprenderam a navegar nas águas da emoção, a superar o medo, a perdoar, a pedir desculpas, a derramar lágrimas, a abrir as portas da criatividade, a refinar a arte de pensar, a esculpir a linguagem do amor. Tais homens se tornaram uma luz num mundo escuro e, por vezes, inumano. Estudaremos este assunto no livro "O MESTRE INESQUECÍVEL"*

O maior comunicador do mundo foi o maior educador do mundo, teve o maior plano do mundo, foi o maior empreendedor do mundo, viveu o maior amor do mundo e causou a maior revolução do mundo. O resultado é que bilhões de pessoas de todas as raças, culturas, religiões e condições sócio-financeiras dizem segui-lo. E a parte do globo que diz não ser cristã, nutre profunda admiração por ele.

* Cury, Augusto J., Análise da Inteligência de Cristo - O Mestre Inesquecível, Academia de Inteligência, São Paulo, a ser publicado em 2002.

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

Final do julgamento: a grande surpresa

ao sair da casa de Pilatos

Quando alguém perde o seu poder numa sociedade, é colocado em segundo plano e deixa de influenciar o ambiente.

Jesus Cristo, ao contrário, conseguiu um feito extraordinário.

Quando assumiu plenamente sua condição humana, quando deixou de lado seus feitos sobrenaturais e sua exímia capacidade de argumentação, foi espantosamente ainda mais fascinante.

Livre, ele fez milagres e proferiu discursos com incrível sabedoria, arrebatando multidões. Preso, ele produziu olhares, pequenas frases e gestos quase imperceptíveis, que nos deixam perplexos.

Num ambiente onde só havia espaço para sentir o medo e o desespero, ele exalou tranqüilidade. Numa esfera onde só era possível reagir irracionalmente, ele expressou a mais bela afetividade e capacidade de pensar.

Agora ele foi julgado e está mutilado. Em menos de doze horas seus inimigos destruíram seu corpo. O filho do homem não tinha mais força para caminhar... Fizeram com ele o que não fizeram com ninguém que enfrentaria o suplício da cruz.

O mais amável e poderoso dos homens estava com dezenas de pontos hemorrágicos sobre sua cabeça. Sua face estava mutilada e inchada. Os olhos deviam estar quase invisíveis pelos traumas, pelo edema das pálpebras. Os músculos do abdome estavam feridos. Não conseguia andar direito. A musculatura das pernas estava lesada. A pele das costas estava aberta pelos açoites. Seu corpo estava desidratado.

Jesus ainda está diante de Pilatos e o vê lavar as suas mãos.

Assiste-lhe fazer a vontade dos judeus e entregar-lhe para ser 237

Análise da Inteligência de Cristo - O Mestre da Vida

-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

crucificado. O mestre da vida estava profudamente ferido e sem energia para carregar a cruz.

Lá fora, uma multidão de homens e mulheres impassíveis queria notícias. Desejam saber o veredicto romano. De repente, um homem quase irreconhecível, carregando com enorme dificuldade uma trave de madeira, aparece.

A multidão ficou chocada. Parecia uma miragem. Não acreditavam na cena. O

mais manso dos homens estava profundamente ferido. O homem que fez milagres estarrecedores foi desfigurado. O único homem que discursou ser a fonte da vida eterna estava morrendo. O poeta do amor estava sangrando.

A cena era impressionante. A angústia tomou conta de milhares de homens e mulheres. Um cordão humano foi feito para Jesus passar. Fico imaginando o que não se passava na mente daquelas pessoas sofridas que foram cativadas por ele e ganharam um novo sentido de vida.

Fico pensando como o sonho delas se converteu em um grande pesadelo. Perturbadas, talvez cada uma delas fizesse inúmeras perguntas para si mesmas: Será que tudo o que ele falou não era real? Será que a vida eterna, sobre a qual ele tanto discursou, inexiste? Será que nunca mais encontraremos as pessoas que amamos e que fecharam os olhos para a existência?

Se ele é o filho de Deus, onde está o seu poder?

O povo estava estarrecido. Ao contemplarem o mestre do amor cambaleante e sem energia para carregar a cruz, não suportaram. Todos começaram a chorar. Lucas descreve o desespero incontido daquelas pessoas. A esperança dos que vieram de tão longe para vê-lo se evaporou como uma gota d'água no calor do meio-dia.

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

o

o

o

o

o

o

O sangue escorria pela cabeça de Jesus e as lágrimas rolavam pelo rosto dos que o amavam. O sangue e as lágrimas se misturaram num dos mais emocionantes cenários da história.

Aparentemente ele era o mais fracassado dos homens, mas, apesar de desfigurado, conseguia ainda causar um grande impacto nas pessoas. Os homens do sinédrio e da política romana não imaginavam que ele fosse tão querido.

Estava tão abatido que não tinha forças para carregar aquilo que ele mais queria: a cruz. Ao carregá-la, caía freqüentemente, por isso precisou ser ajudado. Seu corpo todo doía, seus músculos traumatizados mal conseguiam se movimentar. Não havia, portanto, condições físicas e psíquicas para que se preocupasse com mais nada, a não ser consigo mesmo.

Entretanto, ao observar as lágrimas dos que o amavam, não suportou. Seu coração se derreteu...

Parou subitamente. Ergueu seus olhos! Conseguiu reunir forças para dizer palavras sublimes para aliviar a inconsolável multidão. As palavras que ele proferiu, bem como todos os mistérios envolvidos na sua travessia para o Gólgota, na sua crucificação e até a última batida do seu coração serão analisados no próximo livro da coleção, “O MESTRE DO AMOR”*.

As lições inesquecíveis para nossa vida

Ninguém disse o que Jesus disse quando todas as células do seu corpo morriam. Ele nos deu lições inesquecíveis da aurora ao ocaso de sua vida, enquanto proferia belíssimos discursos até às suas reações ofegantes. Mostrou-nos que a vida é o maior espetáculo do mundo!

* Cury, Augusto J., Análise da Inteligência de Cristo- O Mestre do Amor, Academia de Inteligência, São Paulo, no prelo.

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

o

A vida que pulsa na criatividade das crianças, na despedida dos amigos, no abraço apertado dos pais, na solidão de um doente, no choro dos que perdem seus amados era para o mestre dos mestres a obra prima do Autor da existência. Por isso planejou derramar a sua alma na morte para que a vida humana continuasse a pulsar.

Quando você estiver só no meio da multidão, quando errar, fracassar e ninguém o compreender, quando as lágrimas que você nunca teve coragem de chorar escorrerem silenciosamente em sua emoção e sentir que não tem mais forças para continuar sua jornada, não se desespere!

Pare! Faça uma pausa na sua vida! Não dispare o gatilho da agressividade e do auto-abandono! Enfrente seu medo! Faça do seu medo nutriente para sua força. Destrave a sua inteligência, abra as janelas da sua mente, areje o seu espírito! Não seja um técnico na vida, mas um pequeno aprendiz. Permita-se ser ensinado pelos outros, aprenda lições dos seus erros e dificuldades. Liberte-se do cárcere da emoção e dos pensamentos negativos. Jamais se psicoadapte à sua miséria!

Lembre-se do mestre da vida! Ele nos convidou para sermos livres, mesmo diante das turbulências, perdas e fracassos, mesmo sem haver nenhum motivo exterior para nos alegrarmos.

Tenha a mais legítima de todas as ambições: ambicione ser feliz! A matemática da sua emoção agradece.

Recorde que Jesus Cristo passou pelos mais dramáticos sofrimentos como um ser humano igual a você e os superou com a mais alta dignidade. Seja apaixonado pela vida como ele foi. Lembre-se de que por amar apaixonadamente a humanidade ele teve o mais ambicioso plano da história. Recorde que, neste plano, você não é mais um número na multidão.

A vida que pulsa na sua alma o torna uma pessoa especial, 240

As lições e Treinamento da Emoção do Mestre da Vida

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

inigualável, por mais dificuldades que atravesse, por mais conflitos que tenha. Portanto, erga seus olhos e olhe para o horizonte! Enxergue o que ninguém consegue ver! Veja um oásis no fim do seu longo e escaldante deserto!

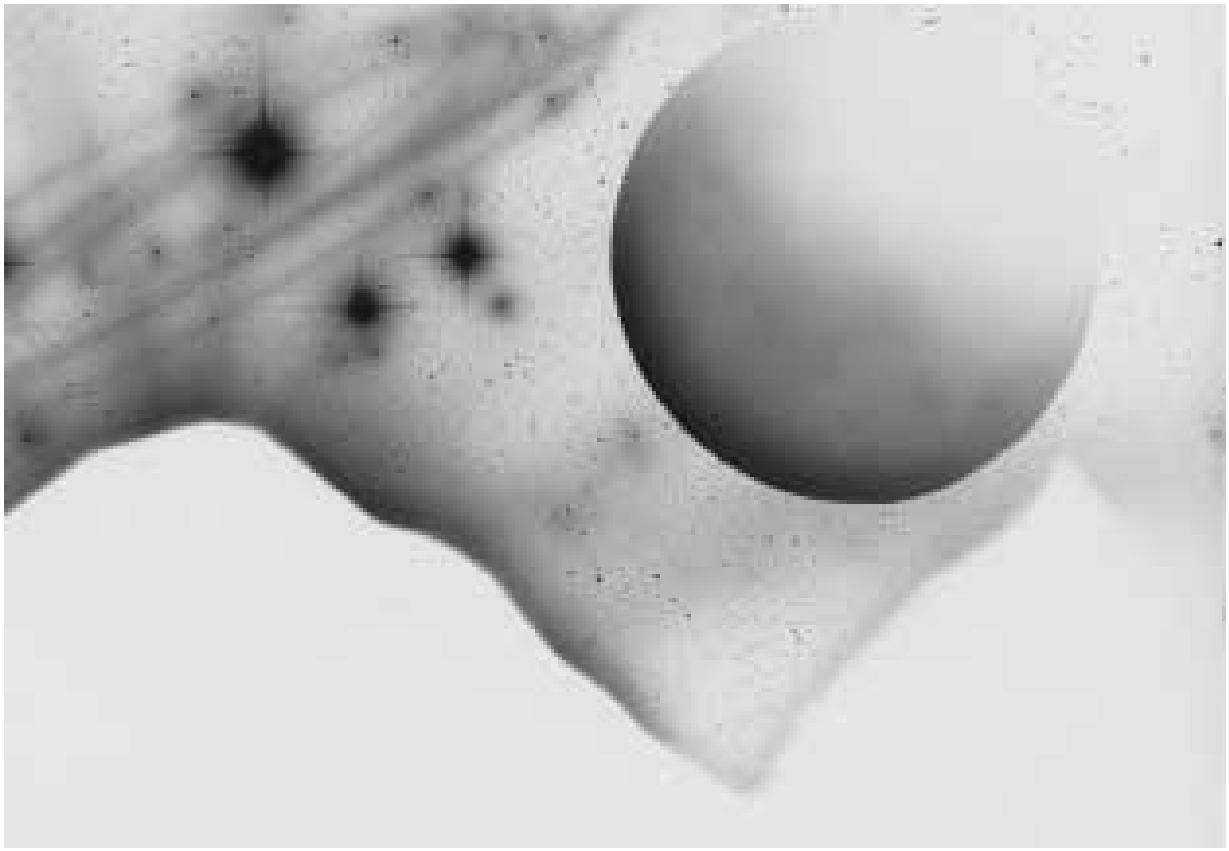
Saiba que as flores mais lindas sucedem os invernos mais rigorosos. Tenha convicção de que dos momentos mais difíceis de sua vida você pode escrever os mais belos capítulos de sua história...

Nunca desista de você! Dê sempre uma chance para si mesmo. Nunca desista dos outros! Ajude-os a corrigir as rotas de suas vidas. Mas se não conseguir, poupe energia, proteja a sua emoção, aguarde que eles decidam ser ajudados. Enquanto isso, aceite-os do jeito que eles são, ame-os com todos os seus defeitos. Amar traz saúde para a emoção.

Jesus encantava as pessoas com suas palavras. As multidões, ao ouvi-lo, renovavam suas forças e reencontravam um novo sentido para viver! Reacendeu a esperança de muitos, mesmo quando não tinha energia para falar. Compreendeu o que é ser homem e fez poemas sobre a vida até sangrando.

Pagou um preço caríssimo para lavrar o árido solo de nossas emoções. Brilhou onde não havia nenhum raio de sol. Nunca mais pisou nesta terra alguém tão fascinante como o mestre da vida...

* A editora *Academia de Inteligência* autoriza a reprodução do todo ou de parte do último tópico deste livro, *As lições inesquecíveis para nossa vida*, para ser distribuído ou afixado em escolas ou em qualquer outra instituição, desde que citada a fonte.



○○○○○○○○○○○○○○○○○

○○○

NOTAS

BIBLIOGRÁFICAS

Notas Bibliográficas

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

○

1 - João 12:19

41 - Mateus 22:21

2 - Mateus 23:4

42 - Lv 20:2,27; Dt 13:10; 17:15

3 - Lucas 14:5

43 - Mateus 27:2

4 - Lucas 14:12

44 - Mateus 27:18

5 - Mateus 23:14

45 - João 18:37

6 - João 7:46

46 - João 18:37

7 - João 18:3

47 - Lucas 23:10

8 - João 13:27

48 - Mateus 27:17

9 - Mateus 26:50

49 - Mateus 27:12

10 - João 18:4

50 - Mateus 27:29

11 - João 18:8

51 - Mateus 27:29

12 - João 18:8

52 - Mateus 27:30

13 - João 18:11

53 - João 19:5

14 - Mateus 26:53

54 - João 19:7

15 - João 12:27

55 - João 19:10

16 - Lucas 1:3

56 - João 19:14

17 - Mateus 18:19

57 - João 19:15

18 - Mateus 18:20

58 - João 19:12

19 - Mateus 18:23

59 - Mateus 26:25

20 - Mateus 18:22

60 - Apocalipse 21:4

21 - Lucas 22:66

61 - João 8:14

22 - Marcos 14:71

62 - Lucas 14:9

23 - João 18:24,25

63 - Mateus 18:3

24 - Lucas 23:2

64 - João 14:9

25 - João 5:40

65 - Judas 1:25

26 - Mateus 15:8

66 - Mateus 16:9

27 - Mateus 26:64

67 - Salmo 139

28 - Mateus 26:64

68 - Salmo 139:3,4

29 - Mateus 26:65

69 - Apocalipse 1:18

30 - Marcos 14:65

70 - Apocalipse 22:13

31 - Lucas 19:41

71 - Apocalipse 22:13

32 - Mateus 10:28

72 - João 17:5

33 - Mateus 11:29

73 - Mateus 1:23

34 - Mateus 27:1

74 - Isaías 9:6

35 - João 18:31

75 - Salmo 139:4

36 - Lucas 23:34

76 - João 2:25

37 - Mateus 22:21

77 -Mateus 5:43 a 45

38 - Lucas 13:1

78 -Mateus 7:3

39 - João 19:14

79 -Mateus 8:24

40 - João 8:12

80 -Mateus 6:28

Foram utilizadas as seguintes versões dos evangelhos: A Bíblia de Jerusalém, TEB-Bíblia Ecumênica, João Ferreira de Almeida R. A., Kimg James e Recovery Version.



Análise da Inteligência de Cristo

O MESTRE DOS MESTRES

(editora Academia de Inteligência, São Paulo, 2000) O mundo comemora o nascimento de Cristo, mas as pessoas não têm idéia

de como sua personalidade era intrigan-

te e sofisticada. Ele foi o mestre dos mes-

tres da escola da existência, a escola da

vida, uma escola na qual muitos psiquia-

tras, intelectuais e cientistas são peque-

nos aprendizes.

Este livro, ao estudar a inteligência de Cristo, resgata uma dívida da Psicologia, que se omitiu até hoje em pesquisá-la, trazendo à luz as características da personalidade Daquele que dividiu a história da humanidade.

Não importa o tipo de cultura, escolaridade, religião, status social e condição financeira que o leitor desse livro tenha. Cristo é universal e investigar a Sua inteligência anima o pensamento, rompe o cárcere intelectual, ex-pande a inteligência, estimula a sabedoria e enriquece o prazer de viver. Quem estudá-la nunca mais será o mesmo.



Análise da Inteligência de Cristo

O MESTRE DA SENSIBILIDADE

(editora Academia de Inteligência, São Paulo, 2000) Podemos estudar os grandes pensadores, tais como Platão, Descartes, Max

Weber, Hegel, Darwin, Freud, todavia

ninguém teve uma personalidade tão

complexa, misteriosa e difícil de ser com-

preendida como a de Jesus Cristo. Ele

não apenas causou perplexidade nos ho-

mens mais cultos de sua época, mas, ain-

da hoje, Seus pensamentos são capazes

de perturbar a mente de qualquer um que queira estudá-Lo, livre de julgamentos preconcebidos.

As sementes que Ele plantou germinaram na mente e no espírito daqueles galileus e incendiaram o mundo.

Ele causou a maior revolução da História, entretanto, não desembainhou uma

espada e não usou de qualquer violência. Foi, sem dúvida, o Mestre da sensibilidade.

A vida não O poupou. Do nascimento até à morte, Ele passou pelas mais amargas situações de sofrimento.

Entretanto, para nosso espanto, Ele era uma pessoa alegre e que irradiava tranqüilidade. Tinha uma habilidade ímpar para gerenciar Seus pensamentos e trabalhar as Suas angústias.

Sua motivação para cumprir Suas metas era surpreendente. Ao cair da última folha do inverno, conseguia ver as flores da primavera.

Estudar o *Mestre da sensibilidade* não apenas nos encantará, mas nos fará revisar as avenidas principais de nossas vidas.



A PIOR PRISÃO DO MUNDO

(editora Academia de Inteligência, São Paulo, 2000) A PIOR PRISÃO DO MUNDO é

um livro apaixonante, esclarecedor, cujo

objetivo é mostrar que a pior prisão do

mundo é a que aprisiona a nossa emoção

e nos impede de sermos livres e felizes.

Diversas doenças, tais como a

depressão, a síndrome do pânico, os

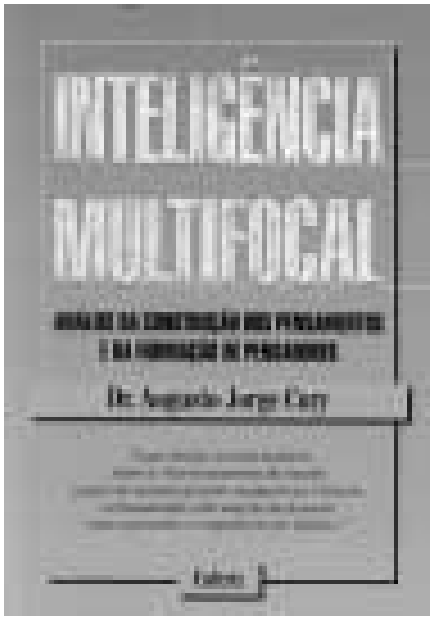
transtornos obsessivos, as fobias, encarceram a emoção.

Entre elas também se encontra a dependência de drogas ou a farmacodependência. Nada prejudica tanto a emoção como gravitar em torno dos efeitos de uma droga. Quem é prisioneiro no âmago da sua alma, além de perder a liberdade de pensar, faz de sua vida um atoleiro de tédio e de angústia.

Neste livro, Augusto Cury evidencia que as relações entre pais e filhos e entre educadores e alunos precisam passar por uma verdadeira revolução. Todos dividem o mesmo espaço, respiram o mesmo ar, mas vivem em mundos diferentes. Estão próximos fisicamente, mas distantes interiormente, o que os torna um grupo de estranhos.

A PIOR PRISÃO DO MUNDO interessa aos que

desejam compreender com profundidade o cárcere das drogas, os segredos do funcionamento da mente humana, e aos que almejam maior qualidade de vida e ser livres dentro de si mesmos.



INTELIGÊNCIA MULTIFOCAL

(editora Cultrix, São Paulo, 1998)

Há livros que nos inspiram, que

nos emocionam, mas não modificam a

nossa história pessoal. Mas há alguns que

revolucionam a Ciência, estilhaçam os

paradigmas intelectuais e modificam para

sempre a nossa maneira de pensar o

mundo e a nós mesmos.

Inteligência Multifocal enquadra-se

nesta última categoria. Seu autor, o dr.

Augusto Jorge Cury, é um cientista teórico, pensador humanista da Psicologia e da Filosofia, psiquiatra, psicoterapeuta e consultor de universidades para o desenvolvimento da inteligência multifocal. Suas idéias são ori-ginais, profundas, eloqüentes e críticas. Unindo a Psicologia com a Filosofia, ele abre as janelas da nossa inteligência, estimula-nos a desenvolver a arte de pensar e desvenda-nos o complexo funcionamento da mente humana.

Atualmente, as teorias de maior impacto que

enfatizam a área do desenvolvimento da inteligência são teoria da *Inteligência Emocional, de* Daniel Goleman, e a teoria das *Inteligências Múltiplas*, de Howard Gardner.

Levando em conta o fato de que todos os processos de construção da inteligência são multifocais, a teoria proposta pelo dr. Cury tem sobre essas duas teorias e sobre todas as outras a vantagem de ser muito mais abrangente, pois envolve toda produção intelectual, histórica, cultural, emocional e social criada na trajetória da existência humana.



A DEPRESSÃO DE FREUD

(editora Academia de Inteligência, São Paulo, 2001) O pai da psicanálise foi um dos

maiores pensadores do século XX. Suas

idéias influenciaram a psicologia, a

pintura, a escultura, a literatura, a

filosofia, o cinema e muitas outras áreas

da cultura. Era um pensador ousado,

lúcido e criativo. Entretanto, poucos

sabem, mas numa fase avançada de sua

vida experimentou o topo da dor humana: a dor da depressão.

Freud tratou de tantas pessoas, cuidou da emoção de muitos pacientes. Contudo, chegou sua vez de enfrentar as águas turbulentas da emoção e se deparar com o último estágio da dor humana. Neste livro será analisada uma carta escrita pelo próprio Freud, que revela um período importante e caótico de sua vida.

O autor usa uma nova e importante teoria para

desvendar os segredos da mente de Freud. Seremos ajudados a compreender os

mecanismos que produzem os transtornos emocionais e estimulados a nos

autoconhecer e a transitar com sabedoria no solo da existência. Ficaremos impressionados ao constatarmos que não há gigantes no território da emoção, todos somos eternos aprendizes.

Opiniões de alguns leitores:

"O seu livro "ANÁLISE DA INTELIGÊNCIA DE

CRISTO-vol. 1 e 2 é fantástico e está longe de ser um livro de auto-ajuda, mas um livro de conscientização para nossa real estrutura ontológica". **B.A.C.**

" Estou encantada com a obra "ANÁLISE DA

INTELIGÊNCIA DE CRISTO-vol1- vol2. De fato nunca se ouve falar sobre a profundidade do ser do Mestre Jesus." **N.L.**

"Ao ler sua obra "ANÁLISE DA INTELIGÊNCIA DE

CRISTO"vol1 E vol2 ,senti reacender em mim a paixão por Jesus Cristo. Agradeço por mim e por milhares de pessoas que leram seus livros e sentiram suas vidas mudarem. **I.D.**

"Li a coleção "ANÁLISE DA INTELIGÊNCIA DE

CRISTO" e a "A PIOR PRISÃO DO MUNDO" e achei fantásticos.Posso dizer até que é uma obra rara. Após ler os livros iniciei imediatamente aplicando através de exercício prático algumas de suas colocações, que estão facilitando significativamente minha maneira de encarar a vida em todos os campos, do profissional ao pessoal." **G.P.Z.**

"Parabéns pela sua obra. Você é um desses raros astros que volta e meia vem iluminando o caos literário que envolve os assuntos de Deus..." **R.F.**

"Sou médico e desde meus 15 anos leio a Bíblia, mais que qualquer outro assunto em particular , mas com seus livros deparei-me com um ponto de vista sobre a mente de Jesus que jamais tinha percebido e estou perplexo: Jesus foi e é muito, muito mais impressionante do que eu poderia conceber! " **H.C.S.**



Próximos lançamentos da editora

"O Cárcere da emoção"

Coleção

"Análise da Inteligência de Cristo"

"O Mestre do Amor" - vol 4

"O Mestre Inesquecível" - vol 5

A Editora Academia de

Inteligência agradece a todos os

leitores que, como poetas da vida,

têm difundido nossos livros

aos amigos, parentes, dentro de sua

empresa e principalmente nas escolas

do país e até em livrarias longínquas.

Nós, da editora, autorizamos e

encorajamos os leitores a dar

palestras nas escolas ou grupos sociais

usando o conteúdo destes livros, desde

que citada a fonte.

Agradecemos a todos os leitores

que nos têm enviado

e-mails emitindo suas opiniões e dizendo

que suas vidas ganharam novo significado

a partir da leitura destes livros.

Editora Academia de Inteligência

Contatos:

Email: **academiaint@mdbrasil.com.br**

Telefax: (17) 3342-4844

Contatos com o Autor:

E-mail: **jcury@mdbrasil.com.br**

Document Outline

- O Mestre da Vida
- SUM□RIO
- Pref□cio
- CAP□TULO 1 - AS CAUSAS SOCIAIS DO JULGAMENTO
- CAP□TULO 2 - O MESTRE DA VIDA PARALISANDO OS SOLDADOS
- CAP□TULO 3 - O PODEROSO E D□CIL: UM EX□MIO PSICOTERAPEUTA
- CAP□TULO 4 - REJEITADO E TORTURADO NA CASA DE AN□S
- CAP□TULO 5 - CONDENADO NA CASA DE CAIF□S PELO SIN□DRIO
- CAP□TULO 6 - OS HOMENS DO IMP□RIO ROMANO NA HIST□RIA DE CRISTO: O PANO DE FUNDO
- CAP□TULO 7 - O JULGAMENTO PELO IMP□RIO ROMANO
- CAP□TULO 8 - DOIS HERODES VIOLENTANDO JESUS
- CAP□TULO 9 - TROCADO POR UM ASSASSINO. OS A□OITES E A COROA DE ESPINHOS
- CAP□TULO 10 - A □LTIMA CARTADA DA C□PULA JUDAICA
- CAP□TULO 11 - O MAIS AMBICIOSO PLANO DA HIST□RIA
- CAP□TULO 12 - A INTELIG□NCIA DE DEUS: O TODO-PODEROSO TEM O QUE APRENDER?
- CAP□TULO 13 - AS LI□□ES E TREINAMENTO DA EMO□□O DO MESTRE DA VIDA a a a